

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MICHELSON DOS SANTOS BORGES

**ANÁLISE DO LEGADO LITERÁRIO DO PIONEIRO  
ADVENTISTA GUILHERME STEIN JR.**

São Leopoldo

2025

MICHELSON DOS SANTOS BORGES

**ANÁLISE DO LEGADO LITERÁRIO DO PIONEIRO  
ADVENTISTA GUILHERME STEIN JR.**

Dissertação de Mestrado para obtenção  
do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Religião, Teologia  
e Sociedade  
Linha de Pesquisa: História e Teologia

Orientação: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B732a Borges, Michelson dos Santos

Análise do legado literário do pioneiro adventista  
Guilherme Stein Jr. / Michelson dos Santos Borges ;  
orientadora Laude Erandi Brandenburg. - São Leopoldo :  
EST/PPG, 2025.

108 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST,  
São Leopoldo, 2025.

1. Adventistas - História. 2. Igreja Adventista do Sétimo  
Dia - Literatura polêmica. 3. Criacionismo. 4. Stein Jr.,  
Guilherme. I. Brandenburg, Laude Erandi, orientadora.  
II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MICHELSON DOS SANTOS BORGES

**ANÁLISE DO LEGADO LITERÁRIO DO PIONEIRO ADVENTISTA GUILHERME  
STEIN JR.**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia, Religião e  
Linguagens

Data de Aprovação: 17 de dezembro de 2025

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. LAUDE ERANDI BRANDENBURG (PRESIDENTE)**  
Assinado digitalmente

**PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (EST)**  
Assinado digitalmente

**PROF. DR. FÁBIO DARIUS (UNASP)**  
Docente visitante

Assinado  
digitalmente por:  
Laude Erandi  
Brandenburg :  
XXX.548.850-XX  
Date: 17/12/2025  
17:16:20 -03:00



Assinado  
digitalmente por:  
WILHELM  
WACHHOLZ :  
XXX.192.369-XX  
Date: 17/12/2025  
18:26:54 -03:00



*Dedico este trabalho ao Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira, fundador da Sociedade Criacionista Brasileira, que tanto se empenhou para preservar a memória e o legado de Guilherme Stein Jr. O esforço incansável de ambos deixou marcas profundas, que dificilmente conseguiremos medir em toda a sua grandeza.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, meu Criador, por me conceder vida, saúde, iluminação e forças em todos os momentos desta caminhada acadêmica. Sem Ele, nada teria sido possível.

Agradeço à minha família, pelo amor, apoio incondicional, compreensão nos momentos de ausência e incentivo constante. Obrigado, minha amada Débora e queridas “crianças”: vocês são meu alicerce e fonte de motivação.

Sou grato aos meus professores da Faculdades EST que, com dedicação e excelência, compartilharam conhecimento, sabedoria e valores que marcaram minha trajetória. A amizade e a inspiração de vocês não têm preço.

Ao professor Dr. Marcelo Ramos Saldanha expresso sincera gratidão pelas orientações preliminares, pelos conselhos valiosos e pelo incentivo constante, que enriqueceram imensamente esta pesquisa.

À minha orientadora professora Dra. Laude Erandi Brandenburg expresso minha profunda gratidão pela paciência, pela amizade e orientação cuidadosa que me permitiram concluir esta jornada de pesquisa.

À Casa Publicadora Brasileira (CPB), na pessoa de seus administradores, pastor Uilson Garcia e Sr. Diego Lotterman, e do gerente editorial pastor Wellington Barbosa, manifesto minha gratidão pelo apoio dado nessa empreitada de estudos e pesquisas. Além de líderes consagrados, vocês têm sido verdadeiros amigos.

À Sociedade Criacionista Brasileira (SCB) agradeço pelo suporte, pelos materiais disponibilizados e pela inspiração contínua na defesa da fé e da ciência criacionista. Registro uma gratidão especial ao Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira e a seu filho Rui Corrêa Vieira, pelo esforço em preservar o patrimônio intelectual de Guilherme Stein Jr., garantindo que novas gerações tenham acesso à história de vida e à obra desse importante pioneiro adventista. Sem esse monumental esforço de resgate e preservação, esta pesquisa seria impossível.

Reconheço, ainda, o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja contribuição foi fundamental para a realização deste trabalho.

A todos que, de alguma forma, colaboraram para que esta dissertação se tornasse realidade, deixo aqui meu muito obrigado e meu reconhecimento mais sincero.

## RESUMO

Esta dissertação explora a significativa contribuição de Guilherme Stein Jr. para o adventismo no Brasil, com foco especial em sua produção bibliográfica do início do século 20. Embora a história do adventismo no país esteja já relativamente bem documentada, a obra literária de Guilherme, composta principalmente por cinco livros, ainda carece de estudos acadêmicos aprofundados. O objetivo da pesquisa, situada na área de concentração Religião, Teologia e Sociedade e na linha de pesquisa História e Teologia, é analisar os temas centrais abordados pelo pioneiro em seus livros, avaliando o impacto de sua produção na formação teológica, filosófica e criacionista da denominação no Brasil. Hipotetiza-se que suas obras ajudaram a moldar o pensamento adventista no país, adaptando-o ao contexto cultural e fortalecendo a identidade denominacional. Além disso, o estudo visa a preencher uma lacuna historiográfica significativa, oferecendo uma análise detalhada de suas contribuições e resgatando a importância de Guilherme principalmente para o desenvolvimento da educação e da imprensa adventistas. O primeiro capítulo apresenta alguns breves traços biográficos do pioneiro antecidos por um resumo da chegada do adventismo ao Brasil. O segundo capítulo analisa o livro *Sucessos Preditos na História Universal*, que trata das profecias de Daniel. O terceiro capítulo trabalha com o livro *O Sábado*, que apresenta um estudo detalhado do quarto mandamento do Decálogo. E o quarto capítulo explora a trilogia de livros sobre a origem das línguas e das religiões.

**Palavras-chave:** Guilherme Stein Jr. Adventismo. História. Teologia. Literatura. Criacionismo.

## ABSTRACT

This dissertation explores the significant contribution of Guilherme Stein Jr. to Adventism in Brazil, with a special focus on his bibliographic production in the early 20th century. Although the history of Adventism in the country is relatively well-documented, Guilherme's literary work, mainly composed of five books, still lacks in-depth academic studies. The objective of the research, situated within the area of concentration Religion, Theology, and Society and the research line History and Theology, is to analyze the central themes addressed by the pioneer in his books, assessing the impact of his work on the theological, philosophical, and creationist formation of the denomination in Brazil. The hypothesis is that his works helped shape Adventist thought in the country, adapting it to the cultural context and strengthening the denominational identity. Additionally, the study aims to fill a significant historiographic gap by offering a detailed analysis of his contributions and recovering the importance of Guilherme, particularly for the development of Adventist education and the press. The first chapter presents some brief biographical details of this pioneer preceded by a summary of the arrival of Adventism in Brazil. The second chapter analyzes the book *Sucessos Preditos na História Universal*, which addresses the prophecies of Daniel. The third chapter deals with the book *O Sábado*, which presents a detailed study of the fourth commandment of the Decalogue. The fourth chapter explores the trilogy of books on the origin of languages and religions.

**Keywords:** Guilherme Stein Jr. Adventism. History. Theology. Literature. Creationism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O PRIMEIRO BATISMO ADVENTISTA EM TERRAS BRASILEIRAS</b> .....	31
<b>2.1 CHEGADA DO ADVENTISMO AO BRASIL</b> .....	33
<b>2.2 GUILHERME STEIN JR.</b> .....	37
<b>2.3 PIONEIRO MULTIFUNCIONAL</b> .....	41
<b>2.4 APOSENTADORIA E PRODUÇÃO LITERÁRIA</b> .....	51
<b>2.5 ÚLTIMOS DIAS EM SÃO PAULO</b> .....	52
<b>3 O SÁBADO E AS PROFECIAS DE DANIEL E APOCALIPSE</b> .....	55
<b>3.1 COMPARAÇÕES COM URIAH SMITH: FORMA E FUNÇÃO</b> .....	63
<b>3.2 ADAPTAÇÃO CULTURAL E APLICAÇÃO LOCAL</b> .....	64
<b>3.3 RESUMO ANALÍTICO DE SUCESSOS PREDITOS DA HISTÓRIA</b> <b>UNIVERSAL</b> .....	65
<b>3.4 RESUMO ANALÍTICO DE O SÁBADO OU O REPOUSO DO SÉTIMO DIA</b> .	67
<b>3.5 COMPARAÇÕES COM JOHN ANDREWS: FORMA E FUNÇÃO</b> .....	70
<b>3.6 ESTRUTURA DO LIVRO O SÁBADO OU O REPOUSO DO SÉTIMO DIA</b> ...	75
<b>4 TRILOGIA SOBRE A ORIGEM DAS LÍNGUAS E DAS RELIGIÕES</b> 78	
<b>4.1 A TRILOGIA</b> .....	81
<b>4.2 COMPARAÇÕES ENTRE O TOMO I E O TOMO II</b> .....	87
<b>4.3 ENTRE OS ÍNDIOS DO ARAGUAIA</b> .....	89
<b>4.4 UM OLHAR DIFERENTE SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS</b> .....	92
<b>4.5 A RELIGIÃO E A LÍNGUA SUMERIANAS</b> .....	95
<b>4.6 METODOLOGIA E CONTRIBUIÇÕES</b> .....	99
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	101
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	104

## 1 INTRODUÇÃO

A história do adventismo no Brasil é rica e complexa, marcada por figuras centrais que desempenharam papéis cruciais na construção e expansão da denominação no País, a partir do fim do século 19. Entre esses personagens, Guilherme Stein Jr. se destaca por sua contribuição significativa, especialmente por meio de sua vasta produção bibliográfica e sua atuação na educação e na imprensa adventistas. No entanto, apesar de sua importância, a obra escrita de Guilherme não tem recebido a devida atenção acadêmica, resultando em uma lacuna historiográfica significativa.

A problemática desta pesquisa reside na necessidade de explorar e compreender o legado de Guilherme Stein Jr., com ênfase particular em sua produção bibliográfica. Quais foram os temas com que Guilherme mais se ocupou? De que maneira suas obras influenciaram o desenvolvimento teológico e filosófico da denominação no Brasil? Qual a influência da literatura denominacional americana sobre os textos de Guilherme? Que nuances brasileiras podem ser percebidas em seus escritos?

A falta de estudos aprofundados sobre a produção bibliográfica de Guilherme impede uma apreciação plena de sua influência e das ideias que ele propagou. Portanto, esta pesquisa busca preencher essa lacuna, proporcionando uma análise detalhada de suas obras e destacando a importância de sua contribuição literária para a história adventista.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é o de investigar e compreender a produção bibliográfica de Guilherme Stein Jr., identificando os temas predominantes em seus livros, avaliando, também, seu impacto no desenvolvimento do pensamento teológico e filosófico do adventismo no Brasil, bem como sua influência na formação da cosmovisão criacionista e da identidade adventista no país.

A pesquisa se justifica, igualmente, pelo fato de o autor ter escrito um trabalho de conclusão de curso em jornalismo, em 1996, pela Universidade Federal de Santa Catarina, publicado depois em forma de livro, com o título *A Chegada do Adventismo ao Brasil*.<sup>1</sup> Um capítulo dessa obra é dedicado a Guilherme Stein Jr. Portanto, este trabalho acaba sendo o aprofundamento de um tópico importante daquele livro.

---

<sup>1</sup> BORGES, Michelson. **A chegada do adventismo ao Brasil: histórias de fé, coragem e dedicação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

A mesma dificuldade encontrada pelo autor quando da escrita do livro surgiu novamente ao redigir este trabalho: o envolvimento emocional com o objeto de estudo. Mesmo procurando manter o devido distanciamento necessário ao pesquisador, é importante que o leitor leve em consideração que o autor é, além de jornalista, pastor adventista e “apaixonado” pela história da denominação da qual faz parte.

O estudo pretende fornecer uma base sólida para futuras pesquisas e promover um reconhecimento mais amplo da importância de Guilherme e de seus escritos na história adventista. Assim, esta pesquisa se justifica não apenas pelo resgate histórico, mas também pelo potencial de enriquecer o entendimento contemporâneo da denominação e suas práticas educacionais e teológicas.

Este trabalho é, antes de tudo, uma pesquisa documental, que possibilita o estudo da realidade presente, assim como do passado, por meio da pesquisa histórica.<sup>2</sup> Neste projeto, são analisados os cinco livros publicados por Guilherme na primeira metade do século 20: *Sucessos Preditos da História Universal*,<sup>3</sup> *O Sábado*,<sup>4</sup> *A Origem Comum das Línguas e das Religiões: Tupi 1*<sup>5</sup> e *Tupi 2*,<sup>6</sup> e *A Torre de Babel e Seus Mistérios*,<sup>7</sup> todos publicados e/ou republicados pela Sociedade Criacionista Brasileira (SCB). Essas obras totalizam 1.148 páginas.

Esta pesquisa também tem caráter bibliográfico. Segundo Gil (1999),<sup>8</sup> a pesquisa bibliográfica é realizada com base em material previamente elaborado, composto especialmente de livros e artigos científicos. Neste estudo, será utilizada a biografia de Guilherme Stein Jr., *A Época e a Obra Pioneira de Guilherme Stein Jr.*, escrita por Ruy Carlos de Camargo Vieira.<sup>9</sup> Além disso, serão imprescindíveis as contribuições de Floyd Greenleaf<sup>10</sup> e Michelson Borges,<sup>11</sup> obras consideradas basilares da

<sup>2</sup> CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 15.

<sup>3</sup> STEIN JR., Guilherme. **Sucessos preditos da história universal**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 1995. Obra publicada originalmente em 1909.

<sup>4</sup> STEIN JR., Guilherme. **O sábado ou o repouso do sétimo dia**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2001. Obra publicada originalmente em 1919.

<sup>5</sup> STEIN JR., Guilherme. **A origem comum das línguas e das religiões: o Tupi**, tomo 1. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2021. Obra publicada originalmente em 1934.

<sup>6</sup> STEIN JR., Guilherme. **A origem comum das línguas e das religiões: o Tupi**, tomo 2. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2014. Obra publicada originalmente em 1936.

<sup>7</sup> STEIN JR., Guilherme. **A Torre de Babel e seus mistérios**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2017.

<sup>8</sup> GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 29.

<sup>9</sup> VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **A época e a obra pioneira de Guilherme Stein Jr.** 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2015.

<sup>10</sup> GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

<sup>11</sup> Borges, 2020.

historiografia do adventismo brasileiro. Também servirão como fonte bibliográfica complementar cartas e documentos (fontes primárias) pertencentes ao acervo do Centro Cultural da SCB.

No prefácio do livro de Vieira, um dos ex-vice-presidentes da Igreja Adventista mundial, pastor Enoch de Oliveira, resumiu a relevância de Guilherme Stein Jr. para a denominação no Brasil:

Dois anos após seu batismo [em 1895], Guilherme foi convidado para fundar em Brusque (Gaspar Alto), SC, a primeira escola paroquial adventista do Brasil. Ao empreender essa obra pioneira, lançou a semente preciosa de um trabalho que, com o transcurso dos anos, haveria de produzir frutos surpreendentes. Hoje [1991], uma expressiva rede de escolas, nos três níveis, se estende por todos os Estados da Federação, oferecendo a aproximadamente cem mil estudantes os benefícios da educação cristã [em 2024 já eram cerca de 300 mil].<sup>12</sup>

No parágrafo seguinte, Oliveira descreve outra frente na qual Guilherme também foi pioneiro:

Pouco depois, em 1899, sentindo que Deus o chamava para uma tarefa mais espinhosa, [Guilherme] embarcou com a esposa rumo ao Rio de Janeiro, onde assumiu a responsabilidade editorial do primeiro periódico denominacional publicado no Brasil, *O Arauto da Verdade*. Daquele tempo a esta parte, milhões de livros, revistas e folhetos foram e estão sendo produzidos nos prelos adventistas, disseminando por todo o território nacional a mensagem da salvação em Jesus [o projeto “livro missionário” chegou, em 2024, à cifra de mais de 230 milhões de livros distribuídos gratuitamente no Brasil].<sup>13</sup>

Apesar da evidente relevância desse personagem histórico, Vieira afirma que

Guilherme Stein Jr. foi um pioneiro adventista cuja vida e obra pouco são conhecidas, até mesmo no seio da igreja à qual dedicou toda a vida. De fato, a seu respeito são de conhecimento público tão somente referências esparsas publicadas nos periódicos denominacionais brasileiros e norte-americanos, e em alguns poucos livros versando sobre a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e na América do Sul.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Vieira, 2015. p. 7.

<sup>13</sup> Vieira, 2015, p. 7.

<sup>14</sup> Vieira, 2015. p. 11.

Figura 1 – Guilherme Stein Jr. (1871-1957) e Maria Krähenbühl Stein.



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>15</sup>

Guilherme Stein Jr. (figura 1) foi, no Brasil, pioneiro na educação adventista, na imprensa adventista, na propagação da mensagem criacionista, e deixou um legado literário considerável. A Casa Publicadora Brasileira (CPB) e a Sociedade Criacionista Brasileira (SCB) publicaram essas obras. O fundador da SCB, Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira, escreveu a biografia de Guilherme, mas faltava, ainda, uma análise acadêmica de todo esse conteúdo, com o objetivo de reconectar as novas gerações de adventistas com o trabalho do pioneiro. Esse é o propósito principal deste trabalho.

Outros autores que servem de baliza para esta pesquisa são Roger Chartier<sup>16</sup> e Robert Darnton, do campo da chamada “História Cultural”.<sup>17</sup> Chartier usa muito o conceito de “representação”, aplicado à História da Leitura.<sup>18</sup> Darnton, por sua vez, trabalha bastante a História de Publicações e sua difusão.

Em seu artigo “O mundo como representação”, Chartier<sup>19</sup> mostra como as representações culturais e sociais moldam a percepção e a compreensão do mundo. Chartier examina a relação entre texto, leitor e contexto, explorando como os significados são construídos e negociados na sociedade.

No artigo, ele argumenta que as práticas de leitura e interpretação são centrais para a formação das representações do mundo. Ele enfatiza a importância do contexto

<sup>15</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGPT&highlight=Guilherme|Stein|Jr>. Acesso em: 13 nov. 2025.

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

<sup>17</sup> CRUZ, Karla Janaina Costa. **Cultura impressa e prática leitora protestante no oitocentos**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6477?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6477?locale=pt_BR). Acesso em: 11 jun. 2024.

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTqNg96xx6dM/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

<sup>19</sup> Chartier, 2006, p. 173-191.

histórico e social na compreensão dos textos, sugerindo que as interpretações são sempre situadas e mediadas por práticas culturais específicas.

Um dos pontos centrais do artigo é a ideia de que as representações não são meros reflexos da realidade, mas atuam ativamente na construção e na manutenção das estruturas sociais e culturais. Além disso, ele aborda a questão da autoria e da autoridade do texto, questionando as noções tradicionais de originalidade e propriedade intelectual. Ele sugere que os textos são produtos de múltiplas vozes e influências, refletindo as complexas dinâmicas de poder e de negociação cultural.

Em resumo, “O mundo como representação” oferece uma análise profunda das práticas culturais e das representações sociais, destacando a importância da leitura, da materialidade dos textos e do contexto histórico na formação dos significados. Chartier nos convida a repensar a relação entre texto e contexto, mostrando como as representações moldam e são moldadas pelas estruturas sociais e culturais.

Ao refletir sobre a produção intelectual e editorial de Guilherme Stein Jr., é possível estabelecer um diálogo profícuo com as ideias de Roger Chartier, especialmente na obra *A Ordem dos Livros*. Para Chartier,<sup>20</sup> o livro não é apenas um repositório neutro de informações, mas um artefato cultural que organiza saberes, disciplina leituras e constrói identidades. Nesse sentido, a atuação de Guilherme como tradutor, escritor, editor e responsável pelo periódico *O Arauto da Verdade* revela uma consciência prática do poder do impresso na conformação de comunidades de sentido. Ainda que não teorizasse sobre o tema, como fez Chartier, sua obra evidencia uma compreensão intuitiva de que os textos moldam mentalidades e criam modos específicos de interpretar o mundo.

A análise chartieriana também destaca o papel das instituições na regulação das leituras. O autor mostra como diferentes contextos históricos procuraram ordenar, controlar e legitimar determinados discursos em detrimento de outros. Essa perspectiva ajuda a compreender o projeto de Guilherme: suas traduções, seus artigos e as escolhas editoriais funcionavam como um esforço deliberado de estabelecer uma “ordem de leitura adventista” no Brasil nascente do século 20 (e vemos isso já na primeira edição de *O Arauto da Verdade*, como ficará claro mais adiante). Ao selecionar o que deveria circular entre os fiéis e ao rejeitar discursos percebidos como ameaças – como o evolucionismo ou o racionalismo naturalista –, Guilherme contribuiu para delimitar

---

<sup>20</sup> Chartier, 2017, p. 11-34.

um campo discursivo específico, no qual a cosmovisão bíblica e criacionista era central.

Outro aspecto ressaltado por Chartier é a materialidade do livro e a importância das práticas sociais de leitura. Um texto só ganha sentido quando inserido em usos concretos: quem lê, como lê, em que contextos. Essa chave interpretativa ilumina a circulação das obras de Guilherme Stein Jr., que não eram lidas de forma solitária apenas, mas compartilhadas em reuniões familiares, cultos e encontros comunitários. Os periódicos e livros que editou e traduziu não apenas transmitiam informação; eles criavam comunidades de leitura, fortaleciam vínculos de identidade e sustentavam a coesão de grupos de imigrantes e descendentes que encontravam nesses impressos não apenas instrução religiosa, mas também um elemento de pertencimento cultural.

Assim, a obra escrita e editorial de Guilherme pode ser compreendida à luz das reflexões de Chartier como um exemplo concreto do poder social dos impressos. Guilherme não atuou como um teórico da leitura, mas como um agente cultural que, por meio da palavra impressa, ajudou a moldar a identidade adventista brasileira e a estabelecer fronteiras simbólicas entre diferentes visões de mundo. O pioneiro adventista atuou não apenas como religioso ou editor, mas como um mediador cultural que entendeu, em sua prática, a força ordenadora e comunitária dos livros e dos periódicos.

Já a atuação intelectual e pedagógica de Guilherme Stein Jr. pode ser compreendida à luz das categorias analíticas formuladas por Pierre Bourdieu, especialmente os conceitos de *campo*, *habitus* e *capital cultural*.<sup>21</sup> O sociólogo francês propôs que a sociedade é composta por campos autônomos e interdependentes, cada um com suas próprias regras, disputas e formas de legitimação simbólica. O campo educacional e o campo religioso, por exemplo, são espaços de produção e circulação de bens simbólicos – lugares nos quais se define o que é considerado saber legítimo, fé verdadeira ou discurso autorizado.

Conforme Ramos,<sup>22</sup> Bourdieu entende o campo como um espaço social estruturado, onde os agentes e as instituições estão em permanente luta para manter ou transformar as relações de força existentes. Essa definição aplica-se de modo claro à atuação de Guilherme, que, por meio da imprensa e da educação adventista, procurou

---

<sup>21</sup> RAMOS, Jhonathas Armond Assis. Pierre Bourdieu e Paulo Freire: um diálogo pela educação. **Revista Entreideias**, v. 9, n. 3, p. 9-28, 2020.

<sup>22</sup> Ramos, 2020, p. 9-28.

introduzir novas formas de leitura e interpretação da realidade, em confronto com o positivismo e o cientificismo dominantes no Brasil da Primeira República.<sup>23</sup> Sua obra e seu engajamento podem ser entendidos, portanto, como o esforço de um agente periférico que buscava conquistar legitimidade em um campo intelectual ainda monopolizado por discursos naturalistas e racionalistas.

No mesmo estudo, nota-se que, para Bourdieu, a escola é uma instância que contribui tanto para a reprodução quanto para a transformação das estruturas sociais.<sup>24</sup> Essa ambiguidade é fundamental para compreender o papel da primeira escola adventista da qual Guilherme foi diretor, bem como seu trabalho editorial. Por meio deles, ele não apenas difundiu valores espirituais, mas também instaurou um modelo alternativo de educação – teologicamente fundamentado e culturalmente engajado – que pretendia formar um *habitus* adventista distinto, com base na leitura da Bíblia, na disciplina intelectual e na ética cristã. Desse modo, a educação se tornava uma ferramenta de transformação social e religiosa, e não apenas de reprodução de valores hegemônicos.

A categoria de *capital cultural* também ilumina a obra de Guilherme. Segundo o artigo, Bourdieu entende que o capital cultural é incorporado por meio da socialização e pode ser transmitido pela família e pela escola, tornando-se um dos principais fatores de distinção social.<sup>25</sup> Nesse sentido, a vasta produção bibliográfica de Guilherme funcionou como mecanismo de acumulação e redistribuição de capital simbólico, permitindo que a comunidade adventista – ainda nascente – construísse uma identidade intelectual e espiritual própria. Seus livros e suas traduções, impressos e distribuídos pela Casa Publicadora Brasileira e pela Sociedade Criacionista Brasileira, foram instrumentos de construção de uma nova hierarquia de valores, em que o conhecimento revelado ocupava o centro do processo formativo.

Bourdieu também enfatiza que o *habitus* é o princípio gerador das práticas, percepções e representações que os indivíduos incorporam ao longo de sua trajetória

---

<sup>23</sup> Guilherme Stein Jr. adota postura nitidamente anticientificista, rejeitando a pretensão moderna de que a ciência seja a única via legítima de conhecimento; ainda assim, ele não hesita em apropriar-se de instrumentos, vocabulário e estruturas argumentativas da própria modernidade para fortalecer sua defesa do criacionismo. Tal movimento o aproxima do fundamentalismo protestante do início do século 20, que, ao mesmo tempo em que criticava o naturalismo científico, utilizava métodos comparativos, linguagem técnica e apelos empíricos para demonstrar a superioridade da cosmovisão bíblica. Em Stein Jr., portanto, não há rejeição à ciência em si, mas ao seu uso naturalista; sua estratégia consiste em utilizar elementos do discurso científico para combater os excessos da modernidade e reafirmar a autoridade das Escrituras.

<sup>24</sup> Ramos, 2020, p. 9-28.

<sup>25</sup> Ramos, 2020, p. 9-28.

social.<sup>26</sup> Essa noção ajuda a compreender o modo como as ideias de Guilherme moldaram a experiência religiosa e cultural de gerações de adventistas brasileiros. Por meio da leitura, da imprensa e da escola, ele promoveu um conjunto de disposições – cognitivas, morais e espirituais – que definiram o comportamento e o modo de pensar de uma comunidade. O *habitus* adventista resultante desse processo é, portanto, tanto uma herança espiritual quanto uma construção social mediada por textos, instituições e práticas.

Por fim, Bourdieu observa que a cultura escolar tende a legitimar o arbitrário cultural das classes dominantes, mas também pode se tornar instrumento de libertação quando apropriada de forma crítica.<sup>27</sup> Guilherme Stein Jr. representa justamente esse movimento de apropriação e ressignificação. Ao invés de reproduzir a cultura dominante – positivista e secularizada –, ele utilizou o livro, a educação e o discurso religioso como meios de subversão simbólica. Em termos bourdieusianos, sua ação corresponde a uma *inversão de campo*: a criação de um espaço alternativo de poder simbólico, no qual a Bíblia e a fé criacionista se tornaram fontes legítimas de conhecimento e resistência cultural.

Desse modo, a obra e a trajetória de Guilherme Stein Jr. podem ser vistas como expressão concreta do que Bourdieu descreve como a possibilidade de transformar as estruturas simbólicas pela ação consciente e coletiva.<sup>28</sup> Sua produção impressa, pedagógica e apologética contribuiu para fundar um campo adventista de saber e prática, em que o capital cultural teológico foi colocado a serviço da formação de um novo *habitus* – cristão, racional e contracultural – capaz de resistir à secularização e afirmar uma cosmovisão centrada em Deus.

Por sua vez, Robert Darnton foca seu trabalho na história do livro, da leitura e da comunicação.<sup>29</sup> Seus estudos revelam a complexa relação entre os leitores, os textos e o contexto sociocultural em que a leitura ocorre.

Darnton enfatiza a importância de estudar o livro não apenas como objeto físico, mas como produto de processos sociais e culturais. Ele analisa a produção, a distribuição e a recepção dos livros para entender melhor a circulação das ideias. Argumenta que a leitura é uma prática profundamente social e cultural. As maneiras

---

<sup>26</sup> Ramos, 2020, p. 9-28.

<sup>27</sup> Ramos, 2020, p. 9-28.

<sup>28</sup> Ramos, 2020, p. 9-28.

<sup>29</sup> Cruz, 2014, p. 70-110.

como as pessoas leem e interpretam textos são influenciadas por seu contexto histórico, suas experiências pessoais e as normas culturais de sua época. Por isso, será útil, também, analisar obras que descrevem o contexto sociocultural em que Guilherme viveu e escreveu. Livros como o já citado de Ruy Vieira e outros, como *1824*, de Rodrigo Trespach,<sup>30</sup> *1889*, de Laurentino Gomes,<sup>31</sup> e o clássico *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*, de Emília Viotti da Costa.<sup>32</sup>

Em *1889*, Gomes<sup>33</sup> utiliza uma abordagem narrativa e jornalística para detalhar o fim do Império e a transição para a República, destacando as intrigas políticas, os conflitos e as personalidades que marcaram esse momento histórico. Trata-se de uma obra rica em detalhes históricos e contextuais, que proporciona uma compreensão aprofundada dos eventos que levaram à transformação do Brasil de Império em República. Justamente a época em que viveu Guilherme Stein Jr.

Por sua vez, a obra de Emília Viotti da Costa<sup>34</sup> é uma referência incontornável para compreender o ambiente político, cultural e ideológico do Brasil no período de transição entre os séculos 19 e 20. Publicado originalmente em 1977 e revisto em 2010, *Da Monarquia à República: Momentos decisivos* analisa a passagem do regime imperial para o republicano não como uma ruptura repentina, mas como um processo complexo de transformação social e intelectual que redefiniu as estruturas de poder, a mentalidade e as formas de pensar a sociedade brasileira.

Viotti enfatiza que a Proclamação da República, em 1889, foi menos o resultado de um movimento popular do que de uma reorganização das elites em torno de novas ideias e interesses.<sup>35</sup> O advento do novo regime representou, segundo a autora, uma mudança ideológica orientada pelo positivismo, o cientificismo e o racionalismo, correntes que buscavam substituir a fé religiosa e a tradição monárquica por uma visão laica e materialista da realidade. Nesse sentido, a autora descreve a República como uma tentativa de reordenar a sociedade segundo os modelos científicos e racionais que predominavam na Europa.

---

<sup>30</sup> TRESPACH, Rodrigo. **1824**: como os alemães vieram parar no Brasil, criaram as primeiras colônias, participaram do surgimento da Igreja Protestante e de um plano para assassinar D. Pedro I. São Paulo: LeYa, 2019.

<sup>31</sup> GOMES, Laurentino. **1889**: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo Livros, 2014.

<sup>32</sup> COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 9. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

<sup>33</sup> Gomes, 2014.

<sup>34</sup> Costa, 2010.

<sup>35</sup> Costa, 2010, p. 450-490.

Esse quadro é essencial para compreender a atuação apologética e intelectual de Guilherme Stein Jr., que escreveu e publicou suas principais obras justamente nas primeiras décadas do regime republicano. Em oposição ao crescente prestígio das ideias positivistas e evolucionistas, Guilherme reagiu com textos que reafirmavam a autoridade da Bíblia, o criacionismo e a moral cristã, em um momento em que o discurso científico naturalista pretendia se tornar o novo paradigma do conhecimento e da moral pública. Viotti observa que, no fim do século 19, a fé no progresso e na ciência tornou-se quase uma religião civil<sup>36</sup> – uma constatação que ajuda a explicar o tom combativo de autores religiosos como Guilherme, que enxergavam nesse processo uma ameaça à cosmovisão teísta.

A autora também destaca que o positivismo, especialmente o de matriz comtiana, exerceu profunda influência sobre o Exército, sobre os intelectuais e sobre a formação do Estado republicano. Segundo ela, a religião da humanidade de Comte encontrou terreno fértil entre os jovens oficiais, que viam na ciência e na ordem os pilares de uma nova sociedade.<sup>37</sup> Essa constatação dialoga diretamente com a análise de Laurentino Gomes,<sup>38</sup> que descreve a presença das ideias positivistas na bandeira nacional e no ideário republicano. Ambos os autores evidenciam que o Brasil do período de Guilherme Stein Jr. foi um país em acelerada secularização, o que explica por que seu discurso criacionista e profético assumiu um caráter de resistência cultural e teológica.

Do ponto de vista social, Viotti ressalta que a República não representou uma revolução popular, mas uma “mudança de fachada” nas relações de poder, marcada pela continuidade das estruturas oligárquicas e pela exclusão das camadas populares<sup>39</sup>. O novo regime manteve o elitismo do Império, substituindo a autoridade divina e monárquica por uma autoridade racional e científica, mas igualmente distante do povo. Nesse contexto, o adventismo e a obra de Guilherme Stein Jr. em particular surgem como expressões de um cristianismo de base popular e educacional que oferecia alternativas espirituais e morais frente à elite intelectualizada e laicizada do novo regime. Assim, os colégios, periódicos e livros adventistas constituíram, de certo

---

<sup>36</sup> Costa, 2010, p. 450-490.

<sup>37</sup> Costa, 2010, p. 368-380.

<sup>38</sup> Gomes, 2014, p. 322.

<sup>39</sup> Costa, 2010, p. 368-380.

modo, uma contraesfera pública religiosa, articulada em torno da leitura bíblica e da valorização do saber espiritual.

Ao tratar das transformações ideológicas que acompanharam o nascimento da República, Viotti observa que a nova ordem laica não apenas afastou o Estado da Igreja, mas redefiniu o papel da religião na vida pública, confinando-a à esfera privada.<sup>40</sup> Essa observação é especialmente significativa para entender o ambiente no qual Guilherme se moveu: um Brasil em que a fé precisava se justificar racionalmente para continuar sendo socialmente relevante. Sua obra, ao articular ciência, religião e profecia, representa uma tentativa de reocupar simbolicamente o espaço público que a modernidade republicana pretendia monopolizar com seu discurso cientificista e secular.

A leitura de *Da Monarquia à República* reforça, portanto, a interpretação de que a produção literária e apologética de Guilherme Stein Jr. deve ser entendida como uma resposta intelectual e espiritual à hegemonia positivista e cientificista do Brasil republicano nascente. Enquanto os novos intelectuais buscavam na ciência uma base moral e filosófica para o país moderno, Guilherme reafirmava a centralidade da revelação bíblica e da criação divina como fundamentos da ordem e da moral. Sua voz se insere, assim, no debate mais amplo entre fé e razão que marcou o fim do século 19, oferecendo uma alternativa teológica coerente com o protestantismo histórico e com a tradição do pensamento bíblico.

Já Rodrigo Trespach,<sup>41</sup> em sua obra *1824*, descreve o contexto imigratório alemão e as primeiras colônias teutas no Brasil, o que igualmente se demonstrou útil ao escopo deste trabalho. Trespach resgata a saga dos primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Brasil, especialmente ao Rio Grande do Sul, evidenciando os desafios de adaptação, os conflitos culturais e religiosos, e a formação de uma identidade comunitária marcada pela herança germânica. Essa obra também é fundamental para compreender o contexto em que Guilherme Stein Jr. viveu e produziu sua literatura.

Como descendente direto desse movimento migratório, Guilherme herdou não apenas a língua e a cultura de seus antepassados, mas também um ambiente religioso fortemente enraizado, que valorizava a leitura, a disciplina e a defesa de princípios de fé em meio a um país em transformação. O cenário descrito por Trespach – de um Brasil em construção, no qual os imigrantes buscavam afirmar sua identidade em meio

---

<sup>40</sup> Costa, 2010, p. 368-380.

<sup>41</sup> Trespach, 2019, p. 83-144.

a tensões sociais, políticas e espirituais<sup>42</sup> – ajuda a compor um pano de fundo rico para entender os escritos de Guilherme, especialmente seu empenho em articular a fé adventista em diálogo (e em confronto) com os desafios intelectuais de sua época.

Figura 2 – Rua Independência, em São Leopoldo, RS, em 1924; primeira colônia alemã no Brasil



Fonte: Correio do povo.<sup>43</sup>

O espírito de comunidade, a disciplina herdada dos imigrantes e a busca por afirmação cultural em uma terra estrangeira ajudaram a formar o caráter de Guilherme Stein Jr., que mais tarde se dedicaria à escrita de obras apologéticas e proféticas, voltadas para a defesa da fé adventista. Assim, a narrativa de Trespach ilumina não apenas a dimensão histórica da imigração, mas também o terreno fértil sobre o qual Guilherme construiu sua obra.

Outro aspecto relevante do livro de Trespach é a ênfase nos conflitos enfrentados pelos imigrantes – desde choques com o governo imperial até a convivência difícil

<sup>42</sup> Trespach, 2019, p. 83-144.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/especial/imigra%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3-coloniza%C3%A7%C3%A3o-se-d%C3%A1-em-diferentes-munic%C3%ADpios-do-rio-grande-do-sul-1.1469027>. Acesso em: 13 nov. 2025.

com outros grupos étnicos e religiosos.<sup>44</sup> Essa realidade de tensões e de luta pela sobrevivência ajuda a entender a postura combativa e firme de Guilherme Stein Jr. em seus escritos. Ele também viveu em um tempo de disputas ideológicas, em que, como já vimos, o avanço do cientificismo, do racionalismo e de novas correntes filosóficas questionava a fé bíblica. Tal como os colonos descritos em 1824 buscavam resistir e preservar sua identidade, Guilherme atuou como defensor de sua comunidade religiosa, respondendo aos desafios de seu tempo com textos que reafirmavam o valor da Escritura, da profecia e da esperança adventista.

À semelhança de Viotti, Laurentino Gomes, em 1889, narra os acontecimentos que levaram à Proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, examinando os fatores políticos, sociais e culturais que contribuíram para a queda da monarquia. A obra apresenta personagens centrais, como Dom Pedro II, a princesa Isabel, marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e outros militares, além de analisar a insatisfação das elites, a influência das ideias positivistas e republicanas, e a tensão entre Igreja e Estado.<sup>45</sup> Gomes mostra como o Brasil da época era marcado por contradições: avanços na modernização e, ao mesmo tempo, desigualdades sociais profundas, além de um ambiente de efervescência política e ideológica.

A passagem da monarquia para a república foi um momento de grande instabilidade e incerteza. Guilherme, que viveu nesse período, experimentou em primeira mão as transformações de um país em busca de identidade. Esse pano de fundo descrito por Gomes igualmente ajuda a entender o tom crítico e reflexivo dos escritos do pioneiro adventista.

A separação entre Igreja e Estado e os novos rumos da religiosidade no Brasil republicano ecoam nos temas que Guilherme aborda, especialmente em suas reflexões sobre profecia, autoridade das Escrituras e destino da sociedade.

Gomes mostra um Brasil que tenta se reinventar, mas ainda carregando contradições sociais.<sup>46</sup> Isso dialoga com o esforço de Guilherme em interpretar a realidade de sua época à luz das profecias bíblicas. O Brasil do fim do século 19 estava em busca de identidade e de um novo projeto de nação, em um ambiente de debates sobre ciência, religião, progresso e moralidade. Essa instabilidade política e cultural do Brasil republicano, também descrita por Viotti, ecoa no caráter apologético da obra

---

<sup>44</sup> Trespach, 2019, p. 83-144.

<sup>45</sup> Gomes, 2014, p. 111-119.

<sup>46</sup> Gomes, 2014, p. 315-371.

do pioneiro adventista, que procura apresentar respostas às incertezas e aos questionamentos de sua época.

Laurentino Gomes destaca a influência do positivismo de Auguste Comte na formação dos líderes republicanos.<sup>47</sup> Essa corrente filosófica defendia a substituição da religião tradicional por uma “religião da humanidade”, baseada na ciência e na ordem social. Para Guilherme, esse ambiente de secularização e racionalismo representava um grande desafio, pois a fé cristã precisava se posicionar diante do avanço do cientificismo e do laicismo no Brasil recém-republicano.

O positivismo é uma corrente filosófica que surgiu no século 19, tendo como principal expoente o pensador francês Auguste Comte (1798-1857). Fundamenta-se na ideia de que o conhecimento legítimo é apenas aquele obtido pela observação empírica e pela aplicação do método científico. Para Comte, a humanidade passaria por três estágios de desenvolvimento intelectual: o teológico (explicações baseadas em deuses e entidades sobrenaturais), o metafísico (dominado por abstrações filosóficas) e, finalmente, o científico ou positivo, considerado a fase mais madura do pensamento humano.<sup>48</sup> Assim, o positivismo reduz o campo do conhecimento ao que pode ser mensurado, experimentado e verificado, rejeitando a metafísica e a teologia como formas válidas de saber.

Sob essa perspectiva, o positivismo se coloca em oposição direta à teologia cristã bíblica. Em primeiro lugar, porque a fé cristã parte da premissa de que há uma realidade transcendente e pessoal – Deus – que não pode ser reduzida a fenômenos naturais. Em segundo, porque a Bíblia afirma que a criação, a história e a moralidade não podem ser explicadas apenas por causas materiais, mas dependem da revelação divina (Gn 1:1; Hb 11:3). O positivismo, ao negar a possibilidade de conhecimento revelado, deslegitima a Escritura como fonte de verdade e torna a fé cristã irrelevante no campo epistemológico.

Além disso, a visão positivista da religião como etapa “superada” da humanidade contraria a própria narrativa bíblica, que afirma a centralidade permanente de Deus na história humana (Is 46:9, 10; Cl 1:16, 17). Para o pensamento cristão, longe de ser um resquício do passado, a fé é a base do sentido da existência e da relação com o Criador. Nesse sentido, o positivismo, ao tentar confinar o saber ao empiricamente observável, conduz a uma visão reducionista do ser humano e da realidade,

---

<sup>47</sup> Gomes, 2014, p. 315-323.

<sup>48</sup> COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 10-30.

em contraste com a visão integral bíblica, que reconhece dimensões materiais e espirituais.<sup>49</sup>

Segundo Emília Viotti,

A infiltração do pensamento positivista nos meios militares explica, em parte, a sua adesão à República. É preciso lembrar, entretanto, que não se trata do positivismo ortodoxo, pois mesmo Benjamin Constant, considerado um dos principais representantes do pensamento positivista no Exército, não pode ser considerado um positivista ortodoxo. O fato de o “Apostolado” ter um pequeno número de inscritos não impediu, entretanto, que as ideias positivistas exercessem uma poderosa influência na sociedade.<sup>50</sup>

No contexto brasileiro, segundo Laurentino Gomes, o positivismo teve grande influência cultural e política, especialmente na Proclamação da República e na formação de uma mentalidade cientificista no fim do século 19.<sup>51</sup> Essa atmosfera intelectual certamente compôs o pano de fundo dos debates teológicos e apologéticos enfrentados por autores adventistas como Guilherme Stein Jr., que defenderam a autoridade da Bíblia frente a visões materialistas e naturalistas em expansão no período.

O cientificismo pode ser definido como a crença de que somente a ciência empírica é capaz de produzir conhecimento verdadeiro e confiável, descartando ou desvalorizando outros campos do saber, como a filosofia, a ética e a teologia. Diferentemente da ciência, que é um método legítimo de investigação da natureza, o cientificismo constitui uma ideologia, pois extrapola os limites metodológicos da ciência e assume como dogma que tudo deve ser explicado exclusivamente por meio de categorias metodológicas.<sup>52</sup>

Do ponto de vista teológico, o cientificismo se choca com a visão bíblica por, no mínimo, três razões:

- a) *epistemológica*: a Bíblia afirma que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10), estabelecendo que a verdadeira compreensão da realidade começa na relação com Deus. O cientificismo, ao excluir a revelação divina,

<sup>49</sup> SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, capítulos 1-4.

<sup>50</sup> Costa, 2010, p. 459, 460.

<sup>51</sup> Gomes, 2014, p. 315-323.

<sup>52</sup> MORELAND, James Porter. **The recalcitrant Imago Dei**: human persons and the failure of naturalism. London: SCM Press, 2010, capítulos 1-3; STENMARK, Mikael. **Scientism**: science, ethics and religion. Aldershot: Ashgate, 2001, p. 30-60.

reduz o horizonte do conhecimento humano ao observável e mensurável, ignorando dimensões espirituais e transcendentais;

- b) *ontológica*: para a teologia cristã, a realidade não é apenas física, mas também espiritual (Cl 1:16, 17). O cientificismo, ao postular que apenas a matéria existe, nega o fundamento mesmo da fé cristã, que é a existência de Deus e Sua ação criadora;
- c) *moral*: a ética bíblica deriva do caráter de Deus (Mq 6:8; Mt 22:37-40). O cientificismo, ao se restringir a descrições empíricas, é incapaz de oferecer fundamentos objetivos para a moralidade, levando muitas vezes a um relativismo ético.<sup>53</sup>

Sob o ponto de vista científico, o próprio cientificismo é autocontraditório, pois a afirmação de que “apenas a ciência pode produzir conhecimento verdadeiro” não é, ela mesma, uma proposição científica verificável, mas uma posição filosófica.<sup>54</sup> Isso mostra que o cientificismo, ao invés de ser neutro, é uma cosmovisão concorrente, que rivaliza com a visão cristã de mundo.

No contexto histórico brasileiro, especialmente no fim do século 19 e início do século 20, o cientificismo acompanhou o avanço do positivismo, influenciando debates educacionais, médicos e sociais. Para autores adventistas como Guilherme Stein Jr., esse ambiente representou um desafio apologético: defender a credibilidade da revelação bíblica e da cosmovisão criacionista frente a uma mentalidade que idolatrava a ciência naturalista como única fonte de verdade. A postura de Guilherme, em valorizar a Bíblia como autoridade final, deve ser entendida, em parte, como resposta a esse clima intelectual dominado pelo cientificismo.

Assim, em resumo, os livros *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos, 1824 e 1889* ajudam a situar historicamente Guilherme Stein Jr. em um Brasil que atravessava mudanças profundas – queda da monarquia, ascensão do positivismo, secularização, tensões sociais após a abolição e redefinição do papel da religião na sociedade. Esse pano de fundo ilumina o sentido de sua produção literária, mostrando como ele procurava reafirmar a fé em um tempo de transformações. Ele se posicionou como um crítico dessa mentalidade em secularização, defendendo o relato bíblico da

---

<sup>53</sup> PLANTINGA, Alvin. **Where the conflict really lies**: science, religion, and naturalism. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 165-230; 231-300.

<sup>54</sup> Plantinga, 2011, p. 165-230; 231-300.

criação contra o evolucionismo e reafirmando que a fé cristã não deveria ser suplantada pela ciência materialista/naturalista. Em última instância, Guilherme pode ser visto como um autor que procurou defender a herança espiritual de seus antepassados protestantes em diálogo crítico com o espírito de sua época.

De certa forma, 1824 e 1889 funcionam como peças complementares para a compreensão do universo de Guilherme Stein Jr.: o primeiro revela as raízes culturais e religiosas herdadas da imigração germânica; o segundo ilumina o contexto político e intelectual de sua produção bibliográfica. Em conjunto, oferecem um quadro mais completo do ambiente em que ele viveu e escreveu, permitindo situar sua obra como um esforço de reafirmação da fé cristã diante do avanço do secularismo e da modernidade republicana.

Figura 3 – “Proclamação da República”, 1893, óleo sobre tela de Benedito Calixto (1853-1927)



Fonte: pintura de Benedito Calixto recuperada na Wikipedia.<sup>55</sup>

Voltando a Darnton, ele também contribui para a história das mentalidades, explorando como as leituras e os textos refletem e influenciam as mentalidades coletivas

---

<sup>55</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Rep%C3%BAlica\\_%28Benedito\\_Calixto%29](https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%BAlica_%28Benedito_Calixto%29). Acesso em: 13 nov. 2025.

de uma sociedade. Seus estudos sobre a leitura no século 18, por exemplo, mostram como os livros ajudaram a moldar as ideias e as atitudes que levaram à Revolução Francesa.<sup>56</sup> De igual modo, os livros de Guilherme Stein Jr. tiveram sua influência em moldar o pensamento adventista nos anos subsequentes a 1900.

Em resumo, o pensamento de Robert Darnton, à semelhança do de Chartier, sobre a história cultural e a leitura, destaca a importância de considerar o contexto sociocultural da produção e da recepção dos textos (daí a necessária “visita” aos livros de Viotti, Trespach e Gomes), a diversidade de práticas de leitura e a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para compreender plenamente o papel dos livros e da leitura na história.

A metodologia adotada para este projeto envolveu principalmente a pesquisa documental e bibliográfica, com ênfase na análise das obras de Guilherme Stein Jr., de suas cartas e de documentos relacionados à história do adventismo no Brasil.

A pesquisa documental foi realizada com o intuito de explorar e analisar documentos históricos relevantes, como cartas, artigos e acervos de revistas, como *O Arauto da Verdade*, e o acervo documental da Sociedade Criacionista Brasileira. Esses documentos forneceram *insights* valiosos sobre o contexto histórico e o papel de Guilherme Stein Jr. na história do adventismo no Brasil. A pesquisa documental permitiu uma compreensão mais profunda dos eventos e das ideias que moldaram a produção textual de Guilherme e a história da denominação adventista no País.

Como desdobramentos desta pesquisa e em celebração à efeméride dos 130 anos do batismo de Guilherme Stein Jr., algumas ações práticas foram efetivadas, como a entrega gratuita e massiva do livro *O Grande Conflito* em Piracicaba, pelos mais de 600 funcionários da Casa Publicadora Brasileira, em 18 de abril de 2024 (figura 4). Evento muito significativo, pois foi o livro que levou Guilherme a abraçar o adventismo e foi a cidade em que ele passou pelo batismo.

---

<sup>56</sup> Cruz, 2014, p. 70-110.

Figura 4 – Foto com os funcionários da CPB que participaram da entrega do livro



Fonte: arquivo pessoal do autor.<sup>57</sup>

Nota: Os mais de 600 funcionários da CPB, que teve como primeiro editor Guilherme Stein Jr., dedicaram um dia para ir a Piracicaba distribuir gratuitamente o livro que conduziu Guilherme ao adventismo e ao interesse pelas profecias bíblicas

Figura 5 – Líderes da Igreja Adventista na América do Sul e no mundo visitam a placa em homenagem ao batismo de Guilherme Stein Jr., à margem do Rio Piracicaba



Fonte: arquivo pessoal do autor.

No dia 27 de setembro de 2025, Piracicaba voltou a ser palco de um evento histórico relacionado ao pioneiro do adventismo no Brasil. À margem do Rio

<sup>57</sup> Impacto CPB 2024: um dia para ficar na história. Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2024/04/19/impacto-cpb-2024-um-dia-para-ficar-na-historia/> Acesso em: 29 set. 2025.

Piracicaba, próximo à placa comemorativa, foi inaugurado um monumento em homenagem aos 130 anos do batismo de Guilherme Stein Jr. A cerimônia foi organizada pela Associação Paulista Sudoeste da Igreja Adventista (APSO) e contou com a presença de líderes eclesiais e autoridades municipais, entre elas o prefeito Helinho Zanatta.

Para relembrar o momento que marcou o início oficial da presença adventista no País, foi realizada uma encenação do batismo de 1895. O pastor Leônidas Guedes, secretário da APSO, representou o missionário norte-americano Frank Westphal e batizou o irmão Pedro Neves de Almeida, que simbolizou Guilherme. Já o pastor e jornalista Michelson Borges, editor da Casa Publicadora Brasileira (CPB), interpretou Augustus Stauffer, pioneiro colportor que testemunhou o primeiro batismo e vendeu livros em várias partes do Brasil, a partir de 1893.<sup>58</sup>

Figura 6 – Pastores Michelson Borges, Leônidas Guedes e Sr. Pedro Neves de Almeida encenam momento histórico ocorrido 130 anos antes, no mesmo rio



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Nota: Pedro foi batizado de fato.

---

<sup>58</sup> Monumento celebra os 130 anos do primeiro batismo adventista no Brasil, em Piracicaba. Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2025/09/30/monumento-celebra-os-130-anos-do-primeiro-batismo-adventista-no-brasil-em-piracicaba/>. Acesso em: 29 set. 2025.

Figura 7 – Monumento comemorativo dos 130 anos do batismo de Guilherme Stein Jr.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Figura 8 – Michelson e Débora Borges com a trineta e a tataraneta de Guilherme, Raquel e Melissa



Fonte: arquivo pessoal do autor.

## 2 O PRIMEIRO BATISMO ADVENTISTA EM TERRAS BRASILEIRAS

O adventismo tem suas raízes no contexto do Segundo Grande Despertamento ocorrido nos Estados Unidos da América, especialmente por meio do ministério de William Miller, fazendeiro batista que se dedicou intensamente ao estudo das Escrituras Sagradas. Com base em sua análise das profecias de Daniel, Miller concluiu que a segunda vinda de Cristo ocorreria por volta de 1843-1844. A mensagem milerita logo ganhou força e atraiu milhares de seguidores que ansiavam pelo retorno de Jesus.

Entretanto, quando Jesus não retornou em 22 de outubro de 1844, os crentes (então conhecidos como “mileritas”) passaram por um evento marcante, conhecido como o Grande Desapontamento. Esse episódio abalou profundamente o movimento milerita. Contudo, o desapontamento serviu como um ponto de inflexão. Para muitos, ele representou o fim do movimento; para outros, um convite ao aprofundamento no estudo da Bíblia.<sup>59</sup>

Ao revisar passagens como Hebreus 8 e Levítico 16, alguns mileritas compreenderam que a purificação do santuário mencionada em Daniel 8:14 não se referia à Terra, mas ao Santuário Celestial. Assim, entenderam que, em 1844, à semelhança do que ocorria no ritual do santuário terrestre, Cristo passou do lugar santo para o santíssimo, iniciando ali a fase conhecida como juízo investigativo ou juízo pré-advento.<sup>60</sup>

A reorganização do movimento adventista ocorreu sob a liderança de três figuras centrais:

- a) Joseph Bates, ex-capitão de navio, introduziu a guarda do sábado como elemento doutrinário, por influência de Rachel Oaks Preston, batista do sétimo dia;
- b) James White conferiu estrutura e organização ao grupo incipiente;

Figura 9 – William Miller (1782-1849)



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>61</sup>

<sup>59</sup> Borges, 2020, p. 12-15; 24-29.

<sup>60</sup> KNIGHT, George. **Adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015, p. 202, 284-286, 288.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=19SO&highlight=William|Miller>. Acesso em: 13 nov. 2025.

- c) Ellen G. White, considerada profetisa, influenciou decisivamente com suas visões e conselhos inspirados.

Em 1863, com aproximadamente 3.500 membros, o movimento foi formalmente organizado como a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Essa decisão representou mais do que um ato administrativo: simbolizou a consolidação de uma identidade e missão global.

De acordo com os livros *Quem São os Adventistas?*<sup>62</sup> e *Nisto cremos*,<sup>63</sup> a Igreja Adventista é uma denominação cristã protestante que tem a Bíblia Sagrada como única regra de fé e prática. Seus membros creem no Deus Trino – Pai, Filho e Espírito Santo – e em Jesus Cristo como único Salvador e Mediador.

Os adventistas esperam com fé a segunda vinda literal, visível e iminente de Cristo, e veem a salvação como um dom gratuito de Deus, recebido pela graça mediante a fé.

Entre suas doutrinas centrais estão:

- a) o sábado (sétimo dia) como dia sagrado de descanso e adoração;
- b) a criação literal em seis dias;
- c) o juízo investigativo pré-advento atualmente em andamento no santuário celestial;
- d) a morte como estado de inconsciência, com os mortos à espera da ressurreição;
- e) a mordomia cristã, incluindo a conservação do meio ambiente e um estilo de vida saudável;
- f) a missão profética da igreja (Ap 12:17), chamada a proclamar a mensagem dos três anjos (Ap 14) no tempo do fim.

Desde o início, a Igreja Adventista demonstrou forte compromisso com missões mundiais, educação cristã e reforma de saúde. Escolas, hospitais e centros missionários foram sendo organizados ao redor do mundo. O adventismo logo deixou de ser

---

<sup>62</sup> SEAMAN, John. **Quem são os adventistas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2025, p. 16-28.

<sup>63</sup> ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017, p. 11-25; 25-38; 47-76.

um movimento norte-americano para se tornar uma força missionária mundial.<sup>64</sup> Tanto é assim, que hoje a igreja está presente em mais de 200 países e recentemente elegeu um brasileiro como presidente mundial da denominação.

## 2.1 CHEGADA DO ADVENTISMO AO BRASIL

Em 1880, um jovem alemão chamado Borchardt se envolveu em uma briga na Colônia de Brusque, Santa Catarina. Acreditando ter matado seu oponente, fugiu apressadamente para o porto de Itajaí, com a intenção de deixar o Brasil clandestinamente a bordo de um navio com destino à Europa. Durante a viagem – possivelmente em uma escala em Londres –, ele foi abordado por dois missionários adventistas. Eles lhe perguntaram se conhecia alguém no Brasil que poderia se interessar em receber literatura cristã adventista gratuitamente. Borchardt forneceu o nome e o endereço de seu padrasto, Carlos Dreefke.

Alguns meses depois, Dreefke recebeu uma encomenda vinda de Battle Creek, Michigan, nos Estados Unidos, o centro mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia naquela época. O pacote foi aberto na casa comercial de David Hort, em Brusque, uma construção de dois andares que também servia como hospedaria. Entre os presentes, estava o garoto Adolfo Hort, com cerca de dez anos, que testemunhou o desembulho de dez exemplares da revista *Stimme der Wahrheit* (A Voz da Verdade), em alemão. Adolfo viria a se tornar adventista cerca de uma década depois.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982, p. 170-180.

<sup>65</sup> Borges, 2020, p. 112-120.

Figura 10 – Casarão Hort: local de chegada do primeiro pacote de literatura adventista ao Brasil (1880)



Fonte: arquivo pessoal do autor.

As revistas continuaram chegando, sempre com selos pagos, mas Dreefke, desconfiado de que eventualmente lhe cobriam pelo material, solicitou o cancelamento dos envios. Isso causou frustração entre os moradores da região, que já haviam se afeiçoado àquele tipo de conteúdo. Então, um professor polonês chamado Chikiwidowski assumiu a responsabilidade de receber as literaturas, mas, com o tempo, também desistiu.

Foi nesse momento que surgiu um novo personagem inesperado: Friedrich Dressler, um imigrante alemão alcoólatra. Vendo oportunidade naquelas revistas e naqueles livros gratuitos, passou a trocá-los por cachaça em mercearias da região. Assim, inadvertidamente, ele contribuiu de forma decisiva para a disseminação da mensagem adventista.

Nas mercearias, os comerciantes utilizavam as páginas das revistas adventistas para embrulhar compras. Os colonos, ao desembulharem os produtos, acabavam

tendo contato com os textos em alemão. Foi dessa maneira incomum que Guilherme Belz e sua esposa Johanna conheceram a fé adventista. A leitura das revistas e do

Figura 11 – Guilherme (1835-1912) e Johanna Belz, primeiros conversos ao adventismo no Brasil



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>67</sup>

livro *Gedanken über Daniel und die Offenbarung* (Reflexões sobre Daniel e Apocalipse), de Uriah Smith,<sup>66</sup> adquirido pelo irmão de Guilherme, os levou a estudar a Bíblia com mais profundidade. O casal passou a guardar o sábado em 1890 e foi batizado em junho de 1895, tornando-se os primeiros conversos adventistas no Brasil.

Outro pioneiro decisivo para o adventismo nacional foi Guilherme Stein Jr., homem culto, dedicado e profundamente comprometido com a nova fé. Ele se tornou o primeiro professor, primeiro editor e primeiro colportor adventista brasileiro, além de ser o primeiro converso a ser batizado no país por um pastor adventista. O batismo foi realizado por Frank Westphal, em abril de 1895, no rio Piracicaba, interior de São Paulo. A conversão de Stein Jr. ocorreu após a leitura do livro *Der Große Kampf* (*O Grande Conflito*), de Ellen G. White, adquirido por sua sogra de um colportor – provavelmente Augustus Stauffer,<sup>68</sup> considerado o primeiro colportor adventista a atuar no Brasil, a partir de 1893<sup>69</sup>.

Portanto, antes mesmo da chegada oficial dos primeiros missionários adventistas ao território brasileiro, a mensagem do adventismo já havia encontrado terreno fértil, especialmente nas colônias germânicas do Sul e Sudeste do País. A partir de 1900, com o estabelecimento da Casa Publicadora Brasileira, a literatura passou a ser produzida em solo nacional, ampliando o alcance da mensagem para todo o Brasil. A história do adventismo no País é, desde seu início, marcada por uma combinação única de providência divina, literatura missionária e conversões inesperadas.

<sup>66</sup> SMITH, Uriah. **Thoughts on Daniel and the Revelation**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1944.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=EGFJ&highlight=Guilherme|Belz>. Acesso em: 13 nov. 2025.

<sup>68</sup> COSTA, Márcio. **Augusto Baer Stauffer: o primeiro missionário Adventista no Brasil**. Ivatuba: Editora IAP, 2021, p. 34.

<sup>69</sup> VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **Primórdios criacionistas da Educação Adventista no Brasil: destacando a contribuição de um pioneiro**. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2011, p. 135.

O primeiro representante da Igreja Adventista a chegar ao Brasil de que se tem notícia foi o pastor Lawrence Creighton Chadwick. Ele nasceu em 20 de julho de 1858, no condado de Chautauqua, estado de Nova York. Filho de Benjamin Franklin Chadwick e Maria Rowe, foi ordenado ao ministério pastoral em 1891, em Battle Creek, tornando-se depois presidente da Sociedade Internacional de Tratados (editora adventista).

Em 1892, Chadwick enviou do Rio de Janeiro uma carta para a *Review and Herald*, a qual foi publicada em 16 de agosto do mesmo ano:

Eu parti de Barbados no dia 14 de junho [de 1892], e após uma viagem muito agradável, cheguei ao Rio de Janeiro na manhã do dia 30 de junho. Passamos por Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia no caminho. Tive minha primeira ideia real da magnitude do rio Amazonas quando navegamos por uma de suas desembocaduras, que era tão larga que podíamos apenas distinguir objetos grandes em uma das margens do rio com a ajuda de potentes óculos, enquanto a outra margem era totalmente invisível devido à sua distância de nós. Eu fiz visitas rápidas em todos esses portos, enquanto o navio estava descarregando, e coletei informações muito valiosas.

Tínhamos cerca de quarenta passageiros a bordo, a maioria americanos e espanhóis. Estávamos no mar apenas um domingo, quando falei no salão social a convite do capitão e, no fim do dia, falei com os marinheiros no convés principal.

Já passei três dias no Rio de Janeiro, e devo partir hoje (3 de julho) para Buenos Aires. Quando meu trabalho terminar na República Argentina, espero voltar aqui para uma curta estada a caminho da África. Diz-se que este é o maior porto do mundo, e certamente é muito bom. Medindo todas as suas enseadas e baías, são 128 milhas ao seu redor. Sua entrada é estreita e bem protegida. A febre amarela é quase totalmente reduzida aqui, embora ainda esteja ativa em Santos. Encontramos um navio a vapor com destino ao norte em Pernambuco, que havia perdido seu capitão, comissário e engenheiro-chefe, por causa dessa doença, e vários outros de sua tripulação estavam à beira da morte.

Estou me acostumando a ver o sol no norte, e o Cruzeiro do Sul é um objeto bastante familiar. O clima é bastante frio e os sobretudos são muito procurados.

Recebi a triste informação da morte de minha mãe, que havia sido enterrada um mês antes de eu saber que ela estava doente. Tais são as incertezas da vida, e a pessoa as sente mais intensamente quando está tão longe de casa que a grama pode estar crescendo sobre os túmulos de seus entes queridos antes que ele saiba de sua morte. Espero me juntar aos nossos colportores em Buenos Aires em cerca de uma semana e apresentarei um relatório a partir de lá.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> ROCHA, Diego. O primeiro adventista do sétimo dia a visitar o Brasil: Quem foi o pastor Lawrence Creighton Chadwick? **The Patchfinder**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.thepatchfinder.com/blogs/news/primeiro-adventista-do-setimo-dia-a-visitar-o-brasil>. Acesso em: 6 out. 2025.

No ano seguinte, 1893, Augustus Baer Stauffer viria para evangelizar os brasileiros e distribuir literatura adventista no País. Dois anos depois, o pastor Frank Westphal faria os primeiros batismos em terras brasileiras.<sup>71</sup>

Diego Rocha faz uma comparação interessante:

Talvez possamos dizer, de forma alegórica, com base nos documentos que temos no momento, que Chadwick entrou na terra para ‘espiar’ e fazer reconhecimento, assim como os 12 espias o fizeram na terra prometida. Stauffer, Snyder, Thurston, Westphal, Graf e outros vieram depois para ‘conquistar’ a terra.<sup>72</sup>

## 2.2 GUILHERME STEIN JR.

De origem alemã e luterana, a família de Guilherme Stein Jr. veio para o Brasil em 1854 e se estabeleceu na região de Indaiatuba, no interior do estado de São Paulo. Guilherme nasceu em Campinas, no dia 13 de novembro de 1871. Com 11 anos de idade, ele completou os cinco anos de estudos primários em um colégio alemão luterano. E isso foi o máximo que ele conseguiu avançar nos estudos formais.<sup>73</sup>

Em 1893, com 22 anos, Guilherme se mudou para Piracicaba, onde residiu na casa dos pais de Maria Krähenbühl. Algum tempo depois, ele e Maria se casaram. Os Krähenbühl eram metodistas, e Guilherme começou a frequentar a igreja com eles – a mesma igreja da qual a pioneira norte-americana Ellen White fez parte antes de abraçar o adventismo. Guilherme se tornou um dedicado estudante da Bíblia. Levantava-se todos os dias às cinco horas da manhã para ler e estudar a Palavra de Deus antes de ir para o trabalho, nas Oficinas Krähenbühl.

Já em 1870, as Oficinas Krähenbühl tinham quarenta operários e funcionavam com máquinas a vapor à margem do rio Corumbataí. Quando Guilherme começou a trabalhar na empresa, eles fabricavam fogões, arados, faziam trabalhos de ferraria, serralheria, fundição de cobre e carpintaria, além de importar máquinas para a lavoura e a indústria. Em poucos anos, a empresa se destacou no cenário nacional, sendo a primeira indústria do Estado de São Paulo.<sup>74</sup> Percebendo o quão capaz e dedicado Guilherme era, seu sogro João lhe ofereceu por três vezes sua parte na empresa, mas

<sup>71</sup> Borges, 2020, p. 73-87.

<sup>72</sup> Rocha, [s. d.].

<sup>73</sup> Vieira, 2015, p. 25.

<sup>74</sup> KRÄHENBÜHL, a indústria mais antiga do Estado. **A Província**, 13 set. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2ZF18iu>. Acesso em: 19 jun. 2019.

a leitura de um livro mudou completamente o rumo da vida do jovem, fazendo com que ele abrisse mão de uma promissora carreira de empresário.

Maria Krähenbühl contou a Guilherme que sua avó tinha um livro que lhe fora vendido por dois homens que não tomavam café<sup>75</sup> ([Augustus] Stauffer e Albert Bachmeyer). O livro era o *Der Grosse Kampf* (*O Grande Conflito*). Foi grande o entusiasmo e o interesse de Guilherme ao ler esse livro. Desejou mais literatura e, ao encontrar no próprio livro o número de uma caixa postal no Rio de Janeiro, entrou em contato com William Henry Thurston, que lhe enviou mais literatura e ao mesmo tempo escreveu ao cunhado, Frank Henry Westphal, na Argentina, para que viesse conhecer o progresso missionário adventista no Brasil através da colportagem.<sup>76</sup>

Guilherme dominava bem o inglês e chegou a manter contato com os responsáveis pelas publicações adventistas nos Estados Unidos. Em 20 de janeiro de 1895, foi publicada na *The Home Missionary*<sup>77</sup> uma carta do jovem brasileiro, na qual ele se dirigia aos “irmãos de Battle Creek” e expressava o desejo de traduzir alguns dos livros que vinham sendo distribuídos pelos colportores, especialmente uma edição do *Steps to Christ* (*Caminho a Cristo*) que lhe fora dado pelo “querido irmão Stauffer”. De fato, pouco tempo depois disso, Guilherme traduziu para o português esse livro de Ellen White, que ficou inicialmente conhecido como *Vereda de Cristo*. Algum tempo depois, ele traduziu também o livro da mesma autora que lhe causou tanto impacto, e que ficaria com o título de *O Conflito dos Séculos* (hoje *O Grande Conflito*).

Na carta, escrita em janeiro de 1895, portanto três meses antes do batismo de Guilherme, podemos notar a emoção com que ele escreveu:

Embora pessoalmente desconhecido, mas íntimos em Cristo, eu não consigo me conter ao vos informar de minha imensa alegria que eu, pela bondade de Deus e misericórdia de Cristo Jesus, fui conduzido à verdade. E agora Deus me permitiu ser um defensor da verdade e um guerreiro de Cristo em nossas fileiras. Depois de ter pertencido à Igreja Metodista por um ano e meio, agradou a Deus ter me chamado para fora desta e ter me permitido agir como um portador da mensagem, e por isso sou infinitamente grato a Ele. Eu sou o único nesta cidade que

<sup>75</sup> Os adventistas evitam ingerir alimentos e bebidas estimulantes que alteram o estado mental, como é o caso dos cafeinados. Ellen White foi bastante clara quando escreveu sobre fumo, álcool e café: “Chá [tipos específicos], café e fumo são todos estimulantes, e contêm venenos. São não somente desnecessários, mas nocivos, e devem ser rejeitados, caso queiramos acrescentar ao conhecimento, temperança” (WHITE, Ellen Gould. *The path of progress*. **Review and Herald**, v. 65, n. 8, p. 113-128, 1888. p. 113, tradução nossa).

<sup>76</sup> STREITHORST, Ruth Vieira. **Pelos caminhos e valados**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997. p. 51-52.

<sup>77</sup> STEIN JR., Guilherme. A voice from Brazil. **The Home Missionary**, v. 7, n. 6, 1895, p. 135.

guarda o Sábado. E muitos se agradariam se minha boca fosse calada; mas, mesmo que eu tivesse mil línguas, nenhuma deveria estar silente, porque daquilo que o coração está cheio, a boca transbordará, e esta é a mensagem final para um mundo sobrecarregado de maldição. Oh, como precisamos do poder de Deus pois densas trevas cobrem a terra! [...]

Prezados irmãos, oh como eu gostaria de conhecê-los pessoalmente, e confraternizar convosco e partilhar da ceia do Senhor, da qual eu tive que ser privado por tanto tempo! Meus antigos irmãos de igreja caçoam de mim agora, e, de fato, alguns de meus próprios parentes e antigos irmãos de igreja, os quais chamam a si próprios de cristãos, estão tentando de toda forma possível amargar minha vida e torná-la difícil. Portanto, lembrem-se de mim no Sul e também orem por mim.<sup>78</sup>

Quando recebeu a carta de Thurston informando que já havia conversos ao adventismo no Brasil, o pastor Westphal se programou para a viagem. Seria a primeira vez que um ministro adventista ordenado pisaria em solo nacional para encontrar e batizar conversos.

Em fevereiro de 1895, o pastor Westphal desembarcou no Rio de Janeiro, onde o casal Thurston e o colportor Augustus Stauffer o esperavam. Westphal escreveu o seguinte sobre essa experiência:

Quando a Associação Geral me enviou para o grande continente meridional, fui nomeado superintendente da Missão Costa Leste da América do Sul, que incluía Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Assim, eu me senti na obrigação de fazer uma visita ao Brasil logo que possível. Após ter passado aproximadamente seis meses na Argentina e no Uruguai, zarpei para o Brasil em fevereiro de 1895. Quando nosso barco chegou, ficamos de quarentena [procedimento comum na época] numa linda ilha [Ilha das Flores] perto do Rio de Janeiro, onde permanecemos muitos dias.<sup>79</sup>

Acompanhado por Stauffer, o pastor Westphal seguiu primeiro para o interior de São Paulo para batizar os primeiros conversos nesse Estado. Segundo ele, “a terra era muito traiçoeira e encontramos muitos desmoronamentos em nosso caminho, alguns dos quais até mesmo soterraram o trilho do trem”.<sup>80</sup> Ele conta que tiveram que viajar a pé 60 quilômetros

no abrasador e sufocante calor de um verão tropical. [...] Fomos a Piracicaba para realizar nosso primeiro batismo no Brasil, pois nessa

<sup>78</sup> Stein Jr., 1895, p. 135, tradução nossa.

<sup>79</sup> WESTPHAL, Frank H. **Pioneering in the neglected continent**. Nashville: Southern Publishing Association, 1927. p. 32-33, tradução nossa.

<sup>80</sup> Westphal, 1927. p. 34, tradução nossa.

cidade morava um crente que já obedecia à verdade havia algum tempo, tendo até mesmo traduzido o livro *Steps to Christ (Caminho a Cristo)* para o português.<sup>81</sup>

Guilherme foi batizado em uma manhã de abril de 1895. O batismo foi realizado no rio Piracicaba, que na língua indígena significa colheita de peixes. “Interessante o simbolismo, porque esse primeiro batismo seria apenas o primeiro passo para uma grande colheita de pessoas”.<sup>82</sup>

Escolhemos para o batismo um lugar em que uma pequena ponta de terra se projetava em direção às águas. Temendo que pudesse atolar-me naquele local, pedi que o irmão Stauffer me segurasse pelo paletó com uma das mãos, e com a outra se agarrasse a um galho de árvore, permitindo assim que eu ajudasse também o candidato. Dessa forma entramos na água e foi realizado o batismo.<sup>83</sup>

Figura 12 – Batismo de Guilherme Stein Jr., no Rio Piracicaba



Fonte: pintura de Jairo Ostemberg publicada na Revista Adventista.<sup>84</sup>

<sup>81</sup> Westphal, 1927. p. 34, tradução nossa.

<sup>82</sup> DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **História de nossa igreja**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1959, p. 311.

<sup>83</sup> Westphal, 1927. p. 34, tradução nossa.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://revistaadventista.com.br/a-redacao/artigos/pioneiro-do-criacionismo/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Com o total apoio da esposa, herdeira direta do patrimônio das Oficinas Krähenbühl, Guilherme renunciou à prosperidade material para se dedicar integralmente à obra evangelística adventista.

Maria se recordava com carinho do esforço do pastor Westphal e de Stauffer para chegarem até o grupo de conversos no interior do Estado. Ela relatou em 1971:

Era tempo de chuva, a estrada estava interrompida, e eles vieram a pé. De Indaiatuba a Piracicaba eram umas três horas de trem. Então puseram-se a andar de Indaiatuba até cerca de três horas depois, chegando a uma fazenda onde moravam os tios de meu marido [localizada na Chave Stein]. Ficaram ali até que apareceu um lastro [pequena composição ferroviária movida por força humana], mas já tinham andado três léguas a pé. Admirei muito a fé daqueles homens! Veja só o valor de uma alma.<sup>85</sup>

A respeito de seu primeiro contato com os missionários adventistas, Guilherme escreveu o seguinte:

A impressão que nos deixou o irmão Westphal foi de um homem verdadeiramente santo. Do irmão Stauffer podia-se dizer o mesmo: era uma alma franca e muito sincera, como tive oportunidade de o ver comprovado em nossa convivência posterior no Rio [de Janeiro].<sup>86</sup>

### **2.3 PIONEIRO MULTIFUNCIONAL**

Guilherme desempenhou papel importante na obra adventista no Brasil como colportor, evangelista, professor, administrador, redator e editor.

---

<sup>85</sup> Vieira, 2015, p. 143.

<sup>86</sup> Vieira, 2015, p. 143.

Figura 13 – À direita, os jovens Maria e Guilherme



Fonte: blog Outra Leitura.<sup>87</sup>

No ano seguinte a seu batismo, com 25 anos de idade e casado fazia apenas três anos, Guilherme decidiu abandonar definitivamente a carreira de empresário para ajudar a espalhar literatura adventista em inglês entre os norte-americanos que viviam em Santa Bárbara d'Oeste.

Guilherme era fluente em inglês e alemão (e consta que, com o tempo, chegou a conhecer 40 idiomas), por isso procurou vender livros e fazer contatos inicialmente com falantes dessas duas línguas. Um relatório escrito pelo colportor J. F. Berger dá uma ideia do zelo para com as coisas da igreja, das dificuldades enfrentadas pelos colportores evangelistas nessa época e do conforto de que Guilherme abriu mão para se dedicar à missão:

As viagens na maior parte são feitas a cavalo, devido à escassez de carroças e boas estradas. Durante a estação chuvosa, algumas estradas são quase intransitáveis. [...] Os rios e ribeirões transbordam muito rapidamente [...] durante muitos dias, e por isso os viajantes perdem

---

<sup>87</sup> Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2025/02/14/uma-voz-do-brasil-1895-carta-inedita-do-pioneiro-guilherme-stein-jr/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

muito tempo esperando a água diminuir até permitir sua transposição, já que são muito raras as pontes neste país. Os rios de maior porte têm balsas para o cruzamento. [...] Quando saímos de nossos escritórios para o trabalho nas colônias de imigrantes, geralmente levamos uma mula carregada com livros para economizar tempo e dinheiro na viagem das cidades para as colônias, pois nossas despesas são bem menores se nos hospedamos nas colônias.<sup>88</sup>

Mas o trabalho de Guilherme na colportagem durou pouco tempo, pois o pastor Huldreich Graf – primeiro pastor adventista designado a fixar residência no Brasil e a servir no País – o convidou para assumir uma escola em Curitiba. Assim, ainda em 1896, Guilherme se mudou com a esposa para a capital do Paraná a fim de assumir o cargo de diretor e professor no Colégio Internacional de Curitiba, uma instituição particular orientada pela filosofia adventista de educação, inaugurada no dia 1º de julho daquele ano.

O próprio Guilherme conta como foi a experiência:

Depois de haver colportado algum tempo em Santa Bárbara, veio uma carta do irmão Graf, de Curitiba, onde se achava estabelecido, para seguirmos para lá, a fim de tomar conta da primeira escola [adventista, mas não ligada à organização] fundada no Paraná. Curitiba era já naquele tempo o que podemos chamar quase uma cidade universitária, com grandes colégios, mas seguindo ainda a rotina do sistema de soletração nas escolas primárias. Nossa escola progrediu rapidamente, o que devemos em parte ao sistema fonético do professor Felisberto de Carvalho, que introduzimos e defendemos, a despeito da oposição dos colégios, como o grande Colégio Alemão, cujo corpo docente defendia o sistema hoje arcaico. Tivemos que sustentar uma disputa pelo jornal alemão *Der Beobachter (O Observador)*, defendendo o novo sistema. A escola que começou com meia dúzia de alunos acusou, ao cabo de seis meses, uma matrícula de mais de 120 alunos.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> BERGER, J. F. Canvassing in Brazil. *The Missionary Magazine*, v. 11, n. 6, p. 253-255, 1899, p. 253, 254, tradução nossa.

<sup>89</sup> Vieira, 2015, p. 153-154. O professor Felisberto de Carvalho foi um educador destacado no fim do século 19 e autor de muitas obras didáticas, tendo sido membro do Conselho de Instrução.

Figura 14 – Colégio Internacional de Curitiba



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>90</sup>

Figura 15 – professores e estudantes em 1896



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>91</sup>

<sup>90</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGK0&highlight=Col%C3%A9gio|Internacional|de|Curitiba>. Acesso em: 13 nov. 2025.

<sup>91</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGK0&highlight=Col%C3%A9gio|Internacional|de|Curitiba>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Em setembro de 1897, o casal Stein precisou mudar novamente, desta vez para Gaspar Alto, SC, a fim de estabelecer a primeira escola paroquial adventista brasileira, fundada no dia 15 de outubro daquele ano, na mesma localidade em que havia sido organizada a primeira igreja adventista no Brasil. O ensino era ministrado em alemão, e o regime era agroindustrial, como os demais colégios adventistas que depois foram sendo estabelecidos no Brasil. De manhã funcionava o nível primário; à tarde, o secundário. O edifício escolar estava dividido em dois ambientes: um para a igreja e outro para as atividades escolares. Em 1900, foi construído um dormitório para alunos internos.

Quando tudo estava funcionando bem em Gaspar Alto, inclusive com aulas no período da noite para os adultos, em outubro de 1899, Guilherme e Maria foram novamente chamados para outro desafio: mudar para o Rio de Janeiro a fim de iniciar a publicação do primeiro periódico adventista do sétimo dia em língua portuguesa: *O Arauto da Verdade*, dando início, assim, à obra de publicações adventistas no Brasil, embrião da instituição que viria a ser conhecida como Casa Publicadora Brasileira.

Figura 16 – Igreja Adventista de Gaspar Alto



Fonte: blog Outra Leitura.<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2022/06/15/127-anos-da-primeira-igreja-adventista-organizada-no-brasil/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Nota: essa foi a primeira igreja Adventista organizada no Brasil, em 1895, pelo pastor Frank Westphal; em 1897, foi inaugurada no mesmo terreno a primeira escola paroquial adventista no Brasil

Além de se encarregar dos trabalhos editoriais, Guilherme também fazia evangelismo em língua portuguesa na cidade, juntamente com o pastor Frederick Weber Spies, motivo pelo qual a Igreja Adventista mundial lhe concedeu uma licença ministerial, o que fez dele o primeiro pastor adventista brasileiro licenciado.

Em julho de 1900, foi impresso na Typographia e Lithographia Almeida Marques & Cia., localizada na Travessa do Ouvidor, Rio de Janeiro (então capital federal), o primeiro número de *O Arauto da Verdade*, periódico publicado ininterruptamente até 1913. Em seu livro *Memórias do Tio Luiz*, publicado em 1988, o editor Luiz Waldvogel recorda: “Quanto à redação nos idos de 1900, o professor Guilherme Stein sozinho dava conta de tudo: redação, tradução e revisão”.<sup>93</sup>

Figura 17 – Casa Publicadora Brasileira em Santo André, SP



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>94</sup>

<sup>93</sup> WALDVOGEL, Luiz. **Memórias do tio Luiz**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988, p. 143.

<sup>94</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=GGGM&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2025.

Figura 18 – Casa Publicadora Brasileira, em Tatuí, SP, desde 1985



Fonte: Revista Adventista.<sup>95</sup>

Desde a primeira edição de *O Arauto da Verdade*, é possível perceber a visão editorial e intelectual de Guilherme Stein Jr., que atuou como organizador, tradutor e editor do periódico em seus primeiros anos. Mesmo no lançamento inicial, Guilherme já delineava os temas centrais que marcaram sua trajetória literária e ministerial ao longo da vida. A revista promovia a confiabilidade da Bíblia, a valorização da oração, a importância do conhecimento de história e do criacionismo, e o estudo das profecias que apontam para a volta de Jesus, estabelecendo a tônica espiritual do periódico.

O primeiro texto, escrito por Milton Charles Wilcox (1853-1935), afirma, entre outras coisas (português original preservado): “A palavra de Deus é uma só, embora se componha de muitas partes. O facto dela ter sido escripta por indivíduos de varias vocações, em tempos diferentes e sob diversas circunstancias, não affecta na mínima coisa sua unidade que, de facto, se observa nas suas sessenta e seis porções”.<sup>96</sup>

Wilcox foi um pioneiro adventista norte-americano que dedicou mais de 50 anos ao ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia, atuando como evangelista, autor e editor, sendo especialmente conhecido por sua liderança na revista *Signs of the Times* entre 1891 e 1913. Batizado em 1877, Wilcox se destacou por sua dedicação à divulgação da fé adventista, escrevendo livros e artigos sobre temas doutrinários e práticos, assim como Guilherme também fazia.

<sup>95</sup> Disponível em: <https://revistaadventista.com.br/wellington/artigos/casa-de-salvacao/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

<sup>96</sup> STEIN JR., Guilherme (ed.). **O Arauto da Verdade**. Sociedade Internacional de Tratados, 1900, p. 1.

A preocupação de Guilherme com a formação plena do ser humano se manifestava em artigos sobre família, missões evangelísticas e saúde integral, incluindo a apresentação dos oito remédios da natureza, com destaque para o ar puro na primeira edição. Guilherme também demonstrou interesse por arqueologia e antropologia, publicando um artigo sobre a engenhosidade e capacidade artística dos povos pré-colombianos, especificamente os *moundbuilders*, ressaltando que em suas obras não havia representação de animais trazidos posteriormente pelos europeus à América (sendo, portanto, realmente anteriores ao “descobrimento”). Esse enfoque refletia sua convicção de que os chamados “pré-históricos” possuíam conhecimentos avançados, tema que seria aprofundado em seus livros.

Todos os vestígios da época dos *moundbuilders* authorizam a crer que possuíam um grau de civilização mais elevada do que os Indianos de hoje. Deviam ter constituído um povo unido e forte, com residências fixas, e dado à agricultura, pelo motivo de serem mais numerosas as suas colonias nas planícies férteis dos rios. O cobre de Lake Superior, encontrado em quasi todos os mounts até a Flórida, constitue um indicio de extenso commercio praticado por aquelles povos.<sup>97</sup>

O texto, aparentemente secundário em meio a outros temas religiosos, revela muito mais do que simples curiosidade arqueológica: ele antecipa um dos eixos fundamentais da reflexão de Guilherme ao longo de sua vida: a contestação da ideia de que as culturas antigas teriam sido essencialmente primitivas, rudimentares e incapazes de manifestações artísticas ou científicas de alto nível.

Se as culturas anteriores à colonização já apresentavam alto grau de organização e criatividade, na ótica de Guilherme caía por terra a noção evolucionista de que a humanidade teria iniciado em um estado de selvageria para, gradualmente, chegar à civilização moderna.

Essa linha de raciocínio é coerente com outros textos de Guilherme, nos quais ele recorrentemente critica a perspectiva evolucionista aplicada à história das civilizações. Para ele, a ideia de “primitivismo” não encontrava respaldo nem na arqueologia nem na Bíblia. Ao contrário, desde o princípio a humanidade fora dotada de inteligência e criatividade pelo Criador, ainda que a degeneração moral e espiritual ao longo dos séculos pudesse explicar quedas culturais ou técnicas em determinados povos. Nesse sentido, o uso do exemplo dos *moundbuilders* não foi acidental: ao projetar luz

---

<sup>97</sup> Stein Jr., 1900, p. 11.

sobre esses povos pouco conhecidos, Guilherme construía um argumento em favor da dignidade da humanidade desde as origens, em consonância com o relato bíblico da criação.

Posteriormente, em seus livros e artigos, Guilherme voltaria ao tema das civilizações antigas, ampliando sua análise para outras culturas, como os egípcios, mesopotâmicos e pré-colombianos em geral. O fio condutor, porém, permanecia o mesmo: demonstrar que a história humana, quando corretamente interpretada, confirma a visão bíblica de um início marcado pela capacidade plena e não por uma lenta evolução a partir da barbárie. Nesse ponto, sua leitura dos *moundbuilders* ganha valor simbólico: ao contrário de serem um exemplo de atraso ou obscurantismo, eram, em sua ótica, evidência de que os homens do passado dispunham de recursos técnicos e artísticos comparáveis aos de civilizações ditas “avançadas”.<sup>98</sup>

Assim, o recurso a esse exemplo arqueológico na primeira edição de *O Arauto da Verdade* funciona como uma espécie de manifesto intelectual de Guilherme Stein Jr. Ao mesmo tempo em que divulgava curiosidades e informações científicas ao público adventista brasileiro, ele estabelecia uma base apologética para sustentar duas teses centrais: a confiabilidade da Bíblia como fonte de conhecimento sobre as origens e a insuficiência das teorias evolucionistas para explicar a história das culturas humanas.<sup>99</sup> O estudo dos *moundbuilders* não era, portanto, apenas erudito ou descritivo, mas se inseria em um projeto maior de pensar a ciência, a religião e a história em diálogo crítico, tendo sempre como horizonte a defesa da fé bíblica. Pensamento que seria grandemente expandido nos livros que Guilherme escreveria posteriormente.

A primeira edição de *O Arauto da Verdade* incluía ainda textos sobre fenômenos naturais surpreendentes, como a viabilidade de sementes milenares, e abordava questões sociais e filosóficas, como o ateísmo de Joseph Barker e a loucura de não

Figura 19 – Primeira publicação adventista em língua portuguesa impressa no Brasil, em 1900



Fonte: Encyclopedia of Seventh-day Adventists.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Para uma visão arqueológica moderna sobre os *moundbuilders*, veja FAGAN, Brian M. **Ancient North America: the archaeology of a continent**. 4. ed. New York: Thames & Hudson, 2005.

<sup>99</sup> Para a crítica ao evolucionismo cultural, veja TYLOR, Edward B. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom**. Londres: John Murray, 1871, v. 1; obra representativa da mentalidade combatida por Guilherme Stein Jr.

<sup>100</sup> Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

se preparar para a vida eterna.<sup>101</sup> Havia espaço, também, para o público infantil, com histórias, como a de uma elefanta e seu filhote, e reflexões sobre o cenário geopolítico da época, incluindo notas sobre intenções imperialistas europeias na África, Ásia e América do Sul, além de ironias sutis, como a observação sobre o armamentismo francês: “Tudo naturalmente sem outro fim que não o de assegurar a paz mediante preparativos de guerra”.<sup>102</sup>

Por fim, a edição conclui com um estudo bíblico sobre a vida de Cristo, reafirmando que, mesmo diante da complexidade e das tensões que marcaram o início do século 20, a esperança da humanidade permanecia firmemente ancorada em Jesus. Desde sua primeira edição, *O Arauto da Verdade* já expressava o compromisso de Guilherme em integrar fé, ciência, cultura e vida prática, estabelecendo, assim, os fundamentos do pensamento que caracterizaria toda a sua produção literária e apologética.

---

<sup>101</sup> Joseph Barker (1806-1875) foi um pregador metodista inglês que se tornou uma figura polêmica no século 19 por causa de sua trajetória religiosa e intelectual marcada por rupturas e mudanças radicais. Ele começou como pregador metodista, mas logo entrou em conflito com a liderança por defender ideias mais liberais e independentes. Fundou seu próprio movimento, conhecido como os Barkerites, que combinava forte engajamento social e político com liberdade doutrinária. Aos poucos, Barker se afastou de doutrinas centrais do cristianismo tradicional, rejeitando a autoridade absoluta da Bíblia e chegando a se declarar descrente e ateu por um período. Mais tarde, ele retornou ao cristianismo, tornando-se novamente defensor da fé, embora mantendo posições independentes. Sua figura foi bastante comentada por religiosos da época justamente por simbolizar os perigos do racionalismo extremo e da rejeição da Bíblia. É provável que Guilherme Stein Jr., ao mencionar Barker em *O Arauto da Verdade*, tenha usado seu exemplo como advertência contra o ateísmo e a rejeição da fé, destacando a “loucura” de abandonar a esperança da vida eterna (BARKER, Joseph; BARKER, John Thomas. **The life of Joseph Barker**. London: Hodder and Stoughton, 1880; GRANT, Arthur Henry. Barker, Joseph (1806-1875). In: STEPHEN, Leslie (ed.). **Dictionary of national biography**. London: Smith, Elder & Co., 1885. v. 3. p. 204-206).

<sup>102</sup> Stein Jr., 1900, p. 14.

Figura 20 – Os moundbuilders foram povos pré-colombianos responsáveis pela construção de montes artificiais – ou *mounds* – encontrados sobretudo nas regiões dos rios Mississippi, Missouri e Ohio, nos Estados Unidos. A semelhança entre as formas desses “montes” e os zigurates mesopotâmicos é notável



Fonte: History Guild.<sup>103</sup>

## 2.4 APOSENTADORIA E PRODUÇÃO LITERÁRIA

Depois de uma curta estada em Taquari, RS, em 1903, para ajudar na fundação de uma nova escola (mas mantendo suas atividades editoriais à distância), Guilherme adoeceu e teve que se mudar para Elias Fausto, no interior de São Paulo, a fim de se recuperar da exaustão – era a segunda vez que o pioneiro sofria os efeitos do esgotamento físico e mental. Recuperado, ele dedicou ainda 13 anos à intensa atividade na obra adventista, tendo que, finalmente, aposentar-se precocemente em 1918, mais uma vez debilitado pelo excesso de trabalho.

Guilherme e Maria compraram uma modesta propriedade entre as estações de Elias Fausto e Cardeal (o Sítio Quilombo, antes pertencente a Simão Stein, irmão de Guilherme), e ali, em meio à natureza, o ex-editor e ex-professor pôde se dedicar à pesquisa e a escrever livros, atividades que tanto lhe davam prazer. Em 1919, ele concluiu seu segundo livro:<sup>104</sup> *O Sábado ou o Repouso do Sétimo Dia*, um estudo profundo e detalhado em quase 300 páginas, podendo ser considerado o primeiro livro criacionista em língua portuguesa.

<sup>103</sup> Disponível em: [https://historyguild.org/interesting-stories-of-the-mound-building-native-american-civilizations-of-the-midwest/?srsltid=AfmBOorMDgLYRk-ceTbj0mAp82OEO2\\_krlr3MRL9EINRBe71jHJvxs1OR](https://historyguild.org/interesting-stories-of-the-mound-building-native-american-civilizations-of-the-midwest/?srsltid=AfmBOorMDgLYRk-ceTbj0mAp82OEO2_krlr3MRL9EINRBe71jHJvxs1OR). Acesso em: 14 nov. 2025.

<sup>104</sup> O primeiro livro de Guilherme Stein Jr. (e o primeiro livro publicado por um adventista brasileiro) foi *Sucessos Preditos da História Universal*, impresso em 1909; trata-se de um estudo sobre os capítulos 2 e 7 do livro bíblico de Daniel.

Juntamente com a experiência adquirida nessa atividade [editorial], o conhecimento adquirido de livros e periódicos nesse intervalo, os contatos mantidos e a correspondência trocada com pessoas de erudição, no desempenho de suas responsabilidades editoriais, despertaram [o interesse de Guilherme] para a controvérsia científica entre criacionismo e evolucionismo e dirigiram-no para o campo da pesquisa do monogenismo linguístico.<sup>105</sup>

Guilherme dedicou muitas horas ao estudo comparativo de línguas antigas, como o sumério, de línguas indígenas americanas e de línguas clássicas, como sânscrito, hebraico, grego e latim; e escreveu livros sobre o assunto.

## 2.5 ÚLTIMOS DIAS EM SÃO PAULO

Em 1957, durante o tempo em que esteve na casa de seu neto Fernando de Fernandes, em Artur Alvim, Guilherme contraiu a “gripe asiática”. Ele estava então com 86 anos de idade e a saúde ficou muito debilitada, de modo que não resistiu à doença e, no dia 5 de outubro, veio a falecer na casa do neto.

Durante a cerimônia fúnebre dirigida pelo pastor Moysés Nigri, Maria se aproximou dele e disse-lhe ao ouvido: “Diga a todos que ele morreu bem fiel e firme na igreja”.<sup>106</sup>

Em carta de 31 de julho de 1959, depois de ter vivido 64 anos ao lado do esposo, Maria escreveu o seguinte:

Eu ainda vivo sob os reflexos do duro golpe que me atingiu; foi para mim uma perda irreparável, mas tenho deixado nas mãos de meu Pai Celestial todos os meus planos, porque Ele tudo sabe, e não importa como as coisas estão caminhando. Ainda hoje de manhã, depois de orar, abri a Bíblia e li o seguinte: ‘Porque deveras haverá bom futuro, não será frustrada a tua esperança’ (Provérbios 23:18). Deus tem sido tão bom para mim, e tenho recebido tantas provas de Seu amor e cuidado! Jesus tem sido meu escudo e fortaleza, e com Sua graça quero permanecer fiel até o fim.<sup>107</sup>

No dia 26 de janeiro de 1974, Alice Irene, filha de Maria e Guilherme, faleceu depois de enfrentar prolongada enfermidade. Em carta dirigida à irmã Edith, datada de 22 de março, Maria expressou sua esperança:

<sup>105</sup> Vieira, 2015, p. 194.

<sup>106</sup> NIGRI, Moysés S. Tomba o primeiro Adventista do Sétimo Dia batizado no Brasil. **Revista Adventista**, ano 53, n. 1, p. 38, 1958, p. 38.

<sup>107</sup> Vieira, 2015, p. 205.

[Alice] foi sepultada em Indaiatuba, ao lado do tio Simão. [...] Ali também estão sepultados os velhos avós, tios e tias. Ali espero também ser sepultada na mesma cova com Guilhermino [o esposo], e lá ficaremos até a vinda de nosso bendito Salvador, na esperança bendita de um dia encontrar nossos queridos que já dormiram em Cristo.<sup>108</sup>

Figura 21 – O Núcleo de Documentação e Informação Guilherme Stein Jr., no Centro Cultural da Sociedade Criacionista Brasileira, em Brasília, DF, preserva parte da biblioteca que pertenceu ao pioneiro



Fonte: arquivo pessoal do autor.

---

<sup>108</sup> Vieira, 2015, p. 208.

Figura 22 – No acervo de documentos há cartas pessoais de Guilherme e de sua esposa, Maria, além de anotações e pesquisas feitas pelo biógrafo Ruy Carlos de Camargo Vieira



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Figura 23 – Michelson Borges, Ruy Carlos de Camargo Vieira (biógrafo de Guilherme Stein Jr.) e Rui Corrêa Vieira



Fonte: arquivo pessoal do autor.

### 3 O SÁBADO E AS PROFECIAS DE DANIEL E APOCALIPSE

Guilherme Stein Jr. desempenhou papel fundamental e singular na transmissão e contextualização das profecias bíblicas estudadas pelos adventistas norte-americanos, especialmente as dos livros de Daniel e Apocalipse. Seu trabalho não foi apenas de tradução linguística ou doutrinária, mas de adaptação pedagógica e espiritual da mensagem profética ao contexto cultural, religioso e social do Brasil do início do século 20. Em contraste com obras mais densas e eruditas como *Daniel and the Revelation*, de Uriah Smith, Guilherme escreveu para um público recém-saído do analfabetismo bíblico e teológico, ainda fortemente influenciado pelo catolicismo romano e por tradições populares.<sup>109</sup>

O Brasil no início do século 20 vivia um momento de transição política e religiosa. A escravidão havia sido abolida em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, abriu as portas para um Estado mais laico.<sup>110</sup> No entanto, a hegemonia do catolicismo ainda dominava os costumes, a educação e a espiritualidade popular. Nesse cenário, o adventismo chegava ao país por meio de publicações, missionários estrangeiros e imigrantes europeus convertidos, como as famílias Belz, Stein, Hort e várias outras, enfrentando resistência, preconceito e carência de materiais acessíveis para ensino doutrinário.<sup>111</sup>

Foi nesse contexto que Guilherme Stein Jr. escreveu *Sucessos Preditos da História Universal*, uma obra que se propunha a explicar as profecias de Daniel com linguagem clara, estrutura didática e aplicação espiritual. Publicado em 1909, seu foco era tornar compreensível o que para muitos brasileiros parecia distante, misterioso ou hermético. Ele não apenas expunha as profecias – ele evangelizava por meio delas.

O livro segue uma estrutura básica e simples:

- a) 1. Citação de textos bíblicos;
- b) 2. Interpretação do texto dada pelo próprio autor bíblico (no caso, Daniel);
- c) 3. Comentários e citações de enciclopédias, livros históricos e autores conhecidos, como Martinho Lutero e outros;
- d) 4. Apelos espirituais e convites à aceitação da mensagem do livro.

---

<sup>109</sup> Costa, 2010, p. 400-440.

<sup>110</sup> Gomes, 2014, 315-320.

<sup>111</sup> Borges, 2020, p. 160-165.

Ao todo, Guilherme cita 16 vezes o nome Lutero. Em quase todas, ele é usado como autoridade teológica e profética, especialmente para legitimar a interpretação historicista e a identificação do papado com o “poder perseguidor” de Daniel e Apocalipse.<sup>112</sup>

Em nenhuma dessas citações há polêmica com Lutero; pelo contrário, há reverência e alinhamento. Guilherme o apresenta como um precursor profético e intérprete confiável, cujo método exegético e cuja coragem servem como modelo.

Na citação a seguir, Guilherme menciona, além de Lutero, uma autoridade católica:

Referindo-se a esses quatro animais, diz o prelado Roos [prelado é um termo usado principalmente no contexto religioso cristão, especialmente dentro da Igreja Católica, para designar um membro do alto clero que exerce autoridade sobre outros eclesiásticos ou sobre uma circunscrição eclesiástica]: “Esses quatro reinos têm no capítulo 2 e no capítulo 7 um mesmo princípio, mas também terminam do mesmo modo. Lá e aqui nos é dito que eles não de finalmente ceder o lugar ao reino eterno de Cristo, por conseguinte são os mesmos reinos.” Os quatro metais: ouro, prata, cobre e ferro correspondem aos quatro animais de rapina, e o Filho do homem, a quem o Pai entregará o reino e que matará esses animais, corresponde à pedra arrancada sem o auxílio de mãos. Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma são, portanto, os reinos aqui simbolizados, como também disse Lutero: “No sétimo capítulo começam as visões e profecias dos reinos futuros, principalmente do reino de Cristo, por amor do qual são dadas essas visões. Em primeiro lugar, ele torna a ver aqui sob uma forma diferente, isto é, de quatro animais, os quatro reinos que ele mencionou no segundo capítulo, na grande estátua, e isto particularmente por causa do quarto animal, o reino romano, acerca do qual tem ainda a dizer alguma coisa.”<sup>113</sup>

Curiosamente, em *Sucessos Preditos da História Universal*, Guilherme não cita autores adventistas, como Ellen White. Há possíveis razões históricas, estratégicas e até culturais para isso:

- a) **contexto histórico e recepção adventista no Brasil.** Na primeira metade do século 20, o adventismo brasileiro ainda buscava respeitabilidade intelectual e cultural em um ambiente majoritariamente católico e fortemente ligado à tradição europeia. Autores norte-americanos como Uriah Smith, John Andrews e Ellen White eram pouco conhecidos fora

---

<sup>112</sup> Stein Jr., 1995, p. 34.

<sup>113</sup> Stein Jr., 1995, p. 51-52.

dos círculos internos da denominação. Já Lutero era uma figura histórica universalmente respeitada – inclusive reconhecida por católicos e protestantes. Ao invocar Lutero, Guilherme ganhava legitimidade e audiência entre leitores protestantes em geral, sem parecer sectário;

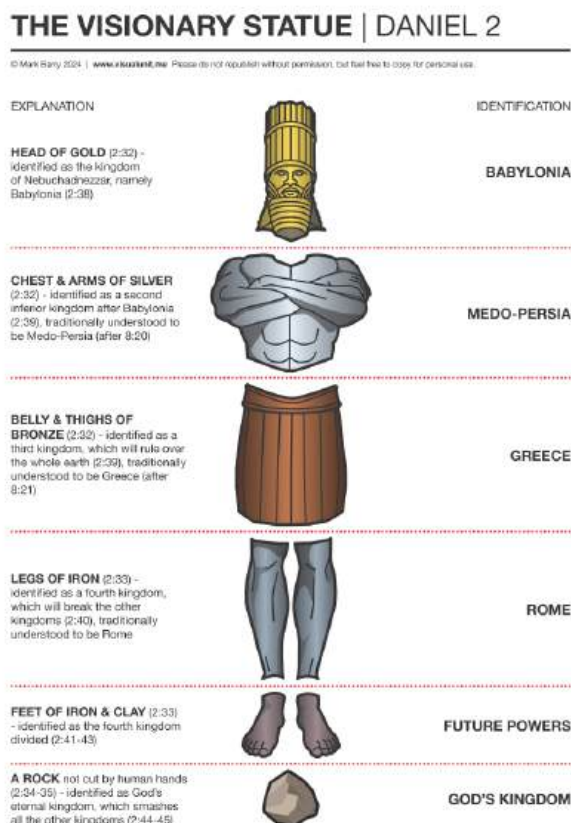
- b) autoridade protestante clássica.** Lutero simbolizava a ruptura com Roma e a redescoberta da Bíblia como autoridade suprema – dois eixos centrais também no adventismo. Guilherme provavelmente percebeu que citar Lutero conectava sua hermenêutica profética à tradição protestante maior, posicionando o adventismo não como seita, mas como herdeiro legítimo da Reforma. Ou seja: Lutero por certo funcionava como um “escudo histórico”, protegendo o autor da acusação de fanatismo ou algo parecido;
- c) distância cultural e linguística.** A produção adventista norte-americana da época era em inglês e circulava pouco em português. Guilherme, professor e escritor brasileiro, tinha acesso mais direto à literatura protestante europeia traduzida (Lutero, Calvino e outros). Além disso, o uso abundante de fontes clássicas indicava pretensão acadêmica: ele queria ser lido fora do círculo adventista – e, citando Lutero, alcançava um público mais amplo;
- d) função apologética.** O objetivo do livro é demonstrar o cumprimento das profecias bíblicas na história universal. Para isso, Guilherme precisava de testemunhas históricas “neutras” – e Lutero, como reformador que também identificou o papado como o Anticristo,<sup>114</sup> reforçava o elo histórico-profético sem depender apenas da tradição adventista.

Assim, o uso de Lutero em *Sucessos Preditos da História Universal* é claramente estratégico, apologético e teologicamente alinhado. Guilherme o emprega para legitimar a leitura historicista adventista, conectando-a à Reforma, e para dar autoridade acadêmica e histórica à sua obra num contexto brasileiro ainda desconfiado do adventismo.

---

<sup>114</sup> LUTERO, Martinho. De Captivitate Babylonica Ecclesiae. Wittenberg: [s. n.], 1520; LUTERO, Martinho. Der Papst und der Antichrist. Wittenberg: [s. n.], 1545.

Figura 2415 – Representação artística da estátua de Daniel 2.



Fonte: Visual Unit.<sup>115</sup>

com precisão os vaticínios bíblicos.

O estilo de Guilherme é didático, fluente e explicativo. Apesar de tratar de temas complexos – símbolos proféticos, cronologias e impérios antigos –, ele evita o jargão técnico. O vocabulário é culto, mas acessível, revelando sua formação docente e sua experiência como escritor voltado para o público leigo.

Algumas marcas estilísticas notáveis:

- uso frequente de perguntas retóricas para conduzir o raciocínio do leitor (“Quem seria o chifre pequeno senão Roma papal?”);
- emprego de transições claras e graduais (“Vejam agora o cumprimento dessa profecia na história...”);
- tom pastoral e respeitoso, mesmo ao refutar o catolicismo, sem cair em polêmicas agressivas;
- forte presença de citações documentais e históricas, demonstrando que o autor queria ensinar com provas.

<sup>115</sup> Disponível em: <https://visualunit.me/2024/02/28/the-visionary-statue-of-daniel/>.

<sup>116</sup> Stein Jr., 1995, p. 5.

O livro pioneiro de Guilherme foi escrito com uma função claramente apologética e pedagógica: demonstrar que a história humana confirma, ponto a ponto, as profecias bíblicas de Daniel. Guilherme não escreve como teólogo sistemático, mas como professor e evangelista. Sua intenção é mostrar ao leitor que a história universal é a mais poderosa evidência da veracidade da Bíblia.<sup>116</sup>

Essa ideia resume o eixo argumentativo do livro. A cada capítulo, ele parte de uma profecia – especialmente as visões de Daniel nos capítulos 2 e 7 de seu livro – e mostra como o desenrolar da história mundial (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma, Papado) cumpre

Há também certo entusiasmo poético em passagens finais, quando descreve o triunfo de Cristo e o destino dos justos – revelando o educador espiritual e o pregador esperançoso.

Nestes dois trechos, entre outros, podemos ver seu tom pastoral:

Mil e quatrocentos anos são já decorridos desde que o reino universal de Roma foi dividido e o ferro romano se misturou ao barro germano. Contudo, e a despeito de todas as tentativas para se ligarem por laços de matrimônio, o ferro e o Barro ainda resistem à liga. Eles não se apegam um ao outro. Nenhum reino universal há de ser mais estabelecido na terra. Isto Deus claramente revelou há mais de 2300 anos, e Sua profecia é história que não erra, mas que de um modo simples e claro registra a sorte dos povos antes que na história universal alguém deles se lembre. Só na Sua luz é que temos a luz e podemos compreender o destino dos povos.<sup>117</sup>

“Venha o Teu Reino” é a prece que o Senhor pôs nos lábios de Seus discípulos e que há mais de 1800 anos tem subido ao trono de Deus. Quando essa prece virá a ser cumprida? Porventura as profecias que nos foram dadas como uma luz que “alumia em lugar escuro até que o dia esclareça” nos dão algum esclarecimento sobre este ponto? Deus não pode deixar o Seu povo em ignorância a propósito de tão importante acontecimento. “Porque o Senhor Deus não faz nada sem ter revelado antes o Seu segredo aos profetas, Seus servos” (Amós 3:7). A palavra profética não nos foi dada somente para dela aprendermos os fatos históricos, mas para ficarmos conhecendo também quando o reino de Deus está próximo. Considerando sob este ponto de vista, o estudo da história à luz das profecias é de uma importância transcendente.<sup>118</sup>

O livro tem várias inovações importantes dentro do contexto da literatura adventista brasileira:

- a) Primeira obra adventista nacional a unir teologia e história geral de forma orgânica, sem depender de traduções norte-americanas;
- b) uso intenso de fontes clássicas europeias (Lutero, Eusébio, historiadores protestantes e autores católicos) para legitimar o discurso profético;
- c) introdução de uma linguagem apologética nacionalizada, contextualizada à cultura brasileira da primeira metade do século 20, quando o catolicismo ainda era dominante;

---

<sup>117</sup> Stein Jr., 1995. p. 42.

<sup>118</sup> Stein Jr., 1995. p. 43.

- d) ênfase no valor educativo da profecia: Guilherme via o estudo de Daniel e Apocalipse não apenas como doutrina, mas como ferramenta de formação moral e racional;
- e) ausência quase total de polêmica direta com outras denominações – algo incomum na apologética adventista inicial, o que mostra seu cuidado em dialogar com um público mais amplo.

Esses elementos fazem da obra um divisor de águas na produção adventista nacional: ela é teologicamente fiel à matriz norte-americana, mas culturalmente adaptada ao leitor brasileiro, com maior ênfase na clareza e na erudição.

*Sucessos Preditos da História Universal* é um marco intelectual e espiritual da literatura adventista em língua portuguesa. Ele consolidou o historicismo profético como eixo da fé adventista no Brasil, ancorando-o na tradição reformada e apresentando-o com linguagem clara, elegante e acessível.

Neste trecho, pode-se ter uma ideia do estilo literário elegante empregado por Guilherme:

Atualmente o sítio outrora tão movimentado da antiga Babel nada mais é que um deserto privado de vegetação, habitado por bestas feras, e cuja solidão infunde terror pelo aspecto ondulante daquele estendal de ruínas. Do terrível e majestoso caos se elevam os solitários montes de escombros. Quando se sobe a um deles a sua altura parece aumentar a cada instante, a solidão recresce, nenhuma erva, nenhuma moita se avista, apenas ao longe, em meio daquele silêncio solene e eterno, se contempla o vasto e branco espelho do Eufrates, que, cheio de uma majestade grave, percorre a solidão qual peregrino real vagueando por entre as ruínas do seu reino decaído. Os palácios, os templos, os pomposos edifícios, tudo está transformado num imenso deserto. Em lugar de jardins suspensos e paraísos fluorescentes, cobrem as margens pantanosas do Eufrates cinzentos canaviais, e ali, onde outrora os cativos de Judá entoavam sentidas queixas dedilhando, saudosos, as suas harpas, só se observa ainda de quando em quando um salgueiro secular, mas a voz de choro e a voz de gozo estão para sempre banidas de suas regiões. Babel foi, com efeito, transtornada como Sodoma e Gomorra.<sup>119</sup>

O livro ocupa, assim, um lugar de destaque na consolidação do pensamento adventista no Brasil. É uma obra que une erudição e clareza, fé e racionalidade, e que demonstra a maturidade de um autor comprometido em traduzir o pensamento

---

<sup>119</sup> Stein Jr., 1995, p. 24, 25.

profético adventista para um público nacional. Ao relacionar fé e história com linguagem acessível e fundamentação sólida, Guilherme tornou-se um mediador entre a tradição teológica adventista e a cultura brasileira, antecipando o esforço posterior da denominação de produzir obras originais em português. Sua contribuição transcende o campo exegético: é também educacional e cultural, evidenciando que a compreensão da história, à luz da profecia, pode ser tanto um ato de fé quanto um exercício de razão iluminada.

Seu texto tem ritmo de aula e vocação de manual de estudo, permitindo ao leitor compreender a mensagem profética de modo progressivo. Essa característica evidencia sua “veia” de educador, para quem a profecia não era apenas um tema doutrinário, mas também um instrumento de formação intelectual e espiritual.

A obra *Sucessos Preditos da História Universal* apresenta tanto convergências quanto divergências significativas em relação às produções adventistas similares publicadas até então, sobretudo nas primeiras décadas do século 20, quando predominavam traduções e adaptações de autores norte-americanos, como Uriah Smith, Ellen White, Stephen Haskell, M. C. Wilcox e Arthur Daniells.

Semelhanças:

- a) **método historicista** – Assim como os pioneiros adventistas, Guilherme adota o método historicista de interpretação profética, que lê Daniel e Apocalipse como panoramas progressivos da história humana desde a Antiguidade até o tempo do fim. A sequência dos impérios, o papel do papado e a esperança escatológica são apresentados dentro desse mesmo arcabouço teológico;
- b) **propósito apologético e missionário** – O livro compartilha com obras como *Daniel and the Revelation* (Uriah Smith) e *O Grande Conflito* (Ellen White) o objetivo de confirmar a fé do leitor e demonstrar a confiabilidade da Bíblia à luz dos acontecimentos históricos. É, portanto, uma literatura de defesa da fé e de convencimento racional, própria da tradição adventista;
- c) **ênfase profético-cronológica** – A sequência dos eventos é cuidadosamente datada e relacionada a marcos históricos, à semelhança das obras de Smith, o que reforça a ideia de que a profecia é verificável e testável, não mera especulação religiosa;
- d) **cosmovisão escatológica** – A leitura do desenrolar histórico culminando no “tempo do fim” e no advento de Cristo é idêntica à que dominava a literatura adventista internacional desde o século 19.

Diferenças:

- a) **tom pedagógico e narrativo** – Diferentemente do estilo técnico e, por vezes, denso dos autores norte-americanos, Guilherme adota um tom didático e narrativo, tornando o conteúdo mais acessível a leitores leigos e estudantes brasileiros. Essa característica reflete sua formação e vocação como educador e divulgador, mais do que como teólogo sistemático;
- b) **contextualização cultural** – O autor escreve para o público brasileiro do início do século 20, em um ambiente predominantemente católico. Em vez de repetir as polêmicas confessionais dos pioneiros adventistas norte-americanos, ele adota uma linguagem respeitosa e argumentativa, buscando persuadir por meio da razão e do apelo histórico, e não por confronto direto;
- c) **fontes de apoio** – Enquanto os autores norte-americanos geralmente citavam outros adventistas ou intérpretes protestantes anglo-saxões, Guilherme recorreu amplamente a Martinho Lutero e a historiadores e arqueólogos seculares, utilizando-os como autoridades que confirmam a veracidade da interpretação profética bíblica. Essa escolha o distancia da dependência intelectual em relação à literatura adventista norte-americana e insere sua obra em um diálogo mais amplo com a cultura ocidental;
- d) **estilo literário e abordagem histórica** – Guilherme privilegia a narrativa histórica contínua, em vez de diagramas e quadros proféticos detalhados. Seu texto flui como uma história comentada da humanidade, na qual as profecias bíblicas são os fios condutores da trama. Isso confere ao livro um caráter literário e formativo, mais próximo de um manual de história universal do que de um tratado profético;
- e) **ausência de polêmica direta** – Embora mantenha as mesmas posições doutrinárias adventistas, o autor evita o tom de denúncia que caracterizava boa parte da literatura de confronto com o catolicismo. Em vez de “ataque”, ele propõe compreensão histórica, mostrando que os eventos cumpriram profecias e que Deus sempre guiou a história humana – mesmo por meio de impérios e instituições falíveis;
- f) **originalidade na literatura adventista brasileira** – Até então, quase toda a literatura adventista em português era traduzida ou adaptada. *Sucessos Preditos da História Universal* é uma das primeiras obras inteiramente originais

escritas por um autor brasileiro, com linguagem própria, pesquisa independente e contextualização nacional. Isso marca um amadurecimento editorial e intelectual do adventismo no Brasil, pois demonstra capacidade de produzir teologia contextualizada, sem depender integralmente de modelos estrangeiros.

Pode-se dizer que Guilherme Stein Jr. herdou o conteúdo da tradição adventista, mas transformou a forma. Ele traduziu o historicismo profético para um público brasileiro, tornando-o inteligível, atraente e culturalmente adaptado. Sua obra é, ao mesmo tempo, fiel e inovadora – fiel à mensagem profética clássica, mas inovadora na linguagem, no método pedagógico e na escolha das fontes.

Enquanto os autores norte-americanos escreviam para convencer racionalmente um público protestante, Guilherme escrevia para ensinar e formar uma nova geração de leitores bíblicos brasileiros, mostrando que a fé cristã pode dialogar com a história e a razão. E não deixava, também, de fazer apelos a seus leitores:

Tudo nas escrituras é “proveitoso para ensinar”, mas com especialidade o é para nós nestes últimos dias a sorte de Babilônia. Uma nova Babilônia surgiu na terra, que sujeitou e ainda procura sujeitar o povo de Deus. Mas também esta Babilônia virá logo “em memória diante de Deus, para Ele lhe dar do cálice do vinho da indignação de Sua ira”. Também desta Babilônia logo se dirá: “Ai, ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o teu juízo” (Apocalipse 18:10). A nós, porém, o Senhor ordena: “Fugi do meio de Babilônia, e livrai cada um a sua alma, e não vos destruais a voz na sua maldade” (Jeremias 51:6). Desta vez, porém, não será Ciro com o seu exército limitado que lhe dará a paga dos seus pecados, mas o próprio Ungido de Deus, Cristo, à frente do Seu exército inumerável” (Apocalipse 19).<sup>120</sup>

Será neste reino estabelecido na terra renovada e purificada do pecado, que os salvos da raça de Adão hão de ser reunidos. O trono de Jesus será estabelecido na cidade santa, a nova Jerusalém. Então a oração que Jesus nos ensinou será perfeitamente realizada e a sua vontade será feita “assim na Terra como no Céu”. Quando tudo isso realizar-se, possamos eu e vós, querido leitor, pertencer à alegre multidão dos que hão de ser cidadãos daquele reino eterno!<sup>121</sup>

### 3.1 COMPARAÇÕES COM URIAH SMITH: FORMA E FUNÇÃO

A obra de Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*,<sup>122</sup> é uma referência clássica do adventismo, caracterizada por sua abordagem minuciosa, exegética e

<sup>120</sup> Stein Jr., 1995, p. 24.

<sup>121</sup> Stein Jr., 1995, p. 83.

<sup>122</sup> Smith, 1944.

profundamente detalhada das profecias bíblicas. Smith escreveu para um público que já possuía certo grau de familiaridade com a história, com a linguagem profética e com o protestantismo. Sua obra é estruturada como um compêndio teológico, servindo a estudiosos e pregadores.

Em contraste, Guilherme Stein Jr. dirigiu-se a leitores brasileiros com baixo nível de escolaridade e pouca ou nenhuma experiência com a leitura direta da Bíblia. Ele utilizou frases curtas, evitou termos técnicos e traduziu imagens proféticas em linguagem concreta.

Mais do que isso, enquanto Smith enfatiza a precisão histórica e cronológica dos eventos proféticos, Guilherme utiliza a história como ponte para o convite espiritual.

Figura 25 – Uriah Smith (1832-1903) foi teólogo, editor, escritor e pioneiro adventista.



Fonte: Revista Educação Adventista.<sup>123</sup>

### 3.2 ADAPTAÇÃO CULTURAL E APLICAÇÃO LOCAL

Outro elemento relevante é a forma como Guilherme contextualizava as aplicações das profecias. Ele reconhecia o papel histórico de Roma papal nas profecias, mas evitava tom polêmico. Ao fazer isso, demonstrava compreensão das sensibilidades culturais e religiosas brasileiras. Em um país de maioria católica, em que a Igreja Romana ainda detinha grande autoridade moral e social, um ataque direto poderia comprometer o avanço da mensagem. Guilherme optou por enfatizar o contraste entre a verdade bíblica e as tradições humanas, convidando o leitor a examinar por si mesmo a Palavra de Deus. Inclusive citando autores católicos, como L. R. Conradi:

A origem do poder temporal dos papas apresenta um dos fenômenos mais extraordinários que os anais da história oferecem à admiração dos homens. Por uma coincidência notável de circunstâncias, atuando umas sobre as outras, surgiu silenciosamente, mas com perseverança, um novo poder e um novo domínio das ruínas do reino romano. O antigo reino havia estendido ou inculcado o seu temor a quase todas as nações, povos e tribos que existiam no tempo da sua força e da sua glória; mas esse novo poder de origem modesta lançou raízes mais profundas e exerceu logo um domínio mais extenso do que o reino, cujas ruínas gigantescas ele viu rolares do pó, desfeitas em fragmentos. Em Roma mesmo o poder do sucessor de Pedro crescia ao lado

<sup>123</sup> Disponível em: <https://www.journalofadventisteducation.org/pt/2023.85.1.2>. Acesso em: 13 nov. 2025.

do poder do imperador e a sombra protetora do mesmo, e a influência dos papas aumentou de tal modo, que a majestade do primeiro sacerdote dentro em pouco eclipsou o brilho da púrpura. Com isso que Constantino mudou a sede do seu governo do ocidente para o oriente, das margens históricas do Tibre para as belas praias do Bósforo, foi lançado o primeiro e amplo fundamento de uma supremacia que começou de fato com esta significativa mudança.

Roma abandonada pelos imperadores e tornada uma presa fácil da pilhagem de bárbaros, aos quais não tinha a coragem de resistir, viu no bispo de Roma o seu tutor, seu protetor e seu pai. De ano em ano o poder temporal dos papas foi tomando incremento e converteu-se finalmente num domínio.<sup>124</sup>

Como editor da Casa Publicadora Brasileira e responsável pelo periódico *O Arauto da Verdade*, Guilherme Stein Jr. desempenhou papel crucial na formação de uma cultura profética acessível e coerente com a identidade do adventismo no Brasil. Seu legado pedagógico ajudou a consolidar uma geração de crentes capazes de compreender e ensinar as profecias.

Portanto, Guilherme não apenas repetiu os códigos proféticos adventistas norte-americanos; ele os retraduzia para a realidade brasileira, com sensibilidade pastoral, inteligência pedagógica e firmeza doutrinária. Sua obra representa um modelo de contextualização missionária, em que a fidelidade à mensagem profética é preservada ao mesmo tempo em que se promove uma comunicação relevante, acessível e espiritualmente eficaz.

### 3.3 RESUMO ANALÍTICO DE SUCESSOS PREDITOS DA HISTÓRIA UNIVERSAL

Publicado originalmente em 1909, *Sucessos Preditos da História Universal* constitui o primeiro livro de autoria adventista no Brasil, antecipando em dez anos a obra *O Sábado* (publicado em 1919). O livro analisa as profecias de Daniel 2 e 7, articulando a narrativa bíblica com a história universal. A primeira edição, de apenas 64 páginas, não trazia identificação de autoria nem data, o que levou a equívocos posteriores. Estudos documentais e a correspondência da época confirmaram Guilherme como o autor.<sup>125</sup>

O livro está dividido em duas partes: (1) o sonho da estátua de Nabucodonosor (Daniel 2), com a sucessão dos impérios – Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma,

<sup>124</sup> Conradi *apud* Stein Jr., 1995, p. 59.

<sup>125</sup> VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo; VIEIRA, Rui Corrêa. Apresentação. In: STEIN JR., Guilherme. **Sucessos preditos da história universal**. 2. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 1995, p. 5-7.

até a “pedra cortada sem mãos”, que simboliza o Reino de Deus; e (2) a visão dos quatro animais (Daniel 7), detalhando o surgimento da “ponta pequena”, associada ao poder papal, suas características e a perseguição aos santos.

Guilherme dialoga constantemente com fontes históricas, como *Compêndios de História Universal*, referências a Lutero, Döllinger, Maquiavel e Tyndale. Essa prática evidencia a tentativa de legitimar a interpretação profética com apoio de autoridades reconhecidas.

O propósito central da obra é demonstrar a confiabilidade da profecia bíblica e seu cumprimento na história mundial, confirmando o princípio adventista do historicismo profético.<sup>126</sup>

O discurso de Guilherme é apologético e didático, visando instruir novos leitores sobre a interpretação profética. Sua linguagem combina simplicidade e solenidade, adequada tanto à colportagem (venda de livros ao público externo) quanto ao ensino em ambiente eclesiástico. O estilo evidencia:

- a) **clareza pedagógica**: o autor introduz cada seção com citações diretas da Bíblia, seguidas de “sonho – interpretação – cumprimento”, numa estrutura esquemática que facilita a compreensão;
- b) **autoridade textual**: Guilherme ancora seus argumentos quase sempre em textos bíblicos e em eruditos reconhecidos, conferindo ao discurso legitimidade histórica e teológica;
- c) **retórica de convencimento**: a narrativa alterna exposição objetiva com apelos espirituais, como na conclusão: “Quando tudo isso realizar-se, possamos eu e vós, querido leitor, pertencer à alegre multidão dos que hão de ser cidadãos daquele reino eterno”;<sup>127</sup>
- d) **historicismo linear**: há uma forte ênfase em enxergar a história como linha reta de eventos previstos e cumpridos, culminando na intervenção divina final;

---

<sup>126</sup> O historicismo profético, segundo a visão adventista, é o método de interpretação que entende as profecias bíblicas – especialmente as de Daniel e Apocalipse – como uma sequência contínua de eventos que se cumprem progressivamente ao longo da história, desde os tempos bíblicos até o fim dos tempos e a volta de Cristo. Diferentemente do preterismo (que limita as profecias ao passado) e do futurismo (que as projeta quase todas para o futuro), o historicismo vê Deus dirigindo a história humana de forma ordenada, revelando em cada era o avanço do Seu plano de redenção. Essa abordagem, adotada pelos reformadores e mantida pelos adventistas, mostra que as profecias se cumprem com precisão.

<sup>127</sup> Stein Jr., 1995, p. 83.

- e) **uso de metáforas bíblicas:** a estátua, os animais, o ferro e o barro, todos interpretados como símbolos de nações e sistemas, refletem a hermenêutica adventista clássica.

*Sucessos Preditos da História Universal* é o marco inaugural da produção literária adventista no Brasil. Como discurso, alia exegese bíblica, narrativa histórica e apologética denominacional, consolidando um estilo que caracterizaria outras obras de Guilherme, como *O Sábado*. Seu padrão discursivo busca simultaneamente instruir, defender e persuadir, mostrando a relevância da profecia como chave interpretativa da história universal e como fundamento da identidade adventista no contexto brasileiro nascente.

### 3.4 RESUMO ANALÍTICO DE O SÁBADO OU O REPOUSO DO SÉTIMO DIA

Publicado originalmente em 1919, *O Sábado ou o Repouso do Sétimo Dia* foi a segunda obra de Guilherme Stein Jr., sucedendo *Sucessos Preditos da História Universal* (1909). O livro revela o esforço pioneiro de um autodidata que, com apenas cinco anos de educação formal, produziu uma obra de erudição e profundidade teológica, ainda hoje considerada uma raridade bibliográfica e um marco no adventismo brasileiro.

O fio condutor da obra é a defesa do sábado como instituição divina, fundamentada na criação e estendida à redenção, à lei moral e à escatologia. Na introdução, Guilherme ancora sua argumentação no relato do *hexamerón*, insistindo que os seis dias da criação devem ser entendidos como literais, rejeitando as leituras liberais e evolucionistas.<sup>128</sup>

Não há nada pois que nos obrigue a prescindir de nossa interpretação ordinária dos seis dias da criação, mas manda a sinceridade que aceitemos os fatos como eles são. A palavra Hebraica *yom*, que é invariavelmente traduzida “dia”, em todas as relações, significa primeiramente o dia considerado em oposição à noite, isto é, o tempo alumado pelo Sol. É nesse sentido que está empregada no versículo 16 do

<sup>128</sup> Segundo o Dr. Richard Davidson, o gênero literário usado para narrar a criação foi a prosa histórico-narrativa, que indica a natureza histórico-literal do texto. Outra evidência linguística que confirma a literalidade do relato é o uso da expressão “tarde e manhã”, que define claramente os períodos consecutivos de 24 horas. Da mesma forma, a palavra *yom* (dia) está conectada ao numeral cardinal, referindo-se a dias literais (KLINGBEIL, Gerald. **Ele falou e tudo se fez**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2022).

Gênesis, primeiro capítulo, onde se diz que o Sol devia presidir ao dia, e a Lua à noite. Designa além disso o dia civil, isto é, um dia ordinário de 24 horas, compreendendo uma sucessão regular de luz e trevas, chamadas no versículo 5, respectivamente, dia e noite. À parte essas acepções estritas, a palavra *yom* é empregada também no sentido translato de “tempo”, mais particularmente no plural, mas também no singular, podendo expressar um espaço de tempo indefinido. Assim, por exemplo, “nos dias de Noé”, quer dizer, “no tempo em que Noé vivia”; “no fim dos dias”, devemos entender “ao cabo de um certo lapso de tempo”; *kol ha-yom* significa não só “todo o dia”, como também “todo o tempo, sempre”; *be-yom* podemos traduzir “no dia”, e também “quando, em qualquer tempo”, como nesta passagem: “No dia em que dele comeres, etc.”, quer dizer, “quando, em qualquer tempo que dele comeres, etc.” No caso vertente, porém, uma tal hipótese está absolutamente excluída, a não ser que quiséssemos interpretar metaforicamente também as expressões *ereb* e *boqer* (“tarde e manhã”) que evidentemente restringem o sentido da palavra *yom*, não permitindo outra interpretação que a de um dia literal, um espaço de 24 horas. Ora *ereb* e *boqer* não têm ao que consta outro sentido no hebraico que não aquele que também nós emprestamos a essas palavras, e mesmo que tivessem não se poderia admitir outro na presente conjunção, porque depois do aparecimento da luz é feita a distinção entre a luz e as trevas, chamando Deus à luz dia e às trevas noite, o relator diz que veio a tarde, depois da manhã, que é o reaparecimento da luz, e que isto per fez um dia.<sup>129</sup>

Esse posicionamento evidencia o embrião do pensamento criacionista sistemático que mais tarde seria desenvolvido por outros autores adventistas brasileiros.

A estrutura da obra é clara e didática, refletindo a preocupação pedagógica do autor. No capítulo 1, Guilherme expõe a tríplice base do sábado – Deus descansou, abençoou e santificou o sétimo dia (Gn 2:1-3). Nos capítulos seguintes, amplia seu alcance: como memorial da criação (cap. 3), sinal da redenção (cap. 4), pedra de toque entre a verdadeira e a falsa adoração (cap. 5) e prática confirmada por Cristo e pelos apóstolos (caps. 6 e 7). O autor ressalta que o sábado não foi instituído apenas como descanso físico, mas como “memória da Criação” e “selo da Lei”.<sup>130</sup>

Guilherme utiliza recursos comparativos de linguística e história das religiões (algo que fará muito em suas três obras posteriores, sobre a origem das línguas e religiões), apontando, por exemplo, vestígios do sábado entre sumérios e babilônios, em cujas tradições o dia é descrito como um dia de descanso para a alma.<sup>131</sup> Cita também o trabalho do arqueólogo William Mead Jones, que em 1886 compilou o mapa linguístico da semana em mais de cem idiomas, confirmando a continuidade do sétimo

<sup>129</sup> Stein Jr., 2001, p. 14

<sup>130</sup> Stein Jr., 2001, p. 41-50.

<sup>131</sup> Stein Jr., 2001, p. 51-60.



em antíteses claras (verdadeiro/falso, divino/humano, criação/evolução) e no uso de provas textuais abundantes, próprias da apologética adventista da época.

Do ponto de vista histórico, o livro deve ser entendido como parte da luta pela identidade adventista no Brasil nascente. Guilherme insere a problemática do sábado no “contexto da luta pelo domínio da consciência do ser humano” ao longo da história,<sup>134</sup> antecipando discussões que seriam caras ao adventismo mundial, como a tensão entre sábado e domingo, liberdade religiosa e escatologia.

Em síntese, *O Sábado* representa uma obra pioneira que articula criação, redenção e escatologia em torno da doutrina sabática. Guilherme alia rigor exegético e erudição autodidata, utilizando recursos de linguística, história e arqueologia para sustentar sua defesa do sábado. A obra não apenas consolidou a literatura adventista no Brasil, como também exerceu influência posterior, sendo reeditada pela Sociedade Criacionista Brasileira em 1995 e 2022, sempre destacada como contribuição original e relevante para a identidade teológica adventista.

### 3.5 COMPARAÇÕES COM JOHN ANDREWS: FORMA E FUNÇÃO

As duas primeiras obras de Guilherme Stein Jr., escritas com dez anos de intervalo, revelam tanto a coerência de seu pensamento teológico quanto o alargamento de seu horizonte intelectual. Em *Sucessos Preditos da História Universal* (1909), Guilherme concentrou-se na interpretação profético-histórica de Daniel 2 e 7, situando os impérios mundiais dentro de uma linha de sucessão providencial. A obra inaugura, em português, o esforço de contextualizar a história universal sob a ótica adventista, evidenciando a convicção do autor de que a profecia é a legítima intérprete da história.<sup>136</sup>

Dez anos depois, em *O Sábado ou o Repouso do Sétimo Dia* (1919), nota-se uma mudança de ênfase:

Figura 27 – John Nevins Andrews (1829-1883) foi um dos principais teólogos do adventismo pioneiro e o primeiro missionário enviado pela IASD para além dos Estados Unidos (trabalhou na Europa)



Fonte: Notícias Adventistas.<sup>135</sup>

<sup>134</sup> Stein Jr., 2001, p. 8.

<sup>135</sup> Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/ha-185-anos-nascia-john-andrews-pioneiro-adventismo/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

<sup>136</sup> Stein Jr., 1995, p. 9-18.

Guilherme desloca seu foco da história universal para a prática religiosa, da macro-história profética para a vida devocional e doutrinária. O sábado passa a ser interpretado como eixo que conecta criação, redenção e escatologia. Enquanto *Sucessos Preditos* dialoga com a filosofia da história, *O Sábado* lida diretamente com a teologia prática e com o que o autor denomina “o problema atual” da observância sabática.

Em termos metodológicos, há continuidade no uso de provas documentais e comparativas. Se em *Sucessos Preditos* Guilherme recorre a crônicas históricas e testemunhos de impérios para validar a profecia, em *O Sábado* ele apela a estudos linguísticos, arqueológicos e etnográficos para demonstrar a universalidade e perpetuidade do sétimo dia. Cita, como já vimos, o mapa linguístico de William Mead Jones, que confirma a designação do sábado em centenas de línguas. Esse desenvolvimento progressivo evidencia um Guilherme cada vez mais atento ao diálogo entre Bíblia, ciência e cultura – algo que ficará ainda mais evidente em suas três obras posteriores.

O estilo também apresenta claro aprimoramento. Em *Sucessos Preditos*, a retórica é marcada pelo tom profético, com frases grandiloquentes e certa solenidade, reforçando a urgência da mensagem escatológica. Já em *O Sábado*, o texto é mais didático e pastoral. Nota-se a preocupação em instruir e convencer o público leigo, não apenas os já iniciados no estudo profético.

Do ponto de vista temático, as duas obras se complementam. *Sucessos Preditos* oferece o pano de fundo histórico-profético, mostrando a marcha dos impérios até o advento do reino de Deus; *O Sábado* enfatiza um dos sinais práticos que, na ótica do autor, identificam os fiéis desse reino: a guarda do sétimo dia. Como reconhecem os editores dos livros, há uma “íntima conexão” entre ambas as obras, de modo que a primeira fornece a moldura histórico-escatológica e a segunda desenvolve a aplicação prática dessa moldura no cotidiano do crente.

Assim, a comparação revela a trajetória de Guilherme: de um pioneiro intérprete da história universal sob o prisma profético a um defensor erudito da prática sabática. Ambas as obras, embora distintas em foco, convergem na defesa da identidade adventista no Brasil nascente e no combate às influências seculares e evolucionistas. Sua produção literária, portanto, não só ajudou a consolidar o adventismo brasileiro em suas bases doutrinárias e históricas, mas também abriu caminho para o desenvolvimento posterior da apologética criacionista e da reflexão sobre liberdade religiosa no país.

Em seu livro *Teologia e Ciências Naturais*, o físico e teólogo católico Eduardo R. da Cruz reconhece o pioneirismo de Guilherme:

O criacionismo não consiste na sobrevivência de uma cosmovisão pré-científica; ao contrário, trata-se de um fenômeno moderno, ligado primariamente aos adventistas e ao fundamentalismo cristão norte-americano. [...] A história do criacionismo no Brasil está fortemente vinculada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. A primeira obra brasileira que tratou do criacionismo foi publicada em 1919; seu autor, Guilherme Stein Jr. (1871-1957), foi o primeiro adventista brasileiro [na verdade, o primeiro adventista batizado no Brasil]. [...] Uma das denominações mais importantes no desenvolvimento do criacionismo foi (e ainda é) a Igreja Adventista do Sétimo Dia. [...] Enfatizando a leitura literal da Bíblia (base para sua afirmação de que o sábado seria o verdadeiro dia de repouso ordenado por Deus), Ellen White e outros fundadores afirmaram que o mundo teria sido criado em seis dias literais.<sup>137</sup>

O estudo do sábado dentro do adventismo recebeu tratamento sistemático pela primeira vez na obra *History of the Sabbath and First Day of the Week*, de John Nevins Andrews, publicada em 1873<sup>138</sup> nos Estados Unidos. Considerada a primeira grande contribuição acadêmico-teológica adventista, a obra de Andrews percorre a história bíblica e eclesiástica, demonstrando a perpetuidade do sábado desde a criação até a igreja cristã primitiva, além de examinar o processo de substituição do sábado pelo domingo no cristianismo pós-apostólico. Para Andrews, o sábado é o selo do Deus Criador, sinal de santificação, e sua rejeição está intrinsecamente ligada à apostasia profetizada em Daniel e Apocalipse.<sup>139</sup>

Guilherme Stein Jr., escrevendo mais de meio século depois no Brasil, retoma esse mesmo núcleo temático em *O Sábado ou o Repouso do Sétimo Dia* (1919), mas com traços que revelam tanto continuidade quanto originalidade. Assim como Andrews, Guilherme vincula o sábado ao relato da criação e o considera pedra de toque da verdadeira adoração. Ambos sustentam que Cristo e os apóstolos não alteraram o mandamento do sétimo dia, e que a mudança para o domingo se deveu a pressões históricas e políticas, não a um mandamento divino. Andrews afirma categoricamente que o sábado do quarto mandamento é a instituição original, e que o domingo é um

<sup>137</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da (org.). **Teologia e ciências naturais**: teologia da criação, ciências e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 239, 245, 241, 242.

<sup>138</sup> ANDREWS, John Nevins. **History of the sabbath and the first day of the week**. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1873.

<sup>139</sup> ANDREWS, John Nevins. **História do sábado e o primeiro dia da semana**. Engenheiro Coelho: Adventist Pioneer Library, 2018, p. 57.

substituto humano.<sup>140</sup> Guilherme ecoa a mesma ideia ao dizer que nenhum outro dia exceto o sétimo satisfaz os termos da lei.<sup>141</sup>

Há, porém, diferenças de escopo e de método. Andrews adota uma perspectiva marcadamente histórico-cronológica, dedicando extensos capítulos à patrística, aos concílios e à história eclesiástica medieval e moderna, rastreando a continuidade e as rupturas da observância sabática. Seu objetivo é fornecer ao adventismo nascente uma base apologética sólida diante de acusações de novidade ou heresia. Guilherme, por sua vez, escreve em contexto diverso: em um Brasil católico e de tradição popular, com poucos recursos bibliográficos. Sua obra se mostra mais didática e devocional, voltada para instruir membros e interessados de maneira acessível, sem abrir mão de erudição autodidata.

Enquanto Andrews cobre 600 páginas com documentação histórica, Guilherme concentra-se em aspectos bíblico-teológicos, linguísticos e até científicos, dialogando com debates de sua época, como a geologia uniformista e a teoria da evolução.

Outro ponto distintivo é a ênfase no criacionismo. Andrews menciona a criação como fundamento do sábado, mas Guilherme expande o argumento, dedicando toda a introdução ao *hexameron* e à defesa dos seis dias literais. Ele afirma que rejeitar a literalidade dos dias da criação mina a base mesma da guarda sabática. Essa ênfase criacionista, não tão evidente em Andrews, revela tanto a influência de debates científicos do início do século 20 quanto a antecipação da agenda que a Sociedade Criacionista Brasileira retomaria décadas mais tarde, fortemente influenciada por Guilherme Stein Jr.

---

<sup>140</sup> Andrews, 2018, p. 50-60.

<sup>141</sup> Stein Jr., 2001, p. 90-108.

Figura 28 – O gráfico mostra as implicações da crença na semana literal da criação (em seis dias de 24 horas cada) e da ideia de uma criação como relato metafórico/alegórico



Fonte: arquivo pessoal do autor; arte de Flávio Carvalho.

No estilo, Andrews é exaustivo e documental, com forte aparato de notas históricas, mas por vezes de leitura densa. Guilherme, ao contrário, equilibra erudição e clareza, sendo descrito por seus editores como didático, conciso e compreensível.<sup>142</sup> Sua estratégia discursiva é menos jurídica e mais pastoral, voltada ao convencimento do leitor comum.

Em síntese, Andrews e Guilherme compartilham o núcleo doutrinário da perpetuidade sabática e sua função escatológica como selo divino. Mas, enquanto Andrews constrói uma defesa histórico-institucional para consolidar a identidade do adventismo norte-americano, Guilherme adapta o tema para o público brasileiro, investindo em recursos bíblicos, linguísticos e científicos, e reforçando o vínculo entre sábado e criacionismo. Sua obra, portanto, pode ser lida como recepção criativa e contextualizada

<sup>142</sup> Stein Jr., 2001, p.5.

da tradição adventista, ao mesmo tempo fiel à herança de Andrews e inovadora na ênfase criacionista e na acessibilidade discursiva.

### 3.6 ESTRUTURA DO LIVRO O SÁBADO OU O REPOUSO DO SÉTIMO DIA

**Introdução:** O hexameron – Seis dias literais – O processo da criação segundo o Gênesis – Energia *versus* tempo – A revelação não visa a instruir sobre ciências naturais – O objeto propriamente dito do hexameron.

**Capítulo 1:** Instituição do sábado – Definição da palavra sábado – Os três atos fundamentais da instituição do sábado – O descanso de Deus no sétimo dia, extensão e significação desse ato – A bênção do dia sétimo, sua consequência e seu fim. A santificação do sétimo dia, significação e alcance desse ato.

**Capítulo 2:** Como o sétimo dia devia definir-se no seu caráter de repouso de Deus – Modo primitivo de calcular os dias da semana – De onde se originou o nosso atual sistema – Confusão a que deu origem a palavra “feira”. Origem do costume observado em toda a Europa de se realizarem feiras aos domingos – Quando devia começar para o homem a contagem dos dias; único processo lógico a seguir e o que ele devia prevenir – O sábado como dia definido não se extravia – Concordância observada no cálculo dos dias da semana entre os povos, os mais afastados entre si pelo espaço e pelo tempo – A nomenclatura astronômica dos dias da semana não alterou a sua ordem primitiva – Prova daí resultante para a sua origem legítima – Novas divisões do tempo introduzidas em diferentes épocas e sua duração – Exemplos curiosos que oferece a China – Testemunho de um eminente rabino sobre a hipótese de se ter extraviado o legítimo dia sétimo.

**Capítulo 3:** Por quem, por causa de quem e por que o sábado foi feito – Para que não foi feito o sábado – O sábado como memória da criação – Um preventivo contra a idolatria – O sábado como sinal do Deus vivo – Quem foi propriamente o autor do sábado – Quem é honrado na observância do sábado.

**Capítulo 4:** O sábado como memória da redenção – A redenção, uma nova criação – A obra da redenção não afeta senão favoravelmente o repouso original do sétimo dia – Sem redenção não há observância possível do sábado de Deus – Perpetuidade do sábado – A função do sábado no decálogo como selo da lei.

**Capítulo 5:** O sábado como pedra de toque – Sua relação com o Velho Testamento – O novo concerto – Relação particular do sábado com o Novo Concerto.

**Capítulo 6:** Cristo e o sábado – O importante objeto de Sua missão – Ignorância dos fariseus quanto ao legítimo caráter do sábado – O constante empenho de Cristo com relação ao sábado – Cristo guarda o sábado conforme a lei – Cristo não mudou o sábado – Testemunho peremptório de Cristo acerca da imutabilidade da lei e de cada um de seus preceitos, ainda o mais insignificante – Nenhum outro dia afora o sétimo satisfaz os termos da lei – A invalidação do sábado invalida o seu preceito e com ele a lei – Cristo arreda para longe de si a responsabilidade de um tal delito – Cristo não só guarda como ensina a guardar o sábado – Seu especial cuidado pela igreja se revela também no tocante ao sábado – Mudariam o sábado os apóstolos? – demonstração da impossibilidade de uma tal ideia – O testamento confirmado com o sangue precioso de Cristo não admite qualquer alteração póstuma da lei – Os discípulos mostram ignorar uma tal mudança.

**Capítulo 7:** A universalidade do sábado – A universalidade e a obrigatoriedade do sábado proclamadas à vista da salvação e da justiça a serem trazidas por Cristo – A reforma do sábado tornada condição indispensável de preparação para o primeiro advento de Cristo – Promessa especial feita aos estrangeiros que atenderem a esse sinal do concerto de Deus, observando-o devidamente – Cumprimento da promessa – O apóstolo confirma a vigência da observância do sábado na nova dispensação.

**Capítulos 8 a 11:** Quem mudou o sábado? – As bestas do Apocalipse – O sinal da besta e sua imposição.

**Capítulo 12:** O advento do profeta Elias – A obra reformadora do profeta Elias em paralelismo com a obra do evangelho a partir de João Batista – Sua obra final, seu triunfo e últimos sucessos representando o movimento final de reforma sobre a terra – Interessantes pontos de contato – Decisão a que todo o mundo será fatalmente impelido.

**Apêndice:** Estudo etimológico das palavras “sábado” e “sete” em diferentes idiomas – Porque, na nomenclatura astronômica, coube ao sétimo dia o nome de Saturno.

Quadro 1 – Tabela presente no livro *O Sábado ou o Repouso do Sétimo Dia*

<b>Quadro ilustrativo da dualidade de designações para o sétimo dia da semana em algumas línguas*</b>				
<b>Numeração correspondente à Carta da Semana</b>	<b>Língua</b>	<b>Denominação do ciclo semanal</b>	<b>Denominação do sétimo dia da semana</b>	
1	Hebraico bíblico	Stia-vu-ah (Sete)	Yom hash-she-vi-i (Dia o sétimo)	Yom hash-shab-bat (Dia o sábado)
7	Samaritano	Sha-vu-ah (Sete)	Yoma ha-she-vi-ah (Dia o sétimo)	Shab-bath (Sábado)
8	Babilônico (3800 AC.)	Ma-a-su (Quarto de luação)	Si-be-u (Sétimo)	Sa-ba-tu (Sábado)
9	Assírio	Ma-a-su (Quarto de luação)	Si-bu-u (Sétimo)	Sa-ba-tu (Sábado)
11	Árabe antigo	As-bu-ah (Sete)	—	Shi-yar (Dia principal ou Dia de regozijo)
14	Ge-ez ou Etiópico	Sa-beh (Sete)	—	San-bat (Sábado)
19	Cóptico	Pi anan z (z indica o numeral 7) (Período de tempo pertencente ao sábado)	Pi ehoou emmah z shashai (O Sétimo Dia)	Pi sabbaton (O sábado)
38	Pashto ou Áfgão	Ai-isbuali (Os sete)	Khali (Dia sem atividade)	Shamba (Sábado)
44	Brahuisky (Beluquistão)	Hafta (Sete)	Awal-i-hafta (Primeiro, ou principal dos sete)	Shambé (Sábado)
69	Khassi (Bengala Oriental)	Ka shi taiew (Sete dias)	—	Ka angi sait-jain (Um dia para lavar as vestes: Dia da purificação)

\* JONES, William Mead, *Op. cit.*

## 4 TRILOGIA SOBRE A ORIGEM DAS LÍNGUAS E DAS RELIGIÕES

Os Stein viveram no Sítio Quilombo por quase 15 anos. Em 1932, eles venderam o sítio e se mudaram para Piracicaba, a fim de cuidar da mãe de Maria, e passaram a morar com ela. Com a morte dos sogros e o recebimento de sua parte da herança, Guilherme e Maria novamente voltaram para a zona rural. Eles doaram parte do valor da herança para a assistência social adventista e, com o restante, compraram uma pequena propriedade em Anhumas, cerca de 40 quilômetros de Piracicaba. Guilherme tinha então 68 anos de idade.

Sobre essa época, o bisneto Rafael Stein de Toledo tem recordações preciosas. Ele nasceu no dia 8 de agosto de 1943, na casa dos bisavôs, e viveu ali até os sete anos de idade.

Morei por sete anos na casa dos meus bisavôs. A casa era comprida, com um corredor de uns 30 metros. Lembro-me de ver meu bisavô caminhando por aquele corredor, parando para anotar algo quando vinha à mente. Antes de dormir, ele sempre dizia: “Vamos orar.” Eu dormia numa cama perto da deles, do vovô Vito e da vovó Vita, como eram conhecidos. Cantávamos hinos, e ele lia a Bíblia, especialmente o Novo Testamento. Ele me chamava de “Nenê” e contava histórias bíblicas, embora a vovó Vita fosse ainda melhor nisso. [...] Além de pregador, ele era professor e sabia ministrar tratamentos naturais, ajudando o pessoal do sítio e das redondezas. Muitas pessoas vinham pedir ajuda. Sua alimentação era simples e natural. Falava alemão, inglês e várias outras línguas, e tinha muitos livros em casa.<sup>143</sup>

Rafael conta que o sítio ficava longe das igrejas, mas, mesmo assim, Guilherme ajudava nas congregações locais e ministrava estudos bíblicos na região, muitas vezes indo a cavalo. “Além de ler e escrever, Guilherme gostava de cuidar da horta e das abelhas (era apicultor nas horas vagas), e sempre levava mel para as pessoas; em casa, nunca faltava esse item”,<sup>144</sup> lembra Rafael.

Foi nesse período no campo que Guilherme, além de ajudar as pequenas igrejas da região, ministrar estudos bíblicos e tratamentos naturais, realizou intensas pesquisas sobre a origem comum das línguas e das religiões, o que rendeu a publicação de três livros sobre o assunto.

---

<sup>143</sup> Memórias de um bisneto de Guilherme Stein Jr. Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2025/03/11/memorias-de-um-bisneto-de-guilherme-stein-jr/>. Acesso em: 15 maio 2025.

<sup>144</sup> Memórias de um bisneto de Guilherme Stein Jr. Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2025/03/11/memorias-de-um-bisneto-de-guilherme-stein-jr/>. Acesso em: 15 maio 2025.

*A Torre de Babel e Seus Mistérios e A Origem Comum das Línguas e das Religiões*, volumes 1 (1934) e 2 (1936), foram publicados pela Sociedade Criacionista Brasileira (SCB). Nesses livros, Guilherme sustenta que

não será possível comprovar a tese do monogenismo linguístico de forma satisfatória sem que se considere simultaneamente a tese da origem comum das religiões. Sua abordagem é essencialmente criacionista, admitindo a origem do ser humano mediante ato criativo direto de Deus, de conformidade com Seus desígnios, obedecendo a um planejamento específico no qual a linguagem encontra suas raízes nas ideias religiosas reveladas ao ser humano a respeito da natureza e dos propósitos do Criador.<sup>145</sup>

Segundo o Dr. Ruy Vieira,<sup>146</sup> o interesse de Guilherme pela origem dos idiomas foi despertado quando o pioneiro pesquisava para publicar o livro *O Sábado* (1919) e se deparou com o entrelaçamento das línguas com o relato bíblico do *hexameron*.<sup>147</sup> O aprofundamento dessas pesquisas deu origem à sua segunda obra de fôlego, sobre o monogenismo linguístico: *O Tupi*. Com base nas referências do livro *O Sábado*, é possível perceber a familiaridade do autor com os melhores léxicos de grego e hebraico da época. Também é possível perceber seu domínio do latim e das línguas mesopotâmicas antigas.

A argumentação de Guilherme Stein Jr., ao longo de sua obra inédita, segue a metodologia que ele próprio delineou, a qual se caracteriza por uma análise comparativa entre as tradições religiosas e as línguas, desenvolvendo essa abordagem com grande profundidade e abrangência. O ponto central de sua argumentação é a afirmação de que as raízes de todas as religiões e mitologias, tanto antigas quanto modernas, encontram-se na Suméria. Ele sustenta que a religião primitiva suméria estava alinhada com o monoteísmo bíblico, antecipando o desdobramento do drama messiânico, revelado posteriormente de forma profética aos hebreus. Ao longo dos séculos, no entanto, essa visão foi progressivamente alterada e distorcida pelas tradições de diversos povos.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> Vieira, 1998, p. 3.

<sup>146</sup> Vieira, 1998, p. 3, 5.

<sup>147</sup> Termo teológico que se refere aos seis dias da criação descritos em Gênesis 1; a palavra vem do grego *hék* [seis] e *hēméra* [dia], significando literalmente “seis dias”.

<sup>148</sup> Vieira, 1998, p. 13-48.

Guilherme revela, em uma citação significativa de sua obra, aspectos centrais de sua metodologia e da forma como abordava os temas que investigava. Em suas próprias palavras:

No estudo cuja publicação ora encetamos, nos propomos demonstrar o acerto desta opinião de Martius acerca do gentio. Vinte longos anos de pacientes investigações deram em resultado descobertas das mais importantes, que vêm facilitar grandemente esses estudos comparativos e dar-nos uma ideia completamente outra acerca do nosso selvagem, sua origem e seu passado histórico. O que Martius aí exprimiu foi o que ele sentiu e entreviu no convívio e contato com o índio, mas que ele não pôde demonstrar. Tinha a intuição nítida do que afirmava, tinha no próprio índio a indicação clara e sugestiva de um passado nobre e glorioso que o índio conheceu, e que o próprio estado de degradação e aviltamento em que ora vive ainda não desmentiu de todo. Mas que podemos nós saber acerca do passado de nosso índio se não deixou monumentos nem documentos de espécie alguma que nos possam informar e instruir? Apenas restam algumas tradições e a língua, as quais, porém, bem combinadas, uma vez conhecida sua origem e graças a uma comparação cuidadosa, ampla e bem fundada, sem ideias preconcebidas, nos contarão a verdade, provando-se a fonte mais legítima e mais pura de informações históricas que podemos almejar. Se, porém, nos lançarmos a elas com nossa opinião já formada acerca do índio e de seu passado, certamente faremos violência a essas testemunhas, obrigando-as a dizer e afirmar o que é absolutamente inexato.<sup>149</sup>

Essa longa e significativa passagem revela não apenas o compromisso de Guilherme com uma investigação rigorosa e desprovida de preconceitos, mas também o cerne de sua abordagem metodológica: a comparação criteriosa de línguas e tradições orais como fontes legítimas de conhecimento histórico. Seu ponto de partida é a convicção de que a língua e a tradição oral são registros históricos legítimos que, se tratados com isenção e profundidade, podem lançar luz sobre a origem e o passado dos povos, mesmo na ausência de monumentos ou documentos escritos.

Mais adiante em sua obra, Guilherme destaca um aspecto central de sua visão epistemológica: no Brasil, ele teria sido o primeiro a perceber que a análise dos mesmos dados, quando realizada a partir de diferentes estruturas conceituais – a criacionista e a evolucionista –, conduziria a conclusões distintas, mesmo que se aplicasse o mesmo rigor metodológico em ambos os casos.<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Vieira, 2011, p. 39.

<sup>150</sup> Vieira, 1998, p. 7-48.

## 4.1 A TRILOGIA

O livro *A Torre de Babel e Seus Mistérios* constitui parte essencial do projeto intelectual de Guilherme Stein Jr., que visava demonstrar a unidade de origem da humanidade, das línguas e das religiões sob a ótica criacionista. Publicada postumamente pela Sociedade Criacionista Brasileira (SCB), a obra integra uma trilogia composta também pelos dois volumes de *O Tupi: A Origem Comum das Línguas e das Religiões*.

O autor estrutura o livro em duas seções principais. A primeira, de caráter descritivo e histórico, apresenta uma “viagem” pela Mesopotâmia, explorando cidades como Ur, Warka, Lagash, Issin e Nippur. Nesse percurso, Guilherme destaca as ruínas da chamada Birs Nimrod, identificando-as com a Torre de Babel bíblica. Para ele, a narrativa de Gênesis 11 não é mito, mas memória histórica preservada em tradições, inscrições e relatos de povos diversos.<sup>151</sup> A análise do Éden e dos rios mencionados em Gênesis também reforça sua tentativa de correlacionar geografia e Escritura, reafirmando a Bíblia como fonte confiável para a história antiga.

Na segunda parte, o autor recorre a uma metodologia dialogal, apresentando conversas imaginárias com personagens históricos, bíblicos e mitológicos, como Abraão, Noé, Nimrod, José, Moisés, os Argonautas e Balder. Essa seção assume caráter interpretativo, em que Guilherme procura demonstrar que os mitos antigos derivam de uma revelação original concedida por Deus, transmitida a Noé e posteriormente deturpada. A Torre de Babel, nesse contexto, representa a rebelião humana contra o Criador e o marco da dispersão de narrativas religiosas que, em sua essência, mantêm fragmentos da verdade bíblica.

No parágrafo a seguir, pode-se ter uma ideia do talento literário de Guilherme:

---

<sup>151</sup> “Quando um povoado fundava novas civilizações, erguer uma torre era um procedimento-padrão. Além de funções religiosas, a construção servia para que se escapasse de novas inundações” (Silva *apud* TORRE de Babel: mito ou verdade? **IstoÉ**, 4 mar. 2011. Disponível em: [https://revista.istoetoe.com.br/127042\\_torredebabelmitoouverdade](https://revista.istoetoe.com.br/127042_torredebabelmitoouverdade). Acesso em: 12 nov. 2025). Num tablete de argila com escrita cuneiforme, datado de 2500 a.C., encontrado no Iraque e traduzido em 1872, está escrito: “...seu coração se tornou mal... Babilônia submeteu os pequenos e os grandes. Ele (uma divindade) confundiu seus idiomas... o seu lugar forte, que por muitos dias eles edificaram, numa só noite ele trouxe abaixo.” Foram encontradas 31 ruínas de torres (zigurates) na Mesopotâmia (Torre [...], 2011). Um fragmento de Borsippa (hoje no Museu Britânico) traduzido por E. A. Wallis Budge no início do século 20, contém frases como: “O templo que haviam erguido para o céu foi abandonado, suas fundações foram confundidas, e os deuses dispersaram as pessoas” (WAERZEGGERS, Caroline. **The Ezida temple of Borsippa**: priesthood, cult, archives. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2010. tradução nossa).

Com muito custo conseguimos subir a rampa íngreme e chegar às proximidades da torre, onde avistamos uma tenda da qual se difundia um clarão, provindo, aparentemente, de uma lareira. Curiosos, aproximamo-nos da tenda e vimos, então, sentado junto ao fogo, com as pernas entrecruzadas, um ancião de tez escura e estatura hercúlea, com longa barba branca e cabelo em desalinho, tendo o olhar cismador no espaço como a querer penetrar a eternidade. A primeira impressão que tivemos de seu aspecto exterior foi a de um homem de paz, um religioso, um sacerdote, talvez. Pé ante pé tomamos também assento junto ao fogo, esperando que o ancião voltasse de seu êxtase.<sup>152</sup>

*A Torre de Babel e Seus Mistérios* se apoia em comparações linguísticas, na análise de ideogramas sumérios e no exame das tradições religiosas da Mesopotâmia, do Oriente e do Norte da Europa. Guilherme adota um método de leitura sincrética e apologética, buscando sempre ressaltar a preservação da verdade em contraste com sua degeneração mítica. Sua principal tese é que, enquanto a Bíblia manteve íntegra a revelação divina, as religiões e mitologias do mundo não passam de versões corrompidas dessa verdade original.

Do ponto de vista histórico-teológico, *A Torre de Babel e Seus Mistérios* reflete tanto o espírito apologético do adventismo nascente no Brasil quanto a tentativa pioneira de integrar ciência, arqueologia e fé bíblica em um quadro criacionista. O valor da obra ultrapassa, assim, sua proposta específica, tornando-se um registro significativo da história intelectual adventista brasileira e de seu esforço em responder ao evolucionismo e ao liberalismo teológico por meio da reafirmação da confiabilidade histórica da Escritura.

Por sua vez, em *O Tupi*, tomo I, Guilherme utiliza o tupi-guarani como chave de análise para reforçar a defesa da tese de que todas as línguas e sistemas religiosos remontam a uma raiz comum, conforme o relato de Gênesis (criação, Torre de Babel e dispersão da humanidade). Para ele, o tupi, língua indígena brasileira, conserva estruturas e termos que confirmam essa unidade linguística e espiritual primordial.<sup>153</sup>

Como metodologia, o autor coteja palavras tupis com termos de diversas outras línguas antigas (hebraico, grego, latim, línguas indo-europeias, egípcio, línguas semíticas e outras), buscando paralelos fonéticos e semânticos. Ele também examina conceitos religiosos no tupi e em tradições indígenas, relacionando-os a crenças bíblicas

---

<sup>152</sup> Stein Jr., 2017, p. 53.

<sup>153</sup> Stein Jr., 2021, p. 14.

originais (Deus criador, dilúvio, pecado, esperança de redenção) e procura refutar ideias de que as línguas e religiões teriam surgido por evolução cultural espontânea, argumentando que essas hipóteses carecem de base sólida.

A primeira parte desse trabalho (ou seja, o tomo I) é introdutória e exploratória. Ela estabelece (1) a necessidade de estudar o tupi como língua-chave para revelar paralelos com o hebraico e outras línguas antigas; (2) a crítica às concepções naturalistas da linguagem; (3) os primeiros exemplos de semelhanças linguísticas e religiosas entre o tupi e tradições antigas, reforçando a tese de uma origem comum. Os capítulos seguintes expandem esses paralelos palavra por palavra e conceito por conceito.

A obra pode ser considerada uma defesa criacionista em forma de linguística comparada. É também um manifesto apologético, mostrando que até mesmo nas culturas indígenas brasileiras existem traços que remetem à revelação bíblica original. Antecipou debates atuais sobre a “arqueologia linguística” e a discussão sobre monoteísmo primitivo (Wilhelm Schmidt também defendeu isso em sua teoria do *Urmonotheismus*<sup>154</sup>).

Guilherme abre o capítulo 1 do tomo I justificando por que escolheu o tupi como objeto de estudo. Para ele, o tupi não é apenas uma língua indígena local, mas um testemunho da antiguidade comum da linguagem humana. Ele afirma que, apesar de ter sido marginalizada pelos estudos acadêmicos da época, a língua tupi guarda elementos que a aproximam de tradições antigas e bíblicas.

---

<sup>154</sup> A teoria do *Urmonotheismus* (ou “monoteísmo primitivo”) foi desenvolvida pelo etnólogo e missionário alemão Wilhelm Schmidt no início do século 20. Ele analisou mitos e tradições de povos originários em várias partes do mundo e concluiu que, ao contrário do que muitos evolucionistas afirmavam, o monoteísmo não teria surgido tardiamente após fases de animismo, politeísmo e henoteísmo. Pelo contrário: a evidência antropológica apontaria para a existência de uma crença original em um Deus supremo, criador e bom, que com o tempo teria sido obscurecida e deturpada pelas práticas idolátricas. Assim, o *Urmonotheismus* defende que a humanidade começou com a ideia de um Deus único e transcendente, o que harmoniza muito mais com o relato bíblico de Gênesis do que com as teorias naturalistas que tentam explicar a religião como fruto de uma evolução cultural. Guilherme Stein Jr. utilizou esse conceito para reforçar a defesa da fé cristã diante do avanço do naturalismo e do evolucionismo cultural no fim do século 19 e início do 20. Para ele, o *Urmonotheismus* representava uma confirmação científica (vinda da etnologia e da história das religiões) de que o testemunho bíblico era digno de confiança: o ser humano não começou adorando pedras, árvores ou vários deuses, mas, sim, reconhecendo um Criador pessoal. Em seus escritos apologéticos, Guilherme recorre a esse argumento para mostrar que as religiões politeístas e animistas são, na verdade, distorções do conhecimento original de Deus. Assim, a teoria de Schmidt servia como base acadêmica para reforçar a compreensão adventista de que a revelação divina foi primeva, não um produto tardio da evolução cultural (HEGELER, Klaus. **Urmonotheismus: Wilhelm Schmidt und die Religionsethnologie**. München: Kösel, 1994; LANG, Andrew. **The making of religion**. 2. ed. London: Longmans, Green, and Co., 1900).

O autor dedica parte do capítulo a criticar a visão evolucionista da linguagem, que defendia que as línguas se desenvolveram de forma natural e gradual, a partir de sons primitivos ou imitações. Ele rejeita essa hipótese, dizendo que ela é incapaz de explicar a complexidade e a estrutura lógica das línguas conhecidas. Para Guilherme, a existência de gramática, sintaxe e vocabulário organizado aponta para um ato criador inteligente e não para um processo espontâneo.<sup>155</sup>

Depois de argumentar que o cristianismo não é simplesmente um produto cultural europeu, mas a restauração da religião original da humanidade, e que a Bíblia se confirma como fonte histórica confiável ao explicar a diversidade linguística e religiosa no mundo, Guilherme inicia o capítulo 2 lembrando que a explicação para a diversidade de línguas não está em processos evolutivos, mas no episódio da Torre de Babel (Gn 11).

Segundo ele, (1) Deus confundiu a linguagem única da humanidade; (2) dessa confusão surgiram os diferentes troncos linguísticos; (3) o tupi, portanto, não é um idioma isolado nem inferior, mas descendente legítimo daquela língua primordial.

O autor apresenta exemplos linguísticos que, em sua leitura, confirmam a tese:

- a) vocábulos tupis que se aproximam do hebraico e de outros idiomas antigos;
- b) estruturas sintáticas e fonéticas que, segundo ele, não poderiam ter surgido por acaso;
- c) termos relacionados a conceitos religiosos, que lembram nomes e atributos do Deus bíblico.

Aqui começa a se delinear a ideia de que o tupi preserva vestígios da língua adâmica – uma posição ousada para o contexto acadêmico de sua época. Guilherme identifica na crença tupi noções de divindade suprema; ritos que, embora distorcidos, refletiriam ecos da verdade revelada no Éden; narrativas de origem que lembram o dilúvio e a criação. Ele interpreta isso como degradação da revelação original: os ameríndios não inventaram suas religiões, mas herdaram fragmentos da verdade que se perderam com o tempo.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> Stein Jr., 2021, p. 44, 111.

<sup>156</sup> Algo que pode ser observado, por exemplo, na Pedra do Ingá, na Paraíba (cf. BORGES, Michelson; ALVES, Matusalém. Pedra do Ingá, pai Sumé e a possível relação com o relato bíblico do dilúvio: uma análise crítica. **Protestantismo em Revista**, v. 50, n. 2, p. 1-11, 2024. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/PR/article/view/3382>. Acesso em: 6 nov. 2025.).

Assim, nesse capítulo, ele reafirma que a existência de paralelos linguísticos e religiosos entre povos tão distantes aponta para uma origem comum; para ele, a explicação darwinista é insuficiente, enquanto o relato bíblico de Babel dá conta do fenômeno.

No campo etno-histórico, Guilherme analisa tradições dos povos tupis, relacionando seus mitos a figuras e narrativas bíblicas. Afirma, por exemplo, que Lamech, o sétimo pela linha de Caim, é o mesmo Lamech que figura como nono pela linha de Seth, e que é o pai de Noé, o Caraiba tupi.<sup>157</sup> Do mesmo modo, vê nos relatos indígenas reminiscências do dilúvio, de heróis civilizadores e da luta entre o bem e o mal, que para ele confirmam a memória comum da humanidade.

Outro aspecto relevante da obra é a crítica ao evolucionismo cultural, que descrevia os indígenas americanos como “selvagens primitivos”. Guilherme rejeita essa interpretação e sustenta que o índio americano não é um selvagem de origem, e sim um degradado que se “asselvajou”.<sup>158</sup> Essa tese reforça sua visão bíblica de que a humanidade iniciou em estado elevado, mas sofreu degradação histórica e espiritual após a queda e a dispersão.

No conjunto, o tomo I de *A Origem Comum das Línguas e das Religiões* deve ser compreendido como contribuição singular à produção bibliográfica adventista e criacionista no Brasil. Guilherme combina linguística comparada, estudo das religiões e leitura bíblica, oferecendo uma interpretação apologética que coloca os povos indígenas no horizonte do plano divino revelado em Gênesis. Sua obra, embora marcada por limites metodológicos de sua época, antecipa debates modernos sobre interações entre linguagem, cultura e religião, garantindo-lhe relevância pioneira na apologética linguístico-religiosa brasileira.

O tomo II<sup>159</sup> dá continuidade ao projeto de Guilherme Stein Jr. de demonstrar o monogenismo linguístico e religioso da humanidade. Enquanto o tomo I enfatiza fundamentos teóricos e paralelos iniciais entre línguas antigas e o tupi, o tomo II aprofunda o estudo comparativo, oferecendo análises detalhadas de vocábulos, estruturas e tradições mítico-religiosas.

Desde o início, Guilherme insiste que a correta compreensão da língua tupi depende de reconhecê-la como portadora de memória histórica e espiritual. Para ele,

---

<sup>157</sup> Stein Jr., 2021, p. 35.

<sup>158</sup> Stein Jr., 2021, p. 51.

<sup>159</sup> Stein Jr., 2014.

a língua é o testemunho mais fiel da origem do homem e do seu contato com o divino.<sup>160</sup> Em sua visão, não apenas a morfologia e a semântica do tupi revelam proximidade com as línguas do Velho Mundo, mas também suas concepções religiosas apontam para reminiscências da revelação original registrada em Gênesis.

O autor prossegue relacionando personagens míticos tupis com figuras bíblicas, reforçando sua hipótese de uma tradição comum. Ao tratar do herói civilizador Caraíba, observa que, no tupi, Caraíba é o mesmo Noé, guardião da memória do dilúvio.<sup>161</sup> Outras narrativas indígenas são interpretadas como distorções ou ecos das histórias de Babel, do Éden e da luta entre as duas linhagens humanas – leituras que, segundo Guilherme, confirmam a difusão de uma religião primitiva única.

Quadro 2 – comparativo: Noé e Caraíba

Aspecto	Noé (Bíblia – Gênesis 6-9)	Caraíba (tradições Tupi-Guarani)
<b>Evento central</b>	Dilúvio universal enviado por Deus como julgamento da humanidade corrupta.	Grande inundação que devastou a terra, preservada na memória indígena como mito de origem.
<b>Refúgio/meio de salvação</b>	Arca construída sob ordem divina, com dimensões específicas.	Refúgio ensinado/indicado por Caraíba (barco, ilha ou abrigo natural, dependendo da versão).
<b>Sobreviventes</b>	Noé, sua esposa, seus três filhos e noras, além dos animais.	Pequeno grupo de pessoas preservadas, guiadas ou avisadas por Caraíba.
<b>Preservação da vida</b>	Garantia da continuidade da humanidade e dos animais.	Continuidade da tribo e renovação da vida após o cataclismo.
<b>Significado espiritual</b>	Julgamento de Deus, mas também manifestação de misericórdia e aliança (arco-íris).	Purificação da terra ou advertência dos deuses/espíritos; às vezes associado à renovação do mundo.
<b>Função do personagem</b>	Justo e obediente; mediador da preservação da vida.	Figura sábia e protetora, relacionada à sobrevivência e recomeço do povo.
<b>Memória cultural</b>	Relato escrito e preservado no texto bíblico.	Transmitido oralmente por gerações, como mito fundador dos povos.

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A análise linguística busca demonstrar que termos tupis encontram paralelos fonéticos e semânticos no sumério e no hebraico. Guilherme afirma, por exemplo, que as raízes tupi e semitas não se explicam por coincidência fortuita, mas pela origem

<sup>160</sup> Stein Jr., 2014, p. 66.

<sup>161</sup> Stein Jr., 2021, p. 26.

comum em uma língua primitiva. Essa proposta reforça sua tese de que a diversidade linguística não prova a autonomia cultural dos povos, mas, antes, uma dispersão histórica a partir de um centro comum, coerente com o relato da Torre de Babel.

Na parte final, o autor avalia a amplitude de sua proposta, reconhecendo as críticas que poderia receber do meio acadêmico. Contudo, mantém sua convicção de que, sem a chave religiosa, o estudo das línguas é um “corpo sem vida”. Para ele, a verdadeira ciência da linguagem não pode prescindir da dimensão espiritual que a originou.

Assim, o tomo II consolida o projeto de Guilherme, aprofundando o caráter apologético e comparativo de sua obra. Ao unir linguística, etnografia e exegese bíblica, o autor oferece um modelo interpretativo que resiste às tendências materialistas e relativistas de seu tempo. Seu legado é significativo não apenas para os estudos adventistas e criacionistas no Brasil, mas também para a história da recepção da linguística e da antropologia sob um prisma confessional.

## 4.2 COMPARAÇÕES ENTRE O TOMO I E O TOMO II

Os dois tomos de *A Origem Comum das Línguas e das Religiões* compõem uma unidade temática, mas apresentam diferenças significativas de abordagem e de profundidade.

No tomo I,<sup>162</sup> o autor estabelece as bases conceituais de sua hipótese central: o monogenismo linguístico e religioso, isto é, a defesa de uma origem comum tanto para as línguas quanto para as religiões da humanidade. Esse volume é, sobretudo, fundacional. Nele, Guilherme define sua metodologia comparativa, explicita sua crítica ao evolucionismo e introduz os primeiros paralelos entre o tupi e outras línguas antigas, especialmente o sumério e o hebraico. Ao mesmo tempo, analisa tradições míticas tupis, identificando nelas reminiscências do Éden, do dilúvio e de personagens bíblicos. A obra assume caráter programático, apresentando a visão do autor de que a língua nasceu e cresceu com a religião, com a qual está intimamente identificada, desde a origem.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> Stein Jr., 2021.

<sup>163</sup> Stein Jr., 2021, p. 173-177.

O tomo II,<sup>164</sup> por sua vez, dá continuidade e aprofundamento a esse projeto. Se no primeiro tomo prevalece a exposição teórica e introdutória, o segundo concentra-se em análises detalhadas, tanto linguísticas quanto mítico-religiosas. Guilherme realiza comparações fonéticas e semânticas mais precisas entre raízes tupis, semíticas e sumérias, insistindo que as raízes tupi e semitas não se explicam por coincidência fortuita, mas pela origem comum em uma língua primitiva.<sup>165</sup> O estudo das tradições indígenas também é expandido: o autor interpreta narrativas sobre Caraíba, o dilúvio e outros heróis míticos como memórias degradadas da revelação bíblica. Dessa forma, o tomo II representa um aprofundamento técnico e comparativo, em contraste com a ênfase introdutória e programática do primeiro volume.

As semelhanças entre os dois livros são notórias: ambos partem de pressupostos criacionistas, combatem o evolucionismo cultural e defendem a dignidade histórica do indígena, não como “selvagem original”, mas como “degradado que se asselvajou”. Ambos insistem na inseparabilidade entre linguagem e religião, entendendo que sem a chave religiosa não se compreende adequadamente a origem das línguas.

As diferenças, contudo, marcam o progresso da obra. Enquanto o tomo I é mais geral e apologético, destinado a lançar os fundamentos da tese de Guilherme Stein Jr., o tomo II é mais específico e técnico, voltado a consolidar a comparação linguística e a aplicação prática de sua metodologia. O primeiro volume prepara o terreno teórico, o segundo procura demonstrar as conexões em detalhe.

No conjunto, os dois tomos revelam uma clara progressão metodológica: do programa teórico à demonstração prática, da crítica geral ao evolucionismo à construção de um modelo alternativo criacionista. Essa complementaridade torna imprescindível a leitura de ambos para compreender plenamente a proposta de Guilherme e sua contribuição singular à produção bibliográfica adventista e criacionista no Brasil.

Resumindo, Guilherme não se limita a criticar a insuficiência do evolucionismo, mas propõe de forma mais clara um modelo alternativo criacionista. Esse modelo se estrutura em três pilares:

- a) linguístico-comparativo: raízes tupis são comparadas com semitas e sumérias, mostrando semelhanças que, para o autor, não se explicam por coincidência, mas por uma origem comum;

---

<sup>164</sup> Stein Jr., 2014.

<sup>165</sup> Stein Jr., 2014, p. 144.

- b) religioso-memorial: mitos indígenas são interpretados como recordações deformadas de narrativas bíblicas, como o dilúvio, Babel e a figura de Noé;
- c) antropológico-teológico: a condição dos povos ameríndios é compreendida não como estágio inicial, mas como evidência da degradação da humanidade após a dispersão.

Dessa forma, Guilherme ultrapassa a mera crítica negativa ao evolucionismo e edifica uma visão positiva, integrando linguística, etnografia e teologia bíblica em um sistema coerente. Sua proposta é que apenas um paradigma criacionista – que reconheça a unidade original da humanidade, a centralidade da religião e o papel da revelação bíblica – pode oferecer uma explicação satisfatória para a diversidade de línguas e crenças.

Em síntese, Guilherme Stein Jr. move-se de uma posição defensiva, de denúncia das falhas do evolucionismo, para uma postura construtiva, de edificação de um modelo alternativo que busca dialogar com os dados disponíveis de forma sistemática. Essa transição revela não apenas seu compromisso apologético, mas também sua contribuição como pioneiro na elaboração de uma ciência da linguagem e da religião.

### **4.3 ENTRE OS ÍNDIOS DO ARAGUAIA**

As pesquisas sobre idiomas levaram Guilherme às aldeias indígenas do Brasil, especialmente as do Araguaia. Mas seu interesse não parou aí: ele pesquisou também a língua das demais tribos existentes nas Américas do Sul, Central e Norte, em particular as antigas civilizações inca, maia e asteca, o que pode ser comprovado por livros ainda pertencentes à biblioteca remanescente de Guilherme preservada no Centro Cultural da Sociedade Criacionista Brasileira.

Sobre a presença de Guilherme entre os índios do Araguaia, Ruy Vieira comenta:

Fernando de Fernandes Filho, neto de Guilherme Stein Jr., afirmou, em entrevista com o autor, que seu avô esteve no Araguaia em 1923, juntamente com o genro, esposo de sua mãe Alice Irene, mantendo contato com os índios carajás. Várias fotografias das aldeias, dos índios e de alguns de seus costumes são ainda conservadas por esse neto de Guilherme. Nelas constam algumas anotações esclarecedoras, identificando a casa em Leopoldina, às margens do Araguaia,

onde permaneceram por duas semanas, o rio das Mortes, a canoa transpondo cachoeiras, o cacique carajá, e vários outros detalhes.<sup>166</sup>

No livro *Nas Mãos de Deus*, a missionária Frieda Mückenberger Leitze dá uma ideia de quão difícil era chegar às tribos do Araguaia:

Viajamos três dias de trem até Leopoldo Bulhões. Cada noite dormíamos noutro lugar, pois o trem só viajava de dia e em meio a uma poeira vermelha! Mais 13 horas de caminhão até a antiga capital e Goiás, Estado de Goiás. Quanto solavanco! Asfalto ninguém nem sonhava naqueles idos!

Lá esperamos quatro dias por um caminhão que nos levaria ao Araguaia através de cerrado e pedras. Saímos às cinco horas da tarde, e quando anoiteceu o motorista encostou num velho engenho de açúcar. Conosco ia um pastor americano, o pastor Hagen e seu filho Haroldo de onze anos. [...] Na noite seguinte dormimos num couro de boi muito duro sem curtimento. Outra noite dormimos ao ar livre, junto ao caminhão. [...] Finalmente, após onze dias de peripécias, brejos, encalçadas e mosquitos, chegamos a Santa Leopoldina, hoje Aruanã. [...] Após seis dias, continuamos a viagem numa pequena lancha a motor, rumo ao antigo posto missionário "Piedade".<sup>167</sup>

Quatro anos depois da passagem de Guilherme pelo Araguaia, o pastor norte-americano Alvin Nathan Allen (1880-1945) iniciou um trabalho missionário entre os índios da região, inaugurando as missões adventistas em Goiás e Mato Grosso, que ficaram sob sua supervisão de 1927 a 1933. Ruy Vieira sugere que Allen e Guilherme devam ter mantido contato e conversado sobre os índios do Araguaia.

Na Conferência Geral realizada em Milwaukee, em 1926, [o nome de Allen] foi votado para ser professor de Bíblia no Colégio Adventista Brasileiro (hoje Unasp-SP). Ele aceitou o chamado, mudou-se para o Brasil e serviu nessa função no segundo semestre desse ano. Cientes da experiência de Allen entre os índios, no início de 1927 a comissão da União Sul-Brasileira lhe propôs a tarefa de iniciar uma Missão em Goiás. [...] Allen relata em seu diário ter entrado em contato com várias aldeias, sendo bem recebido por todas, apesar de algumas dificuldades com a língua, pois os índios não tinham grande conhecimento do português e os missionários não sabiam seu idioma. As cidades visitadas foram Dumbá, Monteria, Santa Isabel, Fontoura e Mato Verde. Nessa primeira viagem, eles perceberam a necessidade que tinham de assistência médica e educação. [...] Hoje há igrejas adventistas em Aruanã, Goiás; São Félix do Araguaia, Mato Grosso; Santa Izabel, na Ilha do Bananal, com um clube de desbravadores formado por

<sup>166</sup> Vieira, 1998, p. 24.

<sup>167</sup> LEITZE, Frieda Mückenberger. **Nas mãos de Deus**. Gaithersburg, MD: Signature Books, 1999. p. 45.

crianças carajás; Fontoura, Tocantins; Luciara, Mato Grosso e outros lugares às margens do Rio Araguaia.<sup>168</sup>

É importante salientar que

serviços de saúde e respeito às diferenças culturais são a marca da atuação missionária adventista entre os índios carajás. A relação da igreja com eles é antiga – dura mais de sete décadas. [...] Os índios recebiam atendimento médico e estudos bíblicos. Outros missionários deram prosseguimento ao trabalho, foram construídos postos de saúde, salas de aula e um templo. O primeiro índio pastor entre os carajás foi João Werreriá que, na juventude, deixou a Ilha do Bananal e foi para São Paulo, onde completou os estudos primários, de nível médio e se formou em Teologia, no Unasp (então IAE). Dali voltou para seu povo a fim de levar-lhes o conhecimento de Jesus.<sup>169</sup>

Figura 29 – Guilherme entre os índios do Araguaia



Fonte: pintura de Jairo Ostemberg publicada na Revista Adventista.<sup>170</sup>

Guilherme também tinha interesse genuíno no bem-estar dos índios, tanto que decidiu doar parte dos recursos obtidos com a venda de *O Tupi*. A folha de rosto do livro trazia esta informação: “Grande parte do produto desta publicação se destina a auxiliar o serviço de instrução aos índios.”

Ruy Vieira explica que

a questão indígena no continente americano, desde a época dos descobrimentos, assumiu de fato o caráter de verdadeiras ondas sucessivas de genocídio, aparentemente tendo em sua raiz a posição de

Fernando de Fernandes Filho contou a Ruy Vieira que seu pai e seu avô, Guilherme Stein Jr., pediram ao Marechal Rondon autorização para visitar as aldeias indígenas do Araguaia. Rondon, grande defensor do bem-estar e dos direitos dos povos indígenas, percebendo a seriedade do projeto de Guilherme e as boas intenções deles, concedeu a permissão.<sup>171</sup>

Guilherme também tinha interesse genuíno no bem-estar dos índios, tanto que decidiu

<sup>168</sup> Encyclopedia of Seventh-Day Adventists. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGCZ&lang=pt#fn23>. Acesso em: 6 nov. 2025.

<sup>169</sup> BORGES, Michelson. A toda tribo, língua e povo. **Revista Adventista**, ano 101, n. 6, p. 8-11, 2006. p. 11.

<sup>170</sup> Disponível em: <https://revistaadventista.com.br/a-redacao/artigos/pioneiro-do-criacionismo/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

<sup>171</sup> Vieira, 1998, p. 25.

superioridade racial assumida pelos conquistadores. [...] Com raras exceções, a posição dos estudiosos dos povos americanos originais sempre se prendeu a essa estrutura conceitual evolucionista, na qual o selvagem é considerado um ser inferior, em estágio primitivo de evolução cultural na direção de patamares mais elevados, supostamente já atingidos pelo assim chamado civilizado.<sup>172</sup>

#### 4.4 UM OLHAR DIFERENTE SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS

É interessante comparar a forma como Guilherme encarava os indígenas, sob um olhar criacionista, com a visão antropológica de outros em seu tempo. Em seu livro *O Espetáculo das Raças*, a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz compara a visão a respeito do indígena influenciada pela Revolução Francesa com a visão darwinista que acabou dominando o cenário antropológico dos séculos 19 e 20. Enquanto os humanistas, com seu posicionamento pela igualdade, defendiam a unidade da espécie humana, os darwinistas encaravam o indígena como uma raça degenerada. Ela explica:

No contexto intelectual do século 18, novas perspectivas se destacam. De um lado, a visão humanista herdeira da Revolução Francesa, que naturalizava a igualdade humana, de outro, uma reflexão, ainda tímida, sobre as diferenças básicas existentes entre os homens. A partir do século 19, será a segunda postura a mais influente, estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais.<sup>173</sup>

Assim, no fim do século 18, prevalecia ainda a ideia de que os diversos grupos humanos eram “povos”, “nações”, e jamais raças diferentes em sua origem e conformação. Lilia explica que o termo “raça” foi introduzido na literatura mais especializada no início do século 19. “Delineia-se a partir de então certa reorientação intelectual, uma reação ao Iluminismo em sua visão unitária da humanidade”.<sup>174</sup> Prevaleceria, então, a visão darwinista fragmentária da humanidade.

Na contramão desse pensamento que acabou se tornando hegemônico durante o século 20, Guilherme Stein Jr. – um verdadeiro humanista criacionista –

<sup>172</sup> Vieira, 1998, p. 25.

<sup>173</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983. p. 62.

<sup>174</sup> Schwarcz, 1983, p. 63.

escreveu sobre a unidade da raça humana e a origem comum das línguas e religiões, algo que acabou por ser confirmado por pesquisas na área da genética.<sup>175</sup>

Certamente influenciado, também, pelos escritos da pioneira adventista e abolicionista Ellen White, Guilherme não podia concordar com o conceito segregacionista darwinista de seu tempo.

Em uma obra de 1871 (portanto, posterior ao aclamado *A Origem das Espécies*), Charles Darwin afirma que a lacuna atual entre antropoides e humanos se encontra entre o gorila, do lado do macaco, e o negro ou aborígine australiano, do lado humano:

A ruptura entre homem e seus mais próximos aliados será então ampliada, pois irá intervir entre o homem em um estado mais civilizado, como podemos esperar, mesmo que o caucasiano e alguns macacos tão baixos quanto um babuíno, ao invés de como agora entre o negro ou australiano e o gorila”.<sup>176</sup>

Contemporânea de Darwin, Ellen escreveu algo bem diferente a esse respeito: “O nome do homem de cor é escrito no livro da vida ao lado do nome do homem branco. Todos são um em Cristo. Nascimento, posição, nacionalidade ou cor não podem elevar nem degradar os homens”.<sup>177</sup>

“Todos são um em Cristo.” Aqui Ellen ecoa as palavras do apóstolo Paulo, que escreveu: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). Essa é a verdadeira visão antropológica criacionista bíblica.

O interesse de Guilherme pelos povos indígenas, suas línguas e costumes foi notável. Ele não apenas concentrou sua atenção nas tribos brasileiras, conforme indicado no subtítulo dos dois tomos de *O Tupi*, mas também estendeu suas análises às demais populações indígenas das Américas do Sul, Central e do Norte, incluindo civilizações como os incas, maias e astecas.

<sup>175</sup> BLOWER, Ana Paula. Grupos distorcem estudos, e cientistas frisam: ‘Não existem raças humanas do ponto de vista genético’. *O Globo*, 19 out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/grupos-distorcem-estudos-cientistas-frisam-nao-existem-racas-humanas-do-ponto-de-vista-genetico-23168524>. Acesso em: 6 nov. 2025.

<sup>176</sup> DARWIN, Charles. **The descent of man, and selection in relation to sex**. London: John Murray, 1871. v. 1. p. 201, tradução nossa.

<sup>177</sup> WHITE, Ellen Gould. **Mensagens escolhidas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 2. p. 342.

Com poucas exceções, os estudos dedicados aos povos indígenas das Américas têm sido moldados pela estrutura conceitual evolucionista, na qual o “selvagem” é frequentemente retratado como um ser em estágio inferior de desenvolvimento, caminhando, supostamente, rumo a patamares mais elevados de civilização já alcançados pelo homem dito “civilizado”.

Além disso, a afirmação de que as descobertas expostas no tomo 1 de *O Tupi* foram resultado de vinte anos de “pacientes investigações” reforça a hipótese de que seu interesse pelo tema do monogenismo linguístico foi despertado, ou ao menos intensificado, pelos estudos realizados anteriormente para a elaboração de *O Sábado*. Vale observar que o tomo 1 de *O Tupi* traz como data do término da preparação de seus originais o dia 1º de janeiro de 1934, em Piracicaba, o que situa cronologicamente esse trabalho dentro de um longo percurso investigativo iniciado anos antes.

Segundo Guilherme Stein Jr., é somente após longos e perseverantes estudos comparativos – conduzidos por meio de idas e vindas em complexos “zigzagues” dentro de um verdadeiro labirinto de dados linguísticos e culturais – que o investigador pode começar a desvendar os segredos da intrincada engrenagem representada pela “Babel das línguas”. Uma vez superadas essas dificuldades iniciais, a linguagem revela-se uma fonte abundante de recursos para o estudo comparativo não apenas das línguas, mas também das religiões.<sup>178</sup>

Ao longo desses estudos, torna-se evidente, conforme aponta o autor, que ideias preconcebidas acerca de fenômenos linguísticos ou religiosos constituem, na verdade, verdadeiras barreiras epistemológicas. Essas concepções, muitas vezes assumidas de forma acrítica, impedem o avanço do conhecimento, fechando portas fundamentais para a compreensão mais profunda da realidade histórica e espiritual da humanidade. Segundo Guilherme, a aceitação passiva de afirmações já estabelecidas acerca de determinados fatos linguísticos e religiosos compromete a liberdade investigativa e dificulta a obtenção de resultados autênticos em um campo já tantas vezes explorado – e, não raro, sem êxito – por intelectuais bem preparados. As línguas, nesse contexto, são capazes de proporcionar revelações surpreendentes, oferecendo chaves interpretativas preciosas para a correta compreensão de sistemas religiosos que, até então, haviam sido representados sob óticas distorcidas e arbitrárias.

---

<sup>178</sup> Stein Jr., 2017, p. 130.

#### 4.5 A RELIGIÃO E A LÍNGUA SUMERIANAS

Essa abordagem metodológica, que exige flexibilidade e profundidade investigativa, é uma marca do trabalho de Guilherme Stein Jr., especialmente em *O Tupi* tomo 2. Logo no início dessa obra, ele estabelece conexões entre raízes sumérias que compõem o nome da divindade Nig-Sag-II e seu templo Ezagila, situado na antiga Babilônia, e termos cognatos presentes em um amplo espectro de línguas indígenas das Américas e de idiomas antigos e modernos da Europa e da Ásia.<sup>179</sup> Com isso, o autor procura demonstrar que diversos povos preservaram, em suas tradições linguísticas e religiosas, elementos do conhecimento acerca da morte vicária do Messias.

O autor faz análises detalhadas do santuário de Nig-Sag-II, estabelecendo paralelos entre ele e o santuário israelita, com especial atenção ao simbolismo da morte e da ressurreição do Messias. Esse simbolismo, segundo ele, encontra-se refletido no ciclo mensal das lunações, tema recorrente nas tradições indígenas, o que, por sua vez, evidencia a universalidade desse conhecimento messiânico.

A atenção do autor também se volta a diversos outros templos mesopotâmicos e aos seus rituais específicos, com o objetivo de identificar, em cada um deles, a manifestação de aspectos da obra redentora do Messias. Sua análise revela, assim, um padrão interpretativo que unifica as manifestações religiosas de diferentes culturas, tendo como ponto central a figura do Redentor e a preservação, por meio da linguagem, de verdades fundamentais sobre Sua missão.

Uma associação simbólica particularmente interessante elaborada por Guilherme encontra-se na analogia entre a figura de Aquiles e a constelação de Ophiuchus, o “vencedor da serpente” (Ophidio).<sup>180</sup> No entendimento do autor, há uma correspondência significativa entre os signos zodiacais de Ophiuchus (Serpentário) e Escorpião, os quais se complementam mutuamente e simbolicamente. Ophiuchus é representado como um Hércules mítico que esmaga a cabeça do escorpião com um dos pés, ao passo que mantém o outro sobre a cauda do animal, sobre a qual se projeta o agulhão venenoso. Em seus braços estendidos, sustenta uma enorme serpente, que estrangula. Essa imagem icônica, conforme interpretada por Guilherme, remete diretamente à profecia bíblica de Gênesis 3:15, na qual a semente da mulher fere a cabeça da serpente, ao mesmo tempo em que esta lhe fere o calcanhar. Como a

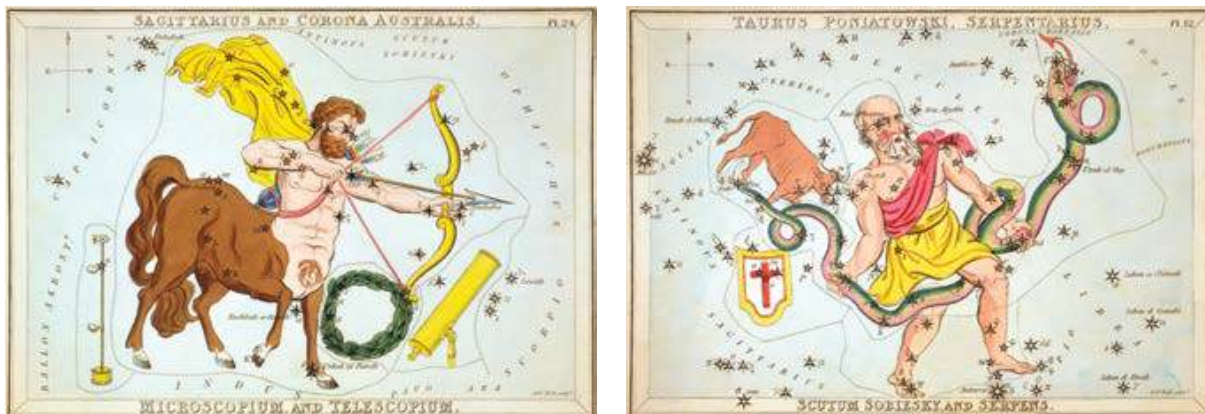
---

<sup>179</sup> Stein Jr., 2014, p. 168.

<sup>180</sup> Stein Jr., 2014, p. 154.

serpente, por sua morfologia, não possui agulhão na cauda, foi necessário, segundo o autor, o uso conjunto das duas constelações para representar simbolicamente os dois eventos simultâneos: a vitória e o ferimento.

Figuras 30a e 30b – constelações que revelariam aspectos da história bíblica.



Fonte: livro *A Origem Comum das Línguas e das Religiões*.<sup>181</sup>

Outro paralelo interessante é apontado a partir da página 37 de seu livro *A Torre de Babel e Seus Mistérios*.<sup>182</sup> Guilherme destaca as semelhanças entre o relato bíblico da queda e a imagem talhada em um cilindro de pedra (Cilindro da Tentação, do século 23 a.C.), hoje mantido no Museu Britânico, no qual se vê um casal sentado, uma serpente e uma árvore. O deus Ea entrega o destino do casal ao deus Marduk, seu redentor.

Figura 31 – Cilindro-selo sumério conhecido como “Cilindro da Tentação”



Fonte: The British Museum.<sup>183</sup>

<sup>181</sup> Stein Jr, 2021.

<sup>182</sup> Stein Jr., 2017, p. 37.

<sup>183</sup> Disponível em: [http://britishmuseum.org/collection/object/W\\_1846-0523-347?selectedImageId=1614126931](http://britishmuseum.org/collection/object/W_1846-0523-347?selectedImageId=1614126931). Acesso em: 13 nov. 2025.

Nota: O “Cilindro da Tentação”, exibido no Museu Britânico, mostra duas figuras sentadas diante de uma árvore com uma serpente atrás, cena que muitos associam simbolicamente ao relato bíblico do Éden.

As culturas antigas do Oriente Próximo, como a suméria, desenvolveram narrativas religiosas que apresentam paralelos notáveis com os relatos bíblicos. Essas semelhanças não devem ser interpretadas como simples empréstimos, mas como evidências de uma memória comum da humanidade acerca de eventos primordiais, reinterpretada de modos distintos em cada tradição.<sup>184</sup>

Um exemplo evidente é o dilúvio. Na epopeia suméria de Gilgamesh, inspirada em tradições ainda mais antigas como o mito de Ziusudra, os deuses decidem destruir a humanidade por meio de uma grande inundação. Um herói é advertido e constrói uma embarcação para preservar pessoas e animais. O relato bíblico em Gênesis 6–9 apresenta Noé como protagonista de uma história semelhante: Deus envia o dilúvio como juízo sobre a corrupção humana, mas preserva a vida por meio da arca. A correspondência entre as narrativas sugere que ambas se baseiam em um evento histórico real, reinterpretado à luz das cosmovisões distintas.<sup>185</sup>

Também na questão da criação do ser humano observam-se paralelos. Segundo os textos sumérios, os homens foram moldados do barro misturado ao sangue de um deus derrotado, a fim de aliviar os trabalhos divinos. Já em Gênesis 2, o homem é formado do pó da terra, mas recebe o fôlego da vida diretamente de Deus. Em ambos os casos, o elemento material da terra está presente, mas na narrativa bíblica a dignidade humana é ressaltada, uma vez que o ser humano é feito à imagem do Criador e não como servo subalterno dos deuses.<sup>186</sup>

Outra semelhança aparece na concepção de um lugar paradisíaco. Fontes mesopotâmicas mencionam Dilmun, um jardim fértil e puro, associado à presença de divindades e a uma árvore especial. Essa ideia encontra paralelo no Éden bíblico,

---

<sup>184</sup> BECKMAN, Gary. **A brief history of Ancient Mesopotamia**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

<sup>185</sup> SALES, Paulo Gabriel Castro. **Análise e comparação da Epopeia de Gilgamesh e o dilúvio bíblico**. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/41606811/An%C3%A1lise\\_e\\_compara%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Epopeia\\_de\\_Gilgamesh\\_e\\_o\\_Dil%C3%BAvio\\_b%C3%ADblico](https://www.academia.edu/41606811/An%C3%A1lise_e_compara%C3%A7%C3%A3o_da_Epopeia_de_Gilgamesh_e_o_Dil%C3%BAvio_b%C3%ADblico). Acesso em: 7 set. 2025.

<sup>186</sup> PIERRE, André de. Como os sumérios influenciaram a Bíblia. **Revista Enigmas**, 2021. Disponível em: <https://revistaenigmas.com.br/2021/03/como-os-sumerios-influenciaram-a-biblia/>. Acesso em: 7 set. 2025.

onde árvores específicas simbolizam tanto a vida eterna como a escolha moral do ser humano.<sup>187</sup>

Do ponto de vista cultural, tanto na Suméria quanto em Israel a religião era central na vida social. As cidades sumérias tinham o zigurate como polo de culto e organização comunitária, enquanto entre os hebreus o tabernáculo e, posteriormente, o templo de Jerusalém desempenharam papel análogo. Além disso, em ambas as culturas havia sacerdotes com função mediadora entre o povo e a esfera divina.

No entanto, é preciso destacar as diferenças fundamentais. A religião suméria era politeísta, marcada por conflitos e limitações dos deuses, ao passo que a fé bíblica é monoteísta, centrada em um Deus único, eterno e soberano. Enquanto nos mitos mesopotâmicos a humanidade é criada para servir de mão-de-obra aos deuses, a Bíblia afirma que o ser humano foi criado para refletir a imagem de Deus e administrar responsabilmente a criação.

Assim, os paralelos entre as tradições sumérias e a narrativa bíblica revelam pontos de contato culturais e literários, mas também destacam a singularidade da cosmovisão bíblica. Longe de ser um mito entre outros, o relato bíblico apresenta uma teologia coerente, que rompe com a lógica politeísta e estabelece um fundamento para a dignidade humana e para a compreensão de Deus como Criador absoluto.

No decorrer de suas análises mitológicas e simbólicas, Guilherme cita com frequência autoridades renomadas nas áreas de linguística, mitologia e religião comparada. Dentre essas, destacam-se suas recorrentes referências a *The Golden Bough*, de J. G. Frazer, obra monumental utilizada pelo autor para ilustrar ritos e cerimônias que, em distintos povos, compartilham estruturas simbólicas semelhantes ou arquétipos religiosos comuns. No entanto, é importante salientar que, apesar das muitas menções a Frazer, Guilherme se opõe sistematicamente à tese evolucionista também subjacente à obra do autor britânico. Enquanto Frazer defende que a religião teria se originado de cultos primitivos dirigidos à natureza e posteriormente evoluído para sistemas religiosos mais complexos – como as cerimônias sumérias ligadas ao plantio e à colheita dos cereais –, Guilherme adota uma abordagem criacionista, enraizada no relato bíblico e na ideia de uma religião original monoteísta, que teria sido progressivamente corrompida pelas civilizações posteriores.

---

<sup>187</sup> ALSTER, Bendt. **The Myth of Dilmun**: features of Sumerian mythological literature. *Journal of Human Sciences*, v. 2015, n. 1, p. 12-43, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12785/JHS/20150110>. Acesso em: 7 set. 2025.

Desse modo, os estudos aprofundados de Guilherme sobre a língua e a religião da Suméria constituem a base sobre a qual ele ergue todo o seu edifício teórico-comparativo. A partir dessa plataforma, o autor formula uma metodologia própria – rigorosa, mas distinta da tradição evolucionista –, com a qual conduz suas análises nos campos da linguística histórica e da mitologia comparada. Sua contribuição, portanto, caracteriza-se não apenas pela erudição, mas, sobretudo, por oferecer uma leitura alternativa aos paradigmas predominantes, propondo uma interpretação unitária e coerente das religiões e línguas a partir da cosmovisão bíblica.

#### 4.6 METODOLOGIA E CONTRIBUIÇÕES

A originalidade do pensamento de Guilherme Stein Jr. reside na integração de estudos linguísticos com tradições religiosas, propondo que a linguagem e a religião compartilham uma origem monogenista. Ele argumenta que a religião suméria primitiva era monoteísta e que suas tradições influenciaram outras culturas, incluindo as indígenas americanas. Essa perspectiva contrasta com a visão evolucionista, que sugere uma progressão do animismo ao monoteísmo.

Guilherme acreditava que a língua nasceu com a religião e é inseparável dela, sendo um reflexo objetivo da espiritualidade original da humanidade. A partir disso, a linguagem pode ser usada como chave para a compreensão da história religiosa da humanidade.

Assim, as principais contribuições de Guilherme incluem:

- a) metodologia comparativa: desenvolveu uma abordagem que correlaciona linguística, mitologia e teologia, buscando padrões comuns entre diferentes culturas;
- b) obras publicadas: seus livros, como *O Tupi* (tomos 1 e 2) e *O Sábado*, oferecem análises detalhadas sobre a origem comum das línguas e religiões, com ênfase nas tradições indígenas e sumérias;
- c) crítica ao evolucionismo: desafiou as teorias evolucionistas, propondo que a degeneração cultural, e não a evolução, explica as variações religiosas;
- d) preservação cultural: valorizou as línguas e tradições indígenas, argumentando que elas contêm vestígios de uma revelação original comum.

Sua abordagem interdisciplinar e crítica ao evolucionismo proporcionam uma contribuição valiosa e única para os campos da linguística, teologia e antropologia. E sua metodologia pode ser assim descrita:

- a) estudo linguístico profundo (com mais de 200 línguas analisadas);
- b) comparações entre tradições religiosas e mitológicas;
- c) investigação arqueológica e histórica;
- d) estrutura conceitual criacionista como base interpretativa.

A trilogia sobre a origem das línguas e das religiões constitui o ápice intelectual de Guilherme Stein Jr. – a síntese de toda uma vida dedicada a conciliar fé e razão sob a luz das Escrituras. De seus estudos sobre o sábado e o monoteísmo primitivo até as comparações linguísticas entre o tupi, o hebraico e o sumério, percebe-se uma trajetória marcada por erudição, sensibilidade espiritual e ousadia interpretativa. Seu propósito não era apenas oferecer uma explicação alternativa ao evolucionismo, mas resgatar a memória espiritual da humanidade, reafirmando que a Palavra de Deus é o alicerce da história, da cultura e da linguagem humanas. Assim, o erudito de Piracicaba inscreveu seu nome entre os primeiros pensadores brasileiros a formular uma linguística teológica e criacionista, deixando como legado uma visão integradora na qual ciência e fé convergem na confissão de um mesmo princípio: “No princípio era o Verbo” (Jo 1:1).

## 5 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou analisar o legado literário de Guilherme Stein Jr., destacando seu papel como um dos principais articuladores do pensamento adventista no Brasil e como pioneiro da educação, da imprensa e da apologética criacionista no contexto nacional. A partir da leitura atenta de suas obras e da contextualização histórica de sua produção, foi possível perceber que Guilherme não apenas transmitiu ideias, mas moldou uma forma particular de pensar a fé, integrando teologia, cultura e educação em um tempo de intensas transformações políticas e intelectuais no País.

Suas obras revelam um autor que, embora profundamente vinculado à tradição protestante europeia de sua formação, soube dialogar com os desafios do Brasil republicano nascente, marcado pelo positivismo e pelo cientificismo. Ao defender a autoridade da Bíblia e a racionalidade da fé, Guilherme construiu uma narrativa criacionista e profética que se tornaria referência para gerações posteriores de adventistas brasileiros, tendo, inclusive, influenciado fortemente os rumos e as produções da Sociedade Criacionista Brasileira. Ele traduziu, adaptou e reinterpretou conceitos teológicos em linguagem acessível, estabelecendo uma ponte entre os pioneiros norte-americanos e o público leitor nacional, deixando sua marca na obra de publicações da Igreja Adventista no Brasil e na obra educacional da denominação.

A análise da obra de Guilherme Stein Jr. revela um traço especialmente significativo e ainda pouco explorado: sua capacidade de criticar a modernidade recorrendo a instrumentos produzidos por ela mesma. Embora rejeite o cientificismo e o naturalismo característicos do pensamento moderno, Guilherme apropria-se de linguagem técnica, estruturas lógicas e estratégias argumentativas próprias do discurso científico, aproximando-se, assim, do padrão observado no fundamentalismo protestante do início do século 20. Essa tensão – entre recusa ideológica e incorporação metodológica – abre um campo de investigação promissor, que ultrapassa o escopo desta dissertação. Estudos futuros poderão aprofundar de que maneira essa dinâmica moldou a recepção de sua obra no adventismo brasileiro, influenciou a apologética criacionista nacional e contribuiu para consolidar uma identidade religiosa que dialoga criticamente, mas não deixa de operar com categorias da própria modernidade.

Outro aspecto que merece investigação mais profunda diz respeito às influências luteranas – e possivelmente pietistas – presentes no pensamento de Guilherme

Stein Jr., bem como à forma como essas tradições se mesclaram às contribuições dos teólogos adventistas norte-americanos e aos escritos de Ellen G. White. A convivência entre essas matrizes teológicas pode ter moldado nuances importantes de sua hermenêutica, de sua visão de igreja e de sua postura apologética, mas tal dinâmica ainda carece de estudo sistemático. Uma análise mais detida de sua correspondência pessoal e, especialmente, de seus artigos nas diversas edições de *O Arauto da Verdade* poderá lançar luz sobre essa questão. Nesta dissertação, concentrei-me no volume inaugural da revista, publicado em 1900; contudo, existe mais de uma dezena de números editados por Guilherme, cuja investigação criteriosa certamente ampliará a compreensão de seu pensamento e de sua contribuição ao adventismo nascente no Brasil.

Finalmente, outro posicionamento de Guilherme que mereceria atenção mais aprofundada é sua concepção de inspiração e sua ideia com relação às Escrituras Sagradas. Por ora, basta dizer que, como qualquer adventista minimamente informado, Guilherme não era inerrantista e não cria na inspiração verbal, embora defendesse, por exemplo, a historicidade/factualidade dos primeiros capítulos do livro de Gênesis.

A presente análise também permitiu constatar que Guilherme Stein Jr. foi, em muitos aspectos, um agente cultural no sentido chartieriano e bourdieusiano do termo: alguém que, pela palavra impressa, criou comunidades de leitura e contribuiu para a formação de um *habitus* adventista próprio. Seus textos – tanto os livros quanto os artigos em *O Arauto da Verdade* – constituíram-se em ferramentas de consolidação de identidade, de resistência simbólica ao secularismo e de formação de capital cultural dentro do campo religioso adventista.

Assim, o legado de Guilherme transcende o valor histórico de suas obras. Ele representa um elo entre o adventismo missionário inicial e o desenvolvimento de uma teologia contextualizada, capaz de dialogar com a realidade brasileira sem perder o vínculo com os princípios bíblicos e criacionistas. Sua produção literária se mostra, portanto, essencial não apenas para a compreensão do adventismo primitivo no Brasil, mas também para a reflexão sobre o papel da literatura e da educação na preservação da fé e na construção de identidade comunitária.

Embora esta dissertação tenha buscado lançar luz sobre o pensamento e a obra de Guilherme Stein Jr., ainda há amplas possibilidades de aprofundamento. Sugere-se, para estudos futuros:

- a) uma análise mais detida de suas cartas pessoais, ainda pouco exploradas, as quais podem revelar aspectos íntimos de sua teologia e de suas motivações espirituais;
- b) um exame sistemático de seus artigos e dos primeiros números de *O Arauto da Verdade*, a fim de compreender de modo mais completo sua visão sobre fé, cultura e ciência;
- c) uma investigação sobre as influências luteranas herdadas de seu contexto familiar e educacional, verificando até que ponto esse *background* germânico foi incorporado ou reformulado em sua experiência adventista;
- d) um estudo comparativo mais aprofundado entre as leituras dos pioneiros adventistas norte-americanos e as produções de Guilherme, para identificar possíveis fusões de pensamento e adaptações locais (contextualização);
- e) uma reflexão sobre como essa síntese teológica e cultural influenciou o adventismo inicial no Brasil, especialmente nas áreas da educação, das publicações e da apologética;
- f) Uma análise mais detida sobre a tensão singular entre a crítica steiniana à modernidade e o uso das próprias ferramentas modernas para fundamentar sua apologética, abrindo um campo de estudo ainda pouco explorado sobre como essa dinâmica influenciou o adventismo brasileiro.

Ao recuperar e reinterpretar o legado de Guilherme Stein Jr., esta pesquisa pretende não apenas preencher uma lacuna historiográfica, mas também inspirar novas gerações a valorizar a integração entre fé, razão e cultura. O exemplo de Guilherme permanece atual: sua vida e obra lembram que o verdadeiro conhecimento nasce do diálogo entre o amor à verdade e o compromisso com o Deus Criador.

## REFERÊNCIAS

- ALSTER, Bendt. **The Myth of Dilmun: features of Sumerian mythological literature.** *Journal of Human Sciences*, v. 2015, n. 1, p. 12-43, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12785/JHS/20150110>. Acesso em: 7 set. 2025.
- ANDREWS, John Nevins. **History of the sabbath and the first day of the week.** Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1873.
- ANDREWS, John Nevins. **História do sábado e o primeiro dia da semana.** Engenheiro Coelho: Adventist Pioneer Library, 2018.
- ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.
- BARKER, Joseph; BARKER, John Thomas. **The life of Joseph Barker.** London: Hodder and Stoughton, 1880.
- BECKMAN, Gary. **A brief history of Ancient Mesopotamia.** Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BERGER, J. F. Canvassing in Brazil. **The Missionary Magazine**, v. 11, n. 6, p. 253-255, 1899.
- BLOWER, Ana Paula. Grupos distorcem estudos, e cientistas frisam: 'Não existem raças humanas do ponto de vista genético'. **O Globo**, 19 out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/grupos-distorcem-estudos-cientistas-frisam-nao-existem-racas-humanas-do-ponto-de-vista-genetico-23168524>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- BORGES, Michelson. A toda tribo, língua e povo. **Revista Adventista**, ano 101, n. 6, p. 8-11, 2006.
- BORGES, Michelson. **A chegada do adventismo ao Brasil: histórias de fé, coragem e dedicação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.
- BORGES, Michelson; ALVES, Matusalém. Pedra do Ingá, pai Sumé e a possível relação com o relato bíblico do dilúvio: uma análise crítica. **Protestantismo em Revista**, v. 50, n. 2, p. 1-11, 2024. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/PR/article/view/3382>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDB-VJTXqNg96xx6dM/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 9. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

COSTA, Márcio. **Augusto Baer Stauffer: o primeiro missionário Adventista no Brasil**. Ivatuba: Editora IAP, 2021.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da (org.). **Teologia e ciências naturais: teologia da criação, ciências e tecnologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CRUZ, Karla Janaina Costa. **Cultura impressa e prática leitora protestante no oitocentos**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6477?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6477?locale=pt_BR). Acesso em: 11 jun. 2024.

DARWIN, Charles. **The descent of man, and selection in relation to sex**. London: John Murray, 1871. v. 1.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **História de nossa igreja**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1959.

FAGAN, Brian M. **Ancient North America: the archaeology of a continent**. 4. ed. New York: Thames & Hudson, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Laurentino. **1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a Proclamação da República no Brasil**. São Paulo: Globo Livros, 2014.

GRANT, Arthur Henry. Barker, Joseph (1806-1875). *In*: STEPHEN, Leslie (ed.). **Dictionary of national biography**. London: Smith, Elder & Co., 1885. v. 3. p. 204-206.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HEGELER, Klaus. **Urmonotheismus: Wilhelm Schmidt und die Religionsethnologie**. München: Kösel, 1994.

KLINGBEIL, Gerald. **Ele falou e tudo se fez**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2022.

KNIGHT, George. **Adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

KRÄHENBÜHL, a indústria mais antiga do Estado. **A Província**, 13 set. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2ZF18iu>. Acesso em: 19 jun. 2019.

LANG, Andrew. **The making of religion**. 2. ed. London: Longmans, Green, and Co., 1900

LEITZE, Frieda Mückenberger. **Nas mãos de Deus**. Gaithersburg, MD: Signature Books, 1999.

LUTERO, Martinho. *De Captivitate Babylonica Ecclesiae*. Wittenberg: [s. n.], 1520.

LUTERO, Martinho. *Der Papst und der Antichrist*. Wittenberg: [s. n.], 1545.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MORELAND, James Porter. **The recalcitrant Imago Dei: human persons and the failure of naturalism**. London: SCM Press, 2010.

NIGRI, Moysés S. Tomba o primeiro Adventista do Sétimo Dia batizado no Brasil. **Revista Adventista**, ano 53, n. 1, p. 38, 1958.

PIERRE, André de. Como os sumérios influenciaram a Bíblia. **Revista Enigmas**, 2021. Disponível em: <https://revistaenigmas.com.br/2021/03/como-os-sumerios-influenciaram-a-biblia/>. Acesso em: 7 set. 2025.

PLANTINGA, Alvin. **Where the conflict really lies: science, religion, and naturalism**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

RAMOS, Jhonathas Armond Assis. Pierre Bourdieu e Paulo Freire: um diálogo pela educação. **Revista Entreideias**, v. 9, n. 3, p. 9-28, 2020.

ROCHA, Diego. O primeiro adventista do sétimo dia a visitar o Brasil: Quem foi o pastor Lawrence Creighton Chadwick? **The Patchfinder**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.thepatchfinder.com/blogs/news/primeiro-adventista-do-setimo-dia-a-visitar-o-brasil>. Acesso em: 6 out. 2025.

SALES, Paulo Gabriel Castro. **Análise e comparação da Epopeia de Gilgamesh e o dilúvio bíblico**. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/41606811/An%C3%A1lise\\_e\\_compara%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Epopeia\\_de\\_Gilgamesh\\_e\\_o\\_Dil%C3%BAvio\\_b%C3%ADblico](https://www.academia.edu/41606811/An%C3%A1lise_e_compara%C3%A7%C3%A3o_da_Epopeia_de_Gilgamesh_e_o_Dil%C3%BAvio_b%C3%ADblico). Acesso em: 7 set. 2025.

SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

SEAMAN, John. **Quem são os adventistas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2025.

STEIN JR., Guilherme. A voice from Brazil. **The Home Missionary**, v. 7, n. 6, p. 135, 1895.

STEIN JR., Guilherme (ed.). **O Arauto da Verdade**. Sociedade Internacional de Tratados, 1900.

SMITH, Uriah. **Thoughts on Daniel and the Revelation**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1944.

STEIN JR., Guilherme. **Sucessos preditos da história universal**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 1995.

STEIN JR., Guilherme. **O sábado ou o repouso do sétimo dia**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2001.

STEIN JR., Guilherme. **A origem comum das línguas e das religiões: o Tupi**, tomo 2. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2014.

STEIN JR., Guilherme. **A Torre de Babel e seus mistérios**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2017.

STEIN JR., Guilherme. **A origem comum das línguas e das religiões: o Tupi**, tomo 1. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2021.

STENMARK, Mikael. **Scientism: science, ethics and religion**. Aldershot: Ashgate, 2001.

STREITHORST, Ruth Vieira. **Pelos caminhos e valados**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

TORRE de Babel: mito ou verdade? **IstoÉ**, 4 mar. 2011. Disponível em: [https://revista.istoe.com.br/127042\\_torredebabelmitoouverdade](https://revista.istoe.com.br/127042_torredebabelmitoouverdade). Acesso em: 12 nov. 2025.

TRESPACH, Rodrigo. **1824: como os alemães vieram parar no Brasil, criaram as primeiras colônias, participaram do surgimento da Igreja Protestante e de um plano para assassinar D. Pedro I**. São Paulo: LeYa, 2019.

TYLOR, Edward B. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom**. Londres: John Murray, 1871. v. 1.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo; VIEIRA, Rui Corrêa. Apresentação. *In*: STEIN JR., Guilherme. **Sucessos preditos da história universal**. 2. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 1995. p. 5-7.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **Um tronco comum para os idiomas**. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 1998.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **Primórdios criacionistas da Educação Adventista no Brasil**: destacando a contribuição de um pioneiro. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2011.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **A época e a obra pioneira de Guilherme Stein Jr.** 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2015.

WAERZEGGERS, Caroline. **The Ezida temple of Borsippa**: priesthood, cult, archives. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2010. (Achaemenid History, v. 15).

WALDVOGEL, Luiz. **Memórias do tio Luiz**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

WESTPHAL, Frank H. **Pioneering in the neglected continent**. Nashville: Southern Publishing Association, 1927.

WHITE, Ellen Gould. The path of progress. **Review and Herald**, v. 65, n. 8, p. 113-128, 1888.

WHITE, Ellen Gould. **Mensagens escolhidas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 2.